

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Título: Disposições dos adolescentes em relação ao futuro: um estudo
exploratório dos seus determinantes sociais.**

Autora: Sueli Aparecida de Paula Presta
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Fonseca de Almeida

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Sueli Aparecida de Paula Presta e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 18/12/2007

Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

Kiui Ap. Fouzaki

Glazilda Pereira

Campinas
2007

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P926d Presta, Sueli Aparecida de Paula.
Disposições dos adolescentes em relação ao futuro : um estudo exploratório dos seus determinantes sociais / Sueli Aparecida de Paula Presta. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador : Ana Maria Fonseca de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Desigualdades sociais. 3. Adolescentes. 4. Educação do futuro. 5.Trabalho. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-575/BFE

Título em inglês: Adolescents dispositions towards the future : an exploratory study of its social determinants

Keywords: Education ; Social Inequality ; Adolescents ; Education of future ; Work

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Fonseca de Almeida (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Kimi Aparecida Tomizaki

Prof^a. Dr^a. Graziela Serroni Perosa

Prof^a. Dr^a. Debora Mazza

Prof^a. Dr^a. Maria Sílvia Pinto de Moura Librandi da Rocha

Data da defesa: 18/12/2007

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : paulapresta@interall.com.br

*Dedico este trabalho
aos meus filhos Domingos e Marcel
e a todos meus alunos e ex alunos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Benedita Sproesser de Paula, ao meu pai, Cesário de Paula Neto (in memória) e a cada um dos meus dez irmãos pela convivência e exemplo de vida.

Ao meu marido, Domingos Tadeu Presta pela companhia e abraço diário e caloroso.

À Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Fonseca de Almeida, minha orientadora, pela confiança e por ter me proporcionado a oportunidade de participar de seu grupo de trabalho.

Às Prof^ª. Dr^ª. Graziela Perosa, Prof^ª. Dr^ª. Kimi Tomizaki e Prof^ª. Dr^ª. Maria Sílvia da Rocha pelas contribuições valiosas para construção deste trabalho.

Às famílias e seus filhos adolescentes que participaram da pesquisa pela receptividade e por confiarem a mim um pouco de suas histórias.

Todas as guerras do mundo são iguais
Todas as fomes são iguais
Todos os amores são iguais, iguais, iguais.
Iguais todos os rompimentos
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas, ou indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.
Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar."

"A paixão medida" - Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esta dissertação focaliza os processos pelos quais adolescentes de diferentes grupos sociais constroem disposições quanto ao futuro em relação à escola e ao trabalho. A partir de entrevistas com 14 adolescentes com idades entre 13 e 15 anos e suas famílias procurou-se identificar a maneira como tais disposições se expressam e como se relacionam às experiências educativas a que os jovens estiveram expostos. O trabalho de campo foi realizado numa cidade de porte médio no interior de São Paulo, por meio de observação e entrevistas semi diretas. Pode-se notar que as disposições quanto ao futuro são tributárias, por um lado, do sentido da trajetória social do grupo familiar (ascendente ou descendente) e, por outro, da estrutura dos patrimônios simbólico e material de que dispõe essas famílias, gerando, ao final, um ajustamento claro entre disposições e chances de torná-las realidade. No entanto, essas disposições são ameaçadas pelo veredito escolar que pode impor percepções diferentes de futuro daquelas construídas na relação com as condições sociais da família.

ABSTRACT

The dissertation examines the processes by which adolescents from different social backgrounds construct their dispositions toward the future in respect to school and work. Interviews with 14 teenagers and their family members have shown that the upward or downward social trajectory of the family and the structure of its symbolic and material patrimonies interact in the socialization processes to build specific ambitions toward the future that are adjusted to their chances of becoming reality. Only the school verdict is capable of imposing ambitions other than those constructed in relation to the families social conditions. The implication of these findings are discussed.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Pensar no futuro como um projeto.....	2
Uma sociedade dividida.....	6
Compreendendo o campo	10
Estabelecendo contatos	14
1- Os adolescentes dos grupos populares.....	16
2- Os adolescentes dos grupos médios.....	18
Espaços escolares e clivagens sociais.....	20
Capítulo 1 - “O primeiro emprego que tiver eu pego” - A força do curto prazo	23
Recursos econômicos reduzidos.....	24
Desconfiança em relação à escola	26
A necessidade material e moral do trabalho.....	27
Movimento interno de cada família.....	28
Capítulo 2 – Investindo na escolarização	47
Mobilidade geográfica e a consolidação da estabilidade econômica.....	49
Prolongamento da escolarização.....	51
Movimento interno de cada família.....	53
Capítulo 3 – Conquistas econômicas em curto prazo	71
História da situação econômica não atrelada a investimentos escolares.....	72
Trabalho para maior liberdade de consumo.....	73
Desempenho escolar abaixo da média.....	74
Movimento interno de cada família.....	75
Capítulo 4 – Projeto linear de longo prazo	85
Ampliação de recursos econômicos e culturais ao longo das gerações.....	85
Vereditos escolares positivos em várias gerações.....	86
Movimento interno de cada família.....	87
Considerações finais	97
Bibliografia	99
Anexo	03

Introdução

A avenida de mais ou menos dois mil metros que separa o bairro do *campus* da universidade pública estava totalmente congestionada naquela manhã de domingo do mês de dezembro de 2005. A longa fila de carros movia-se muito lentamente. Não, não era dia de vestibular. Naquela manhã ocorreria o processo de seleção para o colégio técnico. Assim, em cada carro havia um ou mais jovens que, ao terminar o ensino fundamental obrigatório, se dirigia para o local com o objetivo de prestar exames de admissão ao ensino técnico. No último terço do percurso, o trânsito continuava lento, quase parado. O tempo corria e logo as portas das salas de exame seriam fechadas. Os jovens preocupados com o horário começaram a descer dos carros, muitos deles acompanhados pelas mães, continuavam o trajeto a pé, às vezes correndo.

Enquanto isso, no *campus* da universidade, alguns grupos de jovens já aguardavam a abertura das salas. O fato de estarem acompanhados por seus professores, assim como a postura mais tranqüila indicava que eram, na maior parte, alunos de cursos preparatórios para o vestibulinho, que se julgavam mais familiarizados com o processo ou, pelo menos mais amparados.

Às 08h50min, as portas que davam acesso às salas das provas se fecharam. Na próxima meia hora continuaram a chegar outros candidatos. Um grupo de jovens com mochilas nas costas, vindos do ponto de ônibus, se aproximou. Um dos garotos, depois de muito perguntar, checar as listas e verificar o local das provas, descobriu que sua sala de exames estava situada do lado oposto do *campus*. Em outro local, outro grupo de jovens, alguns acompanhados pelas mães, gritavam, entre lágrimas, pedindo que as portas fossem reabertas. Numa avenida, vi uma senhora, correndo atrás de seu netinho de dois anos. A mãe havia saído com o filho mais velho tentando chegar a tempo na sala de provas. O filho mais novo, inconformado com a saída da mãe, corria pela avenida gritando por ela, enquanto a avó tentava detê-lo, sem sucesso.

Esse é apenas um exemplo da mobilização de algumas famílias na tentativa de construir o futuro profissional de seus filhos. Outras situações tão dramáticas quanto essa já foram relatadas em jornais diários, que registram as longas filas formadas por pais e

mães, mas também, às vezes, por avós, tios, irmãos e irmãs mais velhos nas portas das escolas públicas conceituadas, às vezes varando a noite em pé, mal acomodados em cadeiras ou lonas estendidas no chão, sem banheiro, às vezes na chuva para tentar conseguir ali uma vaga para seus adolescentes (Zero Hora, 2004). Há também relatos dos dramas das classes médias que submetem suas crianças e jovens aos vestibulinhos às vezes draconianos dos colégios privados mais prestigiosos.

São histórias simples, de gente comum, que expressam a crença das famílias de que há algo a fazer pelo futuro dos seus adolescentes¹. A concentração de esforços numa fase da vida em que os filhos atingem os quatorze ou quinze anos é comum às famílias de grupos populares e de grupos médios e expressa dilemas diferentes colocados pelo final do ensino fundamental. Para os grupos médios, trata-se aí do momento em que os jovens iniciam ou intensificam os esforços para alcançar o ensino superior, enquanto que, para os grupos populares, tem-se aí o momento em que as pressões para a entrada no mercado de trabalho transformam os investimentos escolares em algo constantemente questionado e mesmo, às vezes, recusado. Serão esses desenvolvimentos movidos por uma idéia de “projeto”?

Pensar no futuro como um projeto

Júlia², uma garota magra, de longos cabelos cor de mel e olhar tímido, acaba de fazer 14 anos. Ela ficou órfã de pai aos quatro anos e da mãe aos oito. Atualmente, o adulto responsável por ela é sua prima de 40 anos. A família reside numa casa de quatro cômodos ainda em construção, localizada no fundo do terreno. Em frente à sua casa o que se vê são sobras de materiais de construção armazenados, revelando o sonho de construir

¹ Na bibliografia especializada, os jovens entre 13 e 15 anos são mais frequentemente tratados como “adolescentes”. Optamos por utilizar esse termo nesse texto para se referir aos jovens envolvidos na pesquisa que lhe deu origem, simplesmente por acreditarmos que isso aumenta as condições de legibilidade. Para uma discussão sobre os jogos simbólicos envolvidos nesse tipo de classificação, o leitor interessado pode remeter-se ao excelente artigo de Pierre Bourdieu (1983) “A juventude é apenas uma palavra”.

² Todos os nomes próprios, seja de pessoas ou localidades, foram trocados para garantir o anonimato de nossos informantes.

mais um quarto para melhor acomodar a família. Júlia sonha em ser professora para ajudar as crianças. Ela não explica que crianças são essas. Serão crianças como ela? Pensa em procurar um trabalho logo para ajudar a família que a acolheu e com quem parece se sentir em dívida. Conclui sua conversa comigo dizendo: “*o primeiro emprego de tiver eu pego*”.

No mesmo município, num bairro não muito distante, Paulo, 13 anos, reside com a mãe, psicóloga e o pai, engenheiro elétrico. Este ocupa um cargo estável num dos mais conceituados laboratórios de pesquisa em telecomunicações e tecnologias da informação do país. Sua mãe atende num consultório particular localizado na avenida principal do distrito onde residem. Paulo é um garoto loiro, de olhos azuis brilhantes, sorriso aberto e desinibido, que fala sem grandes hesitações sobre o seu futuro. Ele tem planos de longo prazo: pretende fazer o curso de informática em um colégio técnico bastante concorrido do município, depois mecânica na universidade pública e, quando for adulto, aplicar na bolsa de valores.

Essa pesquisa teve como objetivo recensear essas diferenças e procurar pelos princípios que as explicam. Para desenvolvê-la, procurei remetê-las à posição social dos jovens que as exprimiam, acreditando, como Pierre Bourdieu, mas também Paul Willis, que as percepções quanto ao futuro são limitadas pelas relações estabelecidas com o presente.

O estudo de uma bibliografia selecionada e de um trabalho de campo preliminar no qual interroguei um grupo de adolescentes e seus pais ou mães sobre o que pretendiam fazer quanto ao futuro, deu origem a hipótese de que, embora aceitemos como algo natural o fato de que todos sejam capazes de analisar o presente e construir psicologicamente o futuro como um projeto, a idéia de futuro como projeto é algo que os indivíduos desenvolvem em função das suas condições sociais específicas.

Como mostra Bourdieu (1979) no seu estudo detalhado realizado na Argélia na década de sessenta, são fortes as relações entre as transformações econômicas e as disposições a respeito do futuro. Ao analisar a situação de transição da economia pré-capitalista para a economia capitalista, esse autor demonstra que as disposições em relação ao futuro são assimiladas através da educação explícita ou implícita e depende da organização social na qual os indivíduos estão envolvidos.

Assim, na lógica pré capitalista, as relações de parentesco, de solidariedade, de auxílio mútuo estão fortemente presentes; o trabalho possui uma função simbólica diante do grupo e cada um deve receber segundo suas necessidades. Cada indivíduo contribui para a reprodução simples da ordem social, ajustando suas expectativas de vida às probabilidades objetivas; toda ação é orientada independentemente de sua função econômica, mas sim como parte dos seus deveres tradicionais; enfim o indivíduo não se percebe como agente histórico, capaz de construir seu futuro de acordo com suas ações presentes.

Na lógica capitalista, diferentemente, o trabalho tem uma função econômica ligada ao lucro e cada indivíduo recebe um retorno econômico pelo seu trabalho conforme o que se percebe como sendo seus méritos ou o seu valor. Há uma maior adesão ao mundo do trabalho e um concomitante enfraquecimento das relações de parentesco. Há uma estrutura econômica que se impõe e cobra de cada indivíduo um determinado tipo de prática, como, por exemplo, a previsibilidade e calculabilidade. A instalação de disposições para tais práticas não se dá automaticamente, mas é o resultado da operação de mecanismos de socialização específicos.

Nas sociedades industrializadas avançadas de tipo capitalista que dispõem de um sistema de ensino unificado, os mecanismos que permitem a aprendizagem das disposições necessárias para guiar as práticas mais adaptadas à sua configuração produtiva particular identificam-se fundamentalmente com a família e a escola, encarregados que são de produzir nos indivíduos as disposições necessárias para se tornar membros atuantes da sociedade em que estão inseridos. Como se sabe, essas sociedades são caracterizadas por uma grande diversidade entre os grupos tanto em termos das disposições transmitidas pelas famílias, como em termos do acesso das crianças e jovens à escola única e obrigatória.

Nesse quadro, as disposições adaptadas ao cálculo e à previsibilidade não são desenvolvidas igualmente por toda a população. Como resultado, nem todos estão em condições de adquirir as disposições que permitem, por exemplo, a racionalização das condutas associada ao raciocínio em termos de “objetivo” e de “projeto”.

Compreende-se, dessa maneira, que, na discussão sobre as disposições dos agentes sociais com relação ao futuro, há que se considerar o fato de que essas só podem ser

compreendidas por referência à relação que os agentes estabelecem com o mundo num momento dado.

Como mostra também Bourdieu, além de ter interiorizado as disposições necessárias para formular um projeto de vida, para que as condutas individuais sejam organizadas segundo um plano, é preciso em primeiro lugar, que a pressão da necessidade econômica se abrande. Um emprego que se percebe como razoavelmente estável, um salário regular, um mínimo, enfim, de domínio sobre o tempo presente é necessário para se formar uma consciência temporal aberta e racional, ordenando as ações em função de um plano de vida.

“A ambição consciente de apropriar-se do futuro pelo cálculo racional depende estritamente das chances – inscritas nas condições econômicas – de conseguir tal apropriação.” (Bourdieu: 2004b: 88).

Assim, nessa lógica, a capacidade de antecipar o futuro só pode ser adquirida sob certas condições sociais. Ela depende das condições sociais das gerações anteriores, que permitiram ou não o acesso à socialização que garante essa capacidade, mas depende também da posição atual e potencial do agente.

Um terceiro ponto é também importante aqui e diz respeito ao fato de que a visão de futuro, como qualquer visão ou percepção social, é a visão a partir de um ponto. Por conseqüência, o que se define como futuro desejável e/ou provável para uns pode ser pensado como indesejável e/ou improvável para outros.

Assim, o ponto de vista do indivíduo sobre o seu futuro acaba sendo o futuro objetivo da classe à qual pertence, na medida em que todas as estratégias de investimento estão associadas à estrutura do patrimônio material e simbólico da família, isto é, a seus capitais, e também ao sentido da sua trajetória com relação a esse patrimônio. Uma trajetória que pode ter um sentido, por exemplo, de acumulação ou desacumulação, mas também de recomposição dos diferentes tipos de capitais que compõem esse patrimônio.

Essas foram as questões que permitiram construir uma pesquisa cujo objetivo foi identificar e analisar as disposições futuras no estudo e no trabalho de um grupo selecionado de jovens de classe popular e média ao final do ensino fundamental residentes numa cidade de porte médio no interior paulista. Procurou-se, mais especificamente,

examinar as opções escolares e profissionais constitutivas de seus projetos de futuro, identificando de que forma tais disposições são constituídas e relacionando-as às experiências educativas a que estiveram expostos.

Talvez seja importante sublinhar que não se trata de falar do adolescente ou do jovem como se fossem unidades com características semelhantes. Bourdieu (1983), por exemplo, chama a atenção para a diversidade entre o que se nomeia pelo termo “juventude” existente entre os dois extremos sociais: o burguês estudante e o jovem operário. Mostra, dessa maneira que “o jovem” não existe, existindo, sim, uma multiplicidade deles, variando em função dos diversos contextos sociais, inseridos num determinado espaço histórico e social, participando de grupos particulares, numa variedade infinita de configurações enfim vivendo histórias singulares.

Com essa questão em mente, foram realizadas entrevistas qualitativas com 15 adolescentes e um dos seus responsáveis buscando compreender a situação objetiva e subjetiva na qual se produz tais disposições quanto ao futuro. Procurou-se, assim, analisar a composição, volume e história dos capitais reunidos pela família, o significado que o adolescente e sua família atribuem a sua situação objetiva e as disposições que apresentam em relação ao futuro. Isso implicou também examinar as transformações econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas e a maneira como a persistente desigualdade social no Brasil pode influenciar as trajetórias das famílias e, portanto a formação dos adolescentes pesquisados.

Uma sociedade dividida

Durante a segunda metade do século passado, a sociedade brasileira passou rapidamente do sistema agrário para o sistema de classe do tipo capitalista, resultando mudanças significativas nos aspectos social, econômico e educacional.

Para algumas famílias pesquisadas as mudanças representaram significativa melhoria nas condições de vida. O relato da mãe de Denis indica as melhorias de vida alcançada pela família ao longo do tempo, desde a infância de seus pais, quando era necessário deixar de freqüentar a escola para ajudar na agricultura até os dias de hoje

quando seu filho tem TV e vídeo game no quarto e pode dedicar seu tempo exclusivamente aos estudos.

Para as famílias de Dirceu e Carlos a ascensão se deu pelo sucesso econômico no trabalho autônomo de seus pais. O pai de Dirceu apresenta sua trajetória de ascensão, de sua infância como ferrador de cavalos até os dias de hoje como pequeno empresário prestando serviços a grandes empresas públicas e privadas. Na família de Carlos a ascensão é comprovada pelo sucesso na empresa que o pai possui permitindo que seus filhos possam ter melhores condições, estudando em escolas privadas e se dedicando exclusivamente aos estudos. Nas famílias de Ariana, Paulo e Vicente a conquista do nível universitário e conseqüentemente empregos melhor remunerados permitiram proporcionar aos filhos uma vida mais confortável e estável. Ariana relata o esforço dos pais para conquistarem o atual nível de vida, o pai é médico e trabalha em dois hospitais, a mãe é formada em administração de empresa e atualmente não atua profissionalmente. O pai de Paulo é engenheiro elétrico em um centro de pesquisa e a mãe psicóloga, possui consultório próprio; o pai de Vicente é engenheiro químico e professor universitário e mãe nutricionista em uma instituição pública e desta forma podem proporcionar aos filhos melhores possibilidades de estudo e de liberdade para projetar o futuro.

Nas famílias pesquisadas, tanto de classe popular quanto de classe média, foi possível notar que, ao longo das gerações houve um aumento significativo no número de anos passados na escola. Os adolescentes dessas famílias chegaram ao final do ensino fundamental sem interrupção ou reprovações, o que parece representar um ganho em termos de proximidade com a cultura legítima em relação às gerações anteriores³.

No entanto para as famílias de Ariana, Júlia, Denise e Fábio isto não representou melhoria nas condições atuais ou esperanças futuras. A mãe de Ariana, merendeira numa escola pública, sustenta seus quatro filhos somente com o seu salário e se mostra desanimada quanto ao futuro. A família de Júlia está passando por período de turbulência com a chegada de duas primas e a espera de um bebê sem nenhuma perspectiva de melhora na situação atual. As famílias de Denise e Fábio apresentam uma trajetória de manutenção nas condições de vida e nas ocupações desempenhadas por familiares: a mãe

³ Nas escolas pesquisadas até o ano de 2007 permaneceu o sistema de seriação com a possibilidade de reprovação ao final de cada série.

de Denise depende da assistência da avó, os pais de Fábio residem no terreno dos avós e ambos se mostram resignados com a situação em que vivem.

Com relação à estrutura da distribuição de renda entre as famílias brasileiras e das oportunidades de inclusão econômica e social, Barros (2000) numa análise detalhada demonstra que o Brasil, um país com renda *per capita* relativamente elevada, manteve até o final do século passado cerca de 40% da população abaixo da linha de pobreza e aponta a estabilidade da desigualdade ao longo de nossa história:

“A análise atenta do período 1977-1998 revela, de forma contundente, que muito mais importante do que as pequenas flutuações observadas na desigualdade é a inacreditável estabilidade da intensa desigualdade de renda que acompanha a sociedade brasileira ao longo de todos esses anos.” (Barros, 2000: 136)

Estudos mais recentes, organizados pelo Ipea, destacam que nos últimos cinco anos a desigualdade tem apresentado queda, atingindo em 2005 o menor índice em 30 anos, mas sem comemorar a notícia o autor acrescenta que 90% dos países do mundo apresentam renda menos concentrada que a brasileira, isto é, o Brasil permanece como um dos mais desiguais (Barros, 2007).

Conforme demonstram os estudos acima, a desigualdade persiste ao longo da história brasileira passando pelo regime militar até os governos democraticamente eleitos.

No entanto há indicadores de melhoria em alguns aspectos. Nas duas últimas décadas, houve significativa evolução nos indicadores de bem estar da população e elevação da qualidade de vida, o mesmo podemos dizer dos níveis educacionais, melhoria no índice de fluxo, queda na distorção série/idade, atingindo praticamente a universalização do ensino fundamental (Silva, 2003b). Assim, de maneira geral houve melhoria tanto em termos educacionais quanto em qualidade de vida para uma parcela significativa da população brasileira.

“Provavelmente a característica mais notável do sistema educacional brasileiro atual é a sua rápida expansão, em todos os níveis, nas últimas décadas. Dados oficiais indicam que as matrículas no sistema de ensino brasileiro aumentaram mais de 2,7 vezes nestas três últimas décadas do século passado. O ensino fundamental mais que duplicou de tamanho

durante este período, ao passo que as matrículas no nível Superior cresceu quase cinco vezes.” (Silva, 2003b: 106)

Mas esse avanço da escolarização é comemorado sem muito entusiasmo pelas famílias dos grupos populares e seus adolescentes. Familiares de Ariana, Denis e Denise falam da queda da qualidade do ensino público, falam também da dificuldade de empregos apesar do aumento da escolaridade. O ambiente escolar é interpretado como apêndice da vida real, não significando para essa população a ampliação das possibilidades futuras para além daquelas já traçadas nos destinos de classe de cada um. Para as classes menos abastadas, o diploma almejado é a forma de fugir do trabalho braçal e buscar trabalhos que aparentemente exigem menor esforço físico ou mental, idealizando trabalhos ligados a aparatos tecnológicos simples como, por exemplo, o de secretária, no controle do seu telefone e computador.

Para as famílias com melhor situação econômica, a educação escolar é o principal meio de realização de um projeto de futuro e, para seus filhos, cursar a universidade é quase obrigatório. A opção pela escola privada e a aplicação de altos recursos na escolarização dos filhos são as formas encontradas pelas famílias de construir uma história de sucesso aos filhos. Além disso, de acordo com a capacidade econômica de cada família e a necessidade do filho, são providenciados cursos paralelos de inglês, curso preparatório para o vestibulinho e atendimentos com psicopedagogas e psicólogas. Há maior cobrança com relação ao serviço oferecido pelas instituições de ensino, tentando-se conhecer melhor a proposta de ensino e comparando-se os atendimentos das escolas por onde as crianças passaram. As mães de Vicente, Francisco e Paulo revelam ainda que não basta cursar uma faculdade, há necessidade de buscar uma universidade pública que são mais valorizadas no mercado de trabalho.

A divisão entre escola pública e privada acaba por reforçar o espaço que cabe a cada um e contribui para a reprodução de desigualdade. Nas escolas pesquisadas, tanto na pública quanto na privada, não há espaço para reflexão sobre as opções escolares e profissionais existentes na região, assim as opções são restritas ou amplas de acordo com o ambiente familiar onde o adolescente está inserido.

Isso vai ao encontro do que mostra Hasenbalg (2003b) sobre as últimas décadas no Brasil, a expansão do sistema educacional não foi acompanhada da ampliação da oferta de

trabalho. Embora com maior escolaridade, os jovens continuam entrando no mercado de trabalho com idade relativamente baixa e o fazem sem habilidades específicas esperadas pelo mercado de trabalho. Para a maioria dos jovens o primeiro emprego se dá em ocupações iguais ou inferiores daquelas de seus pais. É privilégio de uma pequena parcela de jovens de classes sociais mais elevadas a permanência prolongada na escola e o ingresso tardio no mercado de trabalho. O que se pode notar, em conclusão, é a transmissão intergeracional da desigualdade social:

*“...os brasileiros começam a trabalhar muito cedo e com pouca educação. Com o passar do tempo, a idade e a educação no momento de ingressar no primeiro emprego tendem a aumentar como resultado da transição de uma sociedade predominantemente agrária para uma sociedade urbana complexa e desigual. Essa transição estrutural foi acompanhada, nas duas ou três últimas décadas, por uma expansão do sistema educacional que redundou em uma melhoria do nível de instrução das novas coortes de ingressante no mercado de trabalho.” ...
“A maioria das pessoas consegue o seu primeiro emprego em ocupações inferiores ou iguais às de seus pais e ingressa no mundo do trabalho pela base da hierarquia social – como trabalhadores agrícolas ou como trabalhadores manuais urbanos.” (Hasenbalg, 2003b: 171).*

No grupo pesquisado, as meninas de classe popular apresentam maior disposição para o trabalho remunerado após o término do primeiro grau. Nas entrevistas, aparecem os seguintes elos causais: a busca de liberdade para explorar outros espaços de sociabilidade, não controlados pelas famílias; busca de recursos financeiros para satisfazer pequenos desejos de consumo e tentativa de aliviar o encargo que pensam representar para a família. No entanto, essa disposição para o trabalho remunerado é caracterizada por uma ressalva: a recusa do emprego doméstico desempenhado pelas figuras femininas em seu meio.

Compreendendo o campo

O panorama social e econômico afeta diretamente as relações sociais e as disposições quanto à programação do futuro. Os modos de encarar o futuro, da existência deixada ao acaso, ao projeto de futuro racional, variam segundo as condições materiais e

ao estatuto social de cada indivíduo. Desta forma é importante compreender o espaço social e econômico onde se deu a pesquisa.

Como mostra um estudo realizado a partir do censo 2000, são grandes a heterogeneidade e a diversidade sócio-espacial presentes em toda região do município paulista onde se deu a pesquisa. A análise aborda a evolução da situação regional ao longo do tempo tanto na dimensão sócio-econômica quanto na educacional e ressalta a manutenção da heterogeneidade e precariedade dos municípios periféricos.

A região em questão concentra 10,26% do produto interno bruto do estado de São Paulo e agrega 19 municípios com mais de dois milhões de pessoas correspondente a 7,5% da população do Estado. Considerada uma das mais importantes regiões do país tanto pela força econômica quanto pelo pólo tecnológico que possui, também acumula, como a maioria das metrópoles brasileiras, problemas de desemprego, violência, alta concentração de pobreza, crescimento e desenvolvimento socioeconômico desigual.

Com relação às quatorze famílias pesquisadas, é importante dizer que todas residem em casa de alvenaria com saneamento básico, possuem telefone e somente uma família reside em rua não asfaltada. Em nenhuma delas o responsável está desempregado, assim seus filhos adolescentes podem dedicar seu tempo integralmente aos estudos. Estes dados tornam a precariedade dessas famílias disfarçada dando a impressão da igualdade de oportunidades.

No entanto, a precariedade está, sim, presente e se faz notar à medida que nos distanciamos da região central do distrito onde se deu a pesquisa. A precariedade se expressa nas áreas diminutas dos terrenos, no tamanho das casas dos grupos populares e, simetricamente, na amplidão dos jardins, na altura dos muros das casas dos grupos médios. De um lado, vêem-se casas assobradadas, amplos jardins, portões eletrônicos e sistema de segurança, de outro, em ruas que se avizinham, casas pequenas e ainda em construção, faltando pintura ou mesmo sem reboco.

Para compreender melhor as famílias que foram objeto desse estudo, é necessário conhecer a atual estrutura econômica, social e cultural do distrito onde moram e as transformações ocorridas nas últimas décadas.

O distrito, localizado a aproximadamente dez quilômetros do centro do município compreende uma região cercada por grandes rodovias. É composto por setenta bairros

(incluindo chácaras e condomínios), uma população fixa estimada em 45.000 habitantes e uma população móvel de 20.000 pessoas, constituída principalmente por estudantes e funcionários das duas grandes universidades, uma pública e outra privada provocando uma alta significativa no valor da moradia.

Até a década de 1960, o distrito era totalmente rural, agrícola e sem benfeitorias. Na mesma década, foi realizada uma doação de 30 alqueires de uma fazenda para a implantação do atual campus de uma universidade pública e um grande hospital. Após o lançamento da pedra fundamental da “*Cidade Universitária*”, numa solenidade histórica que contava com a presença do então presidente da república General Castelo Branco, passa a ocorrer na região um processo de intensa urbanização com uma grande diversificação dos moradores. Durante a pesquisa pude constatar que a universidade é um pólo de atração muito forte, famílias de Sara, Gustavo, Vicente e Lucas passaram a residir no distrito por motivo de estudo ou trabalho na universidade.

No ano de 2000, o distrito contava com a maior renda per capita entre todas as regiões do município e apresentava também o melhor Índice de Condição de Vida (ICV) ⁴. A região residencial conta, em grande parte, com asfalto, iluminação pública e rede de saneamento básico sendo considerada como a região que mantém a menor proporção de favelas do município.

Hoje, o distrito em seus 67 quilômetros quadrados de área apresenta uma grande diversidade de paisagens; por um lado possui hortas, chácaras, propriedades com cultura de cana de açúcar e a maior mata em zona urbana do município. Por outro lado o distrito é famoso por ser um centro tecnológico respeitado, contando com importantes instituições públicas e privadas, além de importantes centros hospitalares.

Além de ser uma região de grande desenvolvimento econômico e tecnológico, a existência de estradas permite o acesso fácil a outras regiões do município, a cidades vizinhas e a outras regiões do estado. Possui um comércio local variado e está próximo aos grandes shoppings. No entanto, o acesso a tais espaços e produtos da urbanização

⁴ Índice de Condição de Vida está sendo proposto como método para identificação de diferenciais nos níveis de qualidade de vida e saúde das áreas de abrangência dos Centros de Saúde do município. O CIV é um índice composto por oito indicadores de vida e saúde: proporção de população moradora em sub-habitação, proporção de chefes de família sem ou com menos de um ano de instrução, taxa de crescimento anual 91-96, proporção média de mães com menos de 20 anos de idade, coeficiente médio de mortalidade infantil, coeficiente médio de mortalidade por homicídios, incidência média de desnutrição entre menores de 5 anos e incidência média de tuberculose.

moderna é restrito a parcela da população de maior renda visto que os gastos com passagens de ônibus somado ao consumo de alto custo são inviáveis a classe popular. Assim, esta parte da população acaba por frequentar os espaços nas proximidades como: casa de parentes ou amigos, igreja, bar, supermercado e locadora.

A mesma impossibilidade ocorre com as programações culturais disponíveis no distrito: bandas musicais, grupos teatrais e de dança, sala de exposição e teatros que fazem parte de um circuito alternativo direcionado a população de maior capital cultural e econômico. Não há programação cultural nos espaços públicos como praças ou parques e as atividades de lazer dos jovens de classe popular pesquisados acabam sendo restritos:

“Eu não saio muito, prefiro ficar em casa com a minha mãe...eu gosto de ir na casa da minha tia no domingo.”(Denis)

“O que eu faço é sair e andar de bicicleta, sair com meus amigos, ficar aqui na rua assim... Ou então fico em casa, no quarto tocando violão...” (Dirceu).

“Fico em casa, assisto filme, de vez em quando saio com meu pai e com minha mãe no supermercado e na locadora.” (Fábio)

“Ah, eu vou à igreja, saio com a minha tia de vez em quando.” (Júlia)
“Eu fico aqui no banco mesmo sentada... fico aqui no bar de noite, porque o bar é da minha tia.” (Denise)

Os adolescentes com maiores recursos possuem acesso além de TV a cabo e rede de internet, aos shoppings da região, à “baladas” e intercâmbios:

“Normalmente eu vou num evento que é pra galera de quatorze anos só, mas eu tenho um amigo, ele é promotor e a gente consegue a entrada antes... normalmente acontece em clubes ou no shopping.” (Francisco).

“... eu conheci amigos de amigos num barzinho no shopping... todo final de semana, a gente combina a hora, aí todo mundo se encontra e fica lá conversando.” (Sara).

“... a gente prefere o shopping... é mais perto pros pai levarem, é mais rápido... Eu participo de um intercambio internacional, é uma sigla que tem no mundo inteiro que a gente faz acampamento... em julho vai ter gente do Brasil inteiro...” (Paulo).

Desta forma, é possível notar que toda a estrutura construída e o processo acelerado de urbanização refletem a história brasileira, sua passagem da sociedade agrária para a sociedade de classe do tipo capitalista e a manutenção da desigualdade no acesso aos bens produzidos ao longo do tempo.

Na presente pesquisa foi possível também constatar a desigualdade na maneira de analisar o presente e nas disposições com relação ao futuro apresentados pelos adolescentes. Tudo isto intimamente relacionado com o volume e a estrutura do patrimônio material e simbólico de cada família, assim como com a história de construção desse patrimônio.

Estabelecendo contatos

As diferenças serão verdadeiramente notadas à medida que se conhece a trajetória das famílias e suas disposições quanto ao futuro. Para captá-las, é necessário muito mais que observar, é preciso ouvir e tentar compreender os pesquisados. Como afirma Bourdieu, isso significa:

“entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência.” (Bourdieu, 2003: 701)

O trabalho de entrevista exige uma relação de confiança, de forma que os entrevistados se sintam à vontade para falar de sua vida, seus sonhos e expectativas. O primeiro contato com os jovens se deu via escola e depois em local escolhido pelo responsável. De maneira geral, os contatos se deram sempre na mesma ordem. O ponto de partida era uma visita à sala de aula durante a qual eu me apresentava como “pesquisadora da universidade” e apresentava a pesquisa, falando do meu objetivo de conhecer o que os adolescentes pretendiam fazer num futuro próximo e num futuro em longo prazo. Em seguida, ocorria a aplicação de um questionário básico no qual constava um convite para uma entrevista. Num terceiro momento, era feito um contato telefônico com a família do

adolescente que respondeu positivamente ao convite da entrevista veiculado no questionário. Nesse contato por telefone era agendada a entrevista com o adolescente e se solicitava uma entrevista com um dos responsáveis. Oito entrevistas foram realizadas na residência da família do adolescente, em quatro ocasiões a entrevista com as mães aconteceu no seu local de trabalho e outra foi realizada em um salão da igreja católica. Não foi possível entrar em contato com a família de dois adolescentes entrevistados na escola privada: um garoto foi transferido da escola deixando o número do telefone “não existente” e a mãe de uma garota disse, por telefone, estar passando por problemas familiares e não estar em condições de passar pela entrevista. Desta forma foram entrevistados no total quinze adolescentes e treze adultos sendo 11 mães, um pai e uma tia responsável pela adolescente órfã.

Ao tratarmos da formação das gerações mais novas, a escola é um espaço incontornável. Com a obrigatoriedade do ensino fundamental de nove anos e praticamente a universalização da escolarização, o status de estudante está assegurado a todo jovem brasileiro.

Guy (2001) demonstra que a forma escolar penetra de tal forma nas relações humanas que podemos afirmar que hoje há a “*pedagogização das relações sociais*”, famílias de classe média e alta tendem a transformar a relação com os filhos em relações educativas e pedagógicas; para as classes populares, mais distantes do modo escolar de socialização, há a multiplicação de atividades “*peri-escolares*” visando a adequação dos jovens aos sistemas escolares e a orientação junto aos pais; enfim nossa sociedade é incapaz de pensar a educação a não ser segundo o modelo escolar.

Assim, a instituição escolar se torna um objeto importante de análise, pois é um espaço importante de socialização, isto é, de construção a idéia que os jovens têm de si e do mundo que os cerca. Assim, há necessidade de uma análise desse campo para conhecer a contribuição específica que ele dá para a construção das disposições dos adolescentes em relação ao futuro. Portanto duas escolas do distrito, que agrupam adolescentes de grupos sociais diferentes, foram usadas como ponto de partida para a pesquisa: uma escola municipal localizada em um bairro popular e outra privada localizada num bairro próximo.

1- Os adolescentes dos grupos populares

A escola municipal está situada, numa rua tranqüila e bastante arborizada. Num rápido passeio pelos arredores já é possível notar as diferenças existente no bairro. Casas amplas e muradas e outras pequeninas e simples como de minha entrevistada Aline se localizam lado a lado e delatam a desigualdade de renda existente na região.

Já no primeiro contato com a diretora da escola, fui alertada sobre a difícil convivência entre pessoas de “*classes*” diferentes na mesma escola⁵. Segundo ela, os alunos “*carentes*”, que são a maioria, têm uma relação difícil com a ostentação de alunos de classes mais abastadas, migrados de escolas particulares da região. Mais de uma vez a diretora chamou a atenção sobre a diversidade da clientela, insistia para que eu não fizesse “*uma imagem errada da clientela da escola*”. Frisou várias vezes o fato de que se tratava de uma “*maioria carente*” e sem alternativas de espaços de socialização. Falou sobre o que percebe como um choque entre as diferentes “*classes*”, forçadas a uma convivência tão próxima. Sublinhou, por várias vezes, a diferença entre a imagem que se tem do distrito, representado como uma região que oferece boas condições de vida, e a vida real de seus moradores.

A escola possui uma ampla área externa com árvores, um pequeno *playground* e uma quadra de esportes. Não apresenta pichações ou sinais de depredações, como aliás, é o caso de todas as outras escolas do distrito, que nisso se diferenciam das escolas localizadas em regiões mais carentes do município. A área interna é arejada e bem cuidada. A escola dispõe de sala de informática e biblioteca. No quadro de avisos no corredor podia-se ler um convite aos alunos para participarem de atividades desenvolvidas em um centro cultural inaugurado em 2004 pela prefeitura onde têm lugar, gratuitamente, embora em poucos horários, aulas de dança, hip hop, teatro, circo, artes plásticas, artesanato e oficinas de artes.

Novamente é importante ressaltar que a estrutura física tanto do bairro como da escola é bastante satisfatória quando comparada com a das escolas localizadas em outras

⁵ Os contatos com a diretora, orientadora e professores não foram gravados, mas foram descritos no caderno de campo logo após as reuniões.

regiões do município. A estrutura da escola pública em questão faz inveja a muitas pequenas escolas privadas e não causaria espanto se fosse apresentada como uma.

Entrei em contato com a orientadora pedagógica e, por meio dela, fui apresentada a alguns professores. Numa breve reunião, expliquei a eles que o objetivo central da pesquisa era compreender como o jovem constrói suas disposições sobre o futuro. Obtive, assim, sem maiores perguntas e sem objeções, o apoio da direção da escola e de seus professores para tentar o contato com os adolescentes a fim de motivá-los a participar da pesquisa. Isso foi feito durante uma de suas aulas regulares.

No dia oito de fevereiro de 2006 visitei as duas únicas turmas de oitava série da escola. Cada turma reunia, de acordo com as informações da diretora, trinta alunos, mas nesse dia, não havia mais de vinte alunos presentes em cada turma.

As salas de aula são amplas o suficiente para comportar mais de trinta alunos. Quadro negro, mesa do professor, carteiras e cadeiras dispersas pela classe de forma aleatória compunham o ambiente. Após me apresentar como aluna de mestrado, membro de um grupo maior de pesquisadoras da educação inclusive em outros países como a França, expliquei a eles que precisaria de adolescentes dispostos a ser entrevistados, falando sobre a vida e seus projetos de futuro. Aproximadamente quarenta alunos concordaram em levar para casa uma autorização que deveria ser assinada pelos responsáveis, permitindo que no outro dia respondessem um pequeno questionário e se manifestassem quanto ao desejo de serem entrevistados.

No dia seguinte recebi somente vinte e sete autorizações. Vários adolescentes alegaram esquecimento por não terem entregado a carta aos pais. Portanto só aos vinte e sete foram entregues os questionários. Durante a aplicação do questionário os professores permaneceram com as turmas e me auxiliaram respondendo às dúvidas dos alunos sobre as categorias do IBGE, pois não sabiam ao certo onde se situavam; o valor atual do salário mínimo e o significado de “*atividade remunerada*”, “*ensino médio*” e “*ensino superior*”, pois desconheciam essa nomenclatura⁶.

Sete jovens responderam positivamente ao convite para a entrevista. Fiz, então, um contato por telefone com as famílias e pude agendar uma entrevista com cada adolescente e com um dos adultos responsáveis por ele. Um dos adolescentes não foi localizado.

⁶ Anexo 1

O roteiro das entrevistas com os adolescentes incluía quatro pontos básicos: o primeiro ponto tratava da vida familiar, da relação com os pais e do nível de exigência dos mesmos⁷. O segundo ponto tratava da relação com a escola, suas regras, seus professores, os conhecimentos trabalhados e com os colegas da escola. O terceiro ponto envolvia os relacionamentos fora da escola, os ambientes que frequenta, o uso do dinheiro e do tempo livre. E por último suas impressões sobre o trabalho, o valor do estudo e seu projeto em curto e em longo prazo.

Com os adultos a entrevista envolvia inicialmente a questão da origem familiar, a escolarização e ocupação dos familiares e a situação econômica de abundância ou escassez vivenciada na infância e juventude⁸. Em seguida buscava perceber a trajetória escolar e profissional do entrevistado e de seu cônjuge, a chegada ao bairro atual e suas relações com outros moradores. O último ponto envolvia a rotina familiar, a educação dos filhos, amizades e atitudes estimuladas ou proibidas e aspirações em relação ao futuro do filho pesquisado⁹.

2- Os adolescentes dos grupos médios

Situada numa região afastada do centro do distrito, a escola privada possui um terreno com área de 6.000 metros quadrados com destaque a árvores, jardins, tanques de areia onde as crianças podem brincar livremente no horário do intervalo.

Apresenta-se como uma escola pequena “*pensada para acolher no máximo 250 alunos*” de maternal ao 9º ano. Fundada em 1976 com o objetivo de “*priorizar um currículo aberto que contemple as diversidades culturais*” com a participação efetiva de seus alunos nas situações de aprendizagem formando jovens “*autônomos, críticos*” e atuantes. Intitula-se pioneira “*na opção pelo sócio-construtivismo interacionista*”.

⁷ Anexo 2

⁸ Anexo 3

⁹ Anexo 4 e 5

Meu contato com a escola se deu por meio da proprietária que é, ao mesmo tempo, diretora e orientadora. Ela se mostrou bastante aberta às possibilidades de pesquisa em sua escola. Quando tomou conhecimento do trabalho se manifestou favorável, mas sugeriu que a pesquisa fosse realizada com outras turmas e não com os alunos do último ano do ensino fundamental. Justificou sua posição num e-mail alegando que os alunos desta turma eram “*bastante indiferentes a novos desafios*” e que “*não representam muito bem o perfil de alunos do colégio*”.

Assim, fui visitando as salas e conversando com as turmas do sétimo, oitavo e nono anos. O tamanho das salas de aula é proporcional ao número de alunos e elas não fogem aos padrões normais já encontrados na escola pública: quadro negro e mesa do professor do lado oposto da porta e carteiras, bastante semelhantes às encontradas na escola pública, dispostas livremente pela sala. Depois de falar um pouco sobre meus objetivos, convidei alunos das três turmas a responderem o questionário para posteriormente realizar as entrevistas.

Os questionários foram respondidos por trinta e seis jovens. Enquanto liam e respondiam ficaram livres para tirarem dúvidas sobre as questões. As dúvidas foram semelhantes às aquelas apresentadas na escola pública. No entanto, a reação dos professores foi diferente. Enquanto os professores da escola pública pareciam já esperar que os alunos não conhecessem certos termos e me ajudavam a responder às questões, os professores da escola privada se mostravam indignados diante dos questionamentos dos alunos. Pareciam não aceitar que seus alunos apresentassem tais dúvidas e acabavam respondendo de forma irônica. Há no discurso da diretora e nessa postura dos professores, a indicação de que aqueles não eram os alunos desejados pela escola.

Dos alunos que responderam o questionário, 18 se dispuseram a participar da entrevista. A diretora sugeriu que as entrevistas fossem realizadas na própria escola. Salientou que não haveria necessidade de autorização dos pais, pois estes, no ato da matrícula, já tomam conhecimento da possibilidade da participação em pesquisas acadêmicas e autorizam seus filhos a delas participarem e a ter suas produções apresentadas em eventos acadêmicos. Trata-se de uma situação bastante diferente do colégio anterior e parece indicar que os encarregados por essa escola, inclusive por sua proximidade com a universidade pública, tratam com bastante naturalidade o fato de

tornarem-se objeto de estudos. A própria diretora finalizou uma dissertação de mestrado no início da década de noventa, tomando como objeto de estudos as transformações vivenciadas por sua escola desde a sua criação.

As entrevistas obedeceram ao mesmo roteiro utilizado no grupo anterior e foram realizadas numa sala reservada especialmente para este fim nos dias 20 e 27 de junho de 2007 no período da tarde. Foram entrevistados nove alunos, já que os alunos com idade inferior a 13 anos foram descartados, sendo quatro do oitavo ano e cinco do nono ano. Durante o segundo semestre de 2007 entrei em contato com as famílias via telefone agendando a entrevista com um dos responsáveis. Desta forma pude entrevistar sete adultos, sendo que uma família havia se mudado e outra, segundo a pessoa com quem conversei, uma mãe, estava “*passando por problemas*” e não tinha “*condições psicológicas*” para passar pela entrevista.

Espaços escolares e clivagens sociais

Com relação às escolas foi possível notar que em termos estruturais não apresentam grandes disparidades.

Assim, embora a escola privada pesquisada tenha um terço da quantidade de alunos que a escola pública, ao compararmos a estrutura não se encontrará grande desigualdade entre elas.

Como mostra o quadro abaixo, o número de computadores com acesso a internet disponibilizados para os alunos é duas vezes maior na escola pública, compensando em parte o maior número de alunos. A diferença salarial dos professores não é significativa. Ambas as escolas possuem professores com formação em mestrado e doutorado em número limitado, sendo menor na escola pública.

A média de alunos por turma é semelhante e a quantidade de livros na biblioteca é pouco diferente. Isso garante maior opção aos alunos da escola privada, que possui um terço do total de alunos da escola pública. A maior diferença que pôde ser notada é que os

professores da escola pública são mais estáveis, isto é fazem parte da escola há mais tempo.

Tabela 1 – Diferenças e similitudes entre as duas escolas em função de itens selecionados

Itens observados	Escola pública	Escola privada
Número de computadores com acesso a internet disponíveis para acesso dos alunos	23	10
Livros disponíveis na biblioteca	4000	5000
Professores com menos de 5 anos na escola	06	13
Professores com mais de dez anos na escola	13	05
Professores com mestrado	02	4
Professores com doutorado	02	1
Total de alunos	514	170
Média de alunos por turma	24	19
Salário inicial	1.750,00	2.482,00

Fonte: informações fornecidas pelas diretoras de ambas às escolas.

Entre as escolas pesquisadas, a grande diferença está de fato no público atendido. Enquanto que na escola pública a minoria se autocalifica como “branca” (37%) e os responsáveis cursaram o ensino superior (11%); por meio do questionário foi possível determinar que na escola privada o quadro é oposto, 77,7% dos jovens se autocalifica como brancos e que 91% dos responsáveis pelos jovens concluíram o ensino superior. Assim, são adolescentes de origens diferentes, vivenciando situações diferentes e não é de estranhar, que apresentem disposições diversas quanto ao futuro.

No entanto, as linhas que definem a clivagem escolar não correspondem exatamente à clivagem em termos de disposições quanto ao futuro. Como será visto essa diferenciação das famílias quanto à distância e proximidade com relação à escola e quanto às condições materiais de existência, respectivamente pensadas aqui em termos de *capital cultural* e *capital econômico*, na formulação bourdieusiana, não explica suficientemente

toda a variação em termos de disposição quanto ao futuro. Com efeito, a essa clivagem vem misturar-se uma clivagem de gênero bastante operatória.

Os capítulos seguintes estão organizados para apresentar essas possibilidades e discutir alguns dos elementos que contribuem para explicá-las. Apresento cada adolescente e sua história singular, mas os agrupamentos vêm demonstrar que cada trajetória não acontece independente da posição que ocupam na hierarquia social. Assim, os capítulos apresentam grupos de adolescentes reunidos pelo fato de apresentarem disposições similares quanto ao futuro, associando-se as disposições encontradas a tipos diferentes de famílias, formas de socialização familiar e escolar¹⁰.

O primeiro capítulo trata de um grupo de adolescentes que coloca a entrada no mercado de trabalho como foco central nos seus planos de curto prazo. O segundo trata do grupo de adolescentes que coloca o prolongamento da educação escolar como principal objeto de investimento na construção do futuro, aceitando suas regras e veredictos e apresentando um esboço de projeto em curto prazo. O terceiro trata de adolescentes com baixo desempenho escolar, que embora apresentem um discurso favorável à educação escolar tentam, na prática, burlar suas regras e buscar satisfações imediatas. O quarto capítulo trata do grupo de adolescentes que apresentam um projeto de futuro linear.

¹⁰ Anexo 6

Capítulo 1

“O primeiro emprego que tiver eu pego” - A força do curto prazo

Esse capítulo trata de um grupo particular de adolescentes entre aqueles entrevistados para essa pesquisa. São três garotas Alice, Denise e Júlia e o garoto Fábio. Na data da entrevista, esses adolescentes cursavam o último ano do ensino fundamental da mesma escola pública e tinham entre treze e quatorze anos.

Esses adolescentes foram aqui pensados como um “grupo” porque apresentam disposições quanto ao futuro muito parecidas. Todos eles apresentam uma visão de futuro restrita ao curto prazo e, embora sem descartar a continuidade dos estudos, colocam a entrada no mercado de trabalho como foco central nos seus planos. O futuro não se apresenta a eles como algo previsível, passível de ser programado, resultado de escolhas e projetos.

Tanto os adolescentes como seus familiares entrevistados mostram-se de acordo ao considerar o término do ensino fundamental como o momento de se iniciar um trabalho regular e assumem a continuidade dos estudos como algo a ser feito no turno oposto ao que vão trabalhar, talvez imediatamente, talvez num tempo indeterminado se não houver a possibilidade de conciliar trabalho e estudo. Sem grandes desejos de consumo, mas com o sonho de ampliar seus espaços de sociabilidade e viver melhor sua condição de jovem, a entrada no mercado de trabalho parece ser uma alternativa interessante para este grupo de adolescentes. O trabalho, além da contribuição financeira e conseqüente alívio do encargo que o jovem acredita representar para a família, possibilitará independência nas decisões de consumo e menor controle da família sobre os amigos e relações amorosas.

A pesquisa mostrou que as condições objetivas das vidas de Alice, Fábio, Júlia e Denise são muito semelhantes; com recursos econômicos reduzidos, a desconfiança em relação à escola e a necessidade moral e material do trabalho acabam resultando em disposições de futuro semelhantes.

Recursos econômicos reduzidos

Os familiares deste grupo de adolescentes têm em comum o fato de exercerem ocupações de pouca exigência escolar. Todas as mães e avós trabalham ou trabalharam fora, duas avós estão aposentadas atualmente. As ocupações citadas são: domésticas, babás, merendeira escolar, revendedora de produtos de catálogos e enfermeira¹¹. As ocupações exercidas pelos pais e avôs são: pintor de paredes, caminhoneiro e pedreiro. Outra ocupação citada é de “serviços gerais”, o que neste caso representa não desempenhar ocupação específica e nem possuir emprego fixo.

Como resultado da baixa qualificação profissional e a imprevisibilidade na entrada de recursos, tais famílias sobrevivem com recursos econômicos bastante limitados. Não há narrativas de outros momentos da história familiar com melhores empregos e salários, existe enfim a permanência no tempo da escassez de recursos.

Além disso, as famílias deste grupo de adolescentes passaram por situações de grande tensão familiar que acabaram dificultando ainda mais o domínio sobre o tempo presente necessário para o planejamento do futuro.

A mãe de Alice relata a infância conturbada com o pai violento e a dificuldade de sua mãe em prover a família do mínimo necessário; sua necessidade de abandonar os estudos para trabalhar como babá aos doze anos; sua gravidez indesejada que a fez abandonar o sonho de casar na igreja; a dificuldade de relacionamento com o marido, que foi vítima de agressões até que abandonasse a casa e a necessidade de trabalhar em mais de um emprego para prover o sustento de seus quatro filhos.

Para a família de Fábio, os principais fatores de tensão foram: a gravidez indesejada de sua mãe e o incêndio em sua primeira residência. A gravidez indesejada é lamentada pelo pai até os dias de hoje. Segundo o pai de Fábio, o fato provocou um casamento não planejado fazendo com que ele precisasse abandonar o sonho de seguir a carreira no exército e passasse a ter um emprego informal como pintor de paredes sem garantias de salário fixo. Ao aceitar o casamento, o marido deixou claro a esposa que ela também

¹¹ Alice fala da avó enfermeira, mas depois afirma que ela estudou até a quarta série e mais tarde fez supletivo, assim é possível dizer que ela deveria se ocupar de outra função ou melhor, de uma função não qualificada no hospital.

deveria ter um emprego para contribuir para o sustento do lar. Assim, a mãe de Fábio, que trabalha como empregada doméstica lamenta sua sina de precisar trabalhar e até “vender” suas férias para contribuir com a manutenção da família.

A mãe de Denise, por duas vezes interrompeu os estudos e deixou o emprego para viver novos relacionamentos. Ambas às vezes a mudança não foi bem sucedida e voltou a viver com seus pais. A inconstância nos relacionamentos, nos empregos, as mudanças de endereços, com idas e vindas para a casa dos avós tornaram mais difíceis a obtenção dos recursos necessários ao cotidiano da família provocando uma preocupação constante com o tempo presente impossibilitando um plano de futuro a longo ou médio prazo.

Embora com recursos econômicos reduzidos, é possível notar ao longo das gerações uma lenta ascensão social, tais famílias passaram por transformações e melhorias nas condições de vida com conquistas importantes em especial a casa própria.

As quatro famílias residem em casas de alvenaria, com cômodos reduzidos, três delas estão situadas no fundo do terreno e a quarta foi construída em terreno da avó paterna, mas se tratam de casas próprias livrando seus familiares de uma instabilidade preocupante¹².

As famílias de Fábio e Denise passaram de uma situação de trabalhador rural para a de trabalhador urbano numa única geração, a dos avós. No caso da família de Fábio, os avós maternos moravam numa fazenda no interior do estado de São Paulo e trabalhavam em plantações de café. Depois, com o desemprego, a família veio para o mesmo distrito que estão até hoje, onde seu pai passou a desempenhar a função de motorista de caminhão. O avô paterno é de uma família de proprietários rurais vinda do norte do país. A avó é de uma família de trabalhadores rurais vindos do interior do estado de São Paulo. Na família de Denise os avós moravam em um sítio onde o avô trabalhava com gado leiteiro, mas com a urbanização da região a produção de leite foi extinta e dezessete anos atrás a família se mudou para o endereço atual onde o avô passou a desempenhar a ocupação de pedreiro. Desta forma foi possível a essas famílias conquistarem melhorias nas condições de vida próprias da urbanização. Em visita às casas foi possível constatar que as ruas são pavimentadas e com iluminação pública e todas as casas contam com saneamento básico.

¹²Porte (1998: 252) revela que a casa própria é um importante fator de estabilidade social nos meios populares.

Todas as famílias não pouparam esforços na tentativa de garantir melhores condições de vida aos seus filhos. As formas encontradas para preservar a infância foram: prolongar a dedicação exclusiva aos estudos até o final do ensino fundamental e restringir seus espaços de sociabilidade.

Como forma de proteger seus filhos adolescentes seus espaços de sociabilidade são organizado em torno da família e da escola. Com recursos econômicos restritos, as atividades de lazer disponíveis se desenvolvem no espaço próximo à residência. Além da televisão, eles citam como atividade costumeira de lazer a participação na igreja e em quermesses, o jogo de futebol em um campo improvisado, idas ao supermercado e a um estabelecimento com acesso a computadores e internet.

Desconfiança em relação à escola

Com relação à escolarização, as trajetórias familiares revelam uma pequena ascensão a cada geração: os avós cursaram os primeiros anos do ensino fundamental, os pais chegaram um pouco mais longe, mas nenhum deles concluiu o primeiro grau¹³. No entanto todos os adolescentes chegaram ao último ano do primeiro grau com dedicação exclusiva aos estudos e sem interrupção no percurso escolar¹⁴.

Nas entrevistas, os adultos relatam como motivo do seu abandono escolar, além da necessidade do trabalho para auxiliar a família, o fato da escola não fazer sentido para suas vidas, revelando um descompasso entre o ambiente familiar e o escolar.

Mas, de forma geral a escola, que era colocada em segundo plano na adolescência dos pais, hoje representa a possibilidade de uma vida melhor para os seus filhos adolescentes.

Os adolescentes deste grupo, embora sejam responsáveis por algumas tarefas domésticas como, por exemplo, o cuidado com os irmãos mais novos, o auxílio à avó no

¹³ Alice relata que sua avó voltou a freqüentar a escola depois que seus filhos já eram adultos e trabalhavam. Fez o ensino supletivo e pôde concluir o primeiro grau.

¹⁴ Fabio foi reprovado um ano por motivo de doença. As estatísticas do Inep e estudos como de Silva, 2003b podem confirmar a melhora no nível de escolarização de grande parte da população brasileira e sua rápida expansão em todos os níveis nas últimas décadas.

cuidado com os netos e o auxílio ocasional ao pai no trabalho como pintor de paredes, foram, até a data das entrevistas, poupados do trabalho e desta forma puderam se dedicar inteiramente aos estudos¹⁵. Os familiares destes adolescentes, que desempenham basicamente trabalhos manuais, vêem a conquista do diploma do ensino fundamental por seus filhos como a única forma de fugir desse tipo de função.

Todo o discurso em prol da continuidade da escolarização até o final do ensino fundamental dos filhos adolescentes e os investimentos realizados para essa conquista estão apoiados na percepção da importância do diploma para a aquisição de conhecimentos práticos como ler, escrever e fazer contas que permitiriam a obtenção de melhores empregos e melhor qualidade de vida.

No entanto, a melhoria que antevêm é bastante modesta, não demonstrando grandes expectativas de ascensão social. Para isto alegam as dificuldades de obtenção de melhores empregos nos tempos atuais e a desconfiança quanto à eficiência da escola atual na transmissão dos conhecimentos necessários aos adolescentes. Ao fazerem comparações entre os conteúdos escolares nas gerações mais velhas e na geração atual concluem afirmando que: “*o ensinamento não é como antigamente*”.

Não causa estranheza, portanto, que tanto às famílias quanto aos seus adolescentes tomem como natural o encerramento do período de dedicação exclusiva ao estudo ao final do ensino fundamental.

A necessidade material e moral do trabalho

Essas famílias e seus adolescentes percebem o trabalho como algo “*necessário*”. Por um lado, trata-se de uma necessidade advinda da situação material, já que o trabalho dos jovens significará a entrada de mais recursos para a família, mesmo que apenas em termos da desoneração dos custos associados à manutenção dos próprios. Por outro lado, trata-se de uma necessidade moral. Assim, além de representar um auxílio financeiro,

¹⁵ Júlia me contou que já trabalhou alguns dias na casa de outra prima, lavou louça e cuidou de crianças: “*me senti horrível...é horrível cuidar da casa de uma pessoa...ela fica mandando faça isso, faça aquilo...*”.

diminuindo o encargo que o adolescente representa para a família, o trabalho é disciplinador, ensina o uso do dinheiro, impõe horário e rotina, “*impede a vadiagem*”. Enfim, o trabalho “*ensina para a vida*”.

A explicação para essa dupla percepção parece estar associada à própria experiência de trabalho dos adultos que, na totalidade, entraram no mercado de trabalho com a idade de 12 anos em empregos bastante semelhantes aos desempenhados ainda hoje.¹⁶

Para alguns, a entrada no mundo do trabalho ainda na infância é motivo de orgulho, pois representou a colaboração para com a família na obtenção de recursos financeiros, para outros representou a obtenção de maior liberdade. Desta forma o trabalho, vivenciado por vários familiares e conhecidos na infância, é considerado natural, mais que isso, necessário para que o adolescente se torne adulto.

Movimento interno de cada família:

Alice: “O meu futuro... espero que seja melhor que algumas pessoas que eu conheço que hoje estão trabalhando de faxineira”.

Entrevistei Alice, uma garota negra de 13 anos, aluna do último ano do ensino fundamental de uma escola pública e sua mãe Roberta, negra de 37 anos, uma mulher bonita, sorridente e muito falante que nasceu e sempre residiu no mesmo município.

A casa onde residem há mais de dezessete anos, está localizada “*em frente ao centro comercial*” de um bairro popular, um lugar amplo e arborizado, onde se localizam também uma padaria e outras pequenas casas de comércio.

Chego ao número 22 e estou de frente para um muro alto onde se vê um portão de metal recém instalado e o número pintado a mão.

¹⁶ A mãe de Fábio representa a exceção começando a trabalhar aos 19 anos de idade. Os primeiros empregos citados são babá, empregada doméstica e vendedor ambulante.

Quando o portão se abre, passamos por um corredor estreito, ladeado por um jardim simples e bem cuidado, com grama recém plantada e flores regadas. Chegamos até a casa de alvenaria que Roberta tem evidente orgulho de dizer que é própria desde que se casou. Ela me mostra os dois quartos, a sala, a cozinha e o banheiro. O mobiliário é simples. Na sala estão, além do sofá, uma pequena estante com uma televisão de tamanho médio, um vídeo-game e alguns poucos bibelôs. Sentamos num banco de alvenaria na varanda da casa, onde se deu a entrevista no dia 28 de fevereiro de 2006. Como era uma manhã de terça feira de carnaval e Alice havia assistido o desfile da escola de samba numa cidade próxima e ainda dormia, marcamos sua entrevista para a próxima semana.

No dia 02 de março de 2006 voltei para entrevistá-la. Ao me atender, Alice, a segunda filha de Roberta, muito parecida com a mãe, talvez com a pele mais clara, mas com o mesmo sorriso e olhos brilhantes, aparentava ter acordado a pouco, de banho tomado, tinha os cabelos presos, vestia bermuda jeans e camiseta curtinha, estava sorridente embora um pouco tímida no início da entrevista. A adolescente me contou que teve toda sua vida escolar, do pré ao último ano do ensino fundamental, na mesma escola pública e nunca sofreu reprovação¹⁷. Nunca desempenhou algum trabalho remunerado e pretende continuar os estudos fazendo o ensino médio em um colégio público próximo a sua casa, onde estuda, ou vai estudar também seus amigos. Diz que gostaria de estudar de manhã, mas sua mãe pretende matriculá-la à noite para tentar um trabalho como fez sua irmã mais velha:

“Minha irmã estuda a noite lá no ensino médio. É geralmente para pessoas que trabalham ou começam arrumar emprego e trabalhar. Ela está procurando, procurando emprego, mas trabalhou assim só de babá, ela já cuidou de criança.”

Alice justifica a escolha da escola pela proximidade e pelo fato de possuir amigos e a irmã mais velha já freqüentando a mesma escola, não visualiza outras possibilidades de estudo como cursos profissionalizantes ou técnicos.

¹⁷ Na rede de ensino do município em questão até o ano de 2008 permanecia o sistema de seriação com a possibilidade de reprovação no final de cada série.

Com relação a sua atual escola, não faz comentários sobre a qualidade de ensino ou os conteúdos trabalhados, comenta com saudade o parquinho que freqüentava no início da escolarização e fala com entusiasmo das amizades que cultivava, diz ter bom relacionamento com todos, mas, ao mesmo tempo, me conta da existência de um grupo de “patricinhas”:

“Elas preferem não se misturar, elas ficam no canto delas. Mas eu converso numa boa, tenho amigas patricinhas por todos os lados, não vejo nada de diferente, acho que todo mundo é igual.”

Embora não cite problemas com a aprendizagem e diga ter bom desempenho escolar, não se mostra animada com os estudos, os conteúdos escolares são comentados com adjetivos vagos e não despertam novos interesses de estudo ou de trabalho na adolescente. A escola não proporciona à Alice nenhum tipo de orientação, incentivo ou espaço de reflexão sobre opções escolares e profissionais, não cita colégios técnicos e profissionalizantes, só fala da escola de ensino médio onde alguns amigos freqüentam. As qualidades atribuídas aos melhores professores são: “divertidos”, “super legais”, “conversam com a gente”, “uma família pra gente” Em contradição afirma:

“Os professores têm que pegar no pé do aluno pra ele se dar bem”.

Seu lazer consiste em freqüentar uma “Lan House”, uma pequena casa com computadores conectados a internet próxima de sua residência e quermesses que acontecem esporadicamente no salão da igreja do bairro. Fala da paixão pelo computador, que para ela representa a oportunidade de fazer contatos virtuais:

“No fim de semana, eu vou para lá mexer no computador, porque o computador é a minha cara. Eu gosto muito, tanto é que eu tenho amigos lá de Minas Gerais, da Bahia que eu nunca vi, só por foto mesmo, já estou interada no mundo da Internet, no mundo virtual.”

Embora apresente um discurso forte sobre o valor e a importância do estudo acaba relacionando-o a questões simples do cotidiano e revelando que pouco espera como resultado do investimento escolar além da possibilidade de fugir do trabalho pouco qualificado:

“Eu acho importante porque uma pessoa que não sabe ler, escrever, fazer contas essas coisas, não vai ter um futuro bom, porque hoje em dia até pra ser faxineira você precisa ter estudo.”

Quando questiono sobre seu futuro diz que ainda não pensou nisso e completa que deseja ter um emprego melhor do que “fazer faxina” e por isso pretende um dia cursar a universidade.

Quando insisto na questão revela, sem nenhuma esperança, seu sonho:

“Ah! Professora de dança, quando eu vejo assim alguma coisa de dança, sempre eu estou dançando, nunca fico quieta. Quando começa tocar uma música, mesmo que eu estou deitada eu começo a balançar o pé, a mão, eu nunca fico quieta, eu gosto de dançar mesmo... mas eu prefiro ter certeza do que eu quero mesmo antes de arriscar uma profissão...”

Aos treze anos, Alice ainda guarda um pequeno espaço para o sonho, mas como revela a frase que intitula o texto, o medo de acabar exercendo funções pouco qualificadas como babá, doméstica e faxineira é mais forte. E conclui que ficaria satisfeita “fazendo alguma coisa com computador que eu gosto mesmo de mexer...”

Compreendi que para Alice, “fazer alguma coisa com computador” já significaria um sucesso quando conheci a trajetória de Roberta sua mãe. Uma trajetória marcada por cortes e desvios deixando o tempo presente tão limitado e sem brilho. Sem possibilidade de visualizar um futuro diferente para a filha, Roberta diz sobre a frequência da filha à escola: “Quer ir vem, não quer amém!”, demonstrando que o futuro da filha deveria ser resultado da opção da própria garota, sem indicações ou planejamentos prévios.

A primeira vez que vi Roberta foi dia 03 de fevereiro de 2006 na escola pública, onde trabalha como merendeira. De aparência juvenil, alegre, simpática, falando alto e gesticulando, vestindo calça de lycra branca e bem justinha, blusa curtinha e fina mostrando o sutiã de bojo e o celular na cintura se mostrou bastante à vontade em nosso primeiro contato. Tem a musculatura bem delineada e fazia questão de mostrar isso. Eu a elogiei. Ela, sem inibição, logo me contou que fazia musculação, mas a genética também ajudava, me falou dos quatro filhos: uma no colegial, dois que estudavam atualmente na escola onde ela trabalha e a mais nova na escola de educação infantil do bairro.

A entrevista se deu no nosso segundo contato, em sua casa no dia 28 de fevereiro de 2005, numa terça feira de carnaval.

Roberta se mostrava desinibida e sorridente, mas seu sorriso se transformou quando iniciou a narrativa sobre sua infância: *“Foi problemático, foi muita briga, meu pai, minha mãe e mais cinco irmãos... uma família grande... foi uma infância atropelada.”*. Suas longas reticências revelavam a dificuldade de falar sobre o assunto. Sofreu com o pai violento, sua mãe trabalhou 34 anos como enfermeira e cursou o supletivo até a 8ª série. Resume sua mãe em uma palavra: *“guerreira”*, pois *“não desistiu em hipótese nenhuma, apanhando, apanhando direto e não desistiu...”*, foi seu único apoio, pois nunca pode contar com mais ninguém.

Após a separação dos pais, aos 12 anos, Roberta interrompeu os estudos na quinta série e foi trabalhar como babá *“não quis mais estudar fui trabalhar”*, o mesmo ocorreu com seus quatro irmãos. A partir daí nunca mais parou, foi doméstica, *“trabalhou em firma”*, há cinco anos é merendeira na escola municipal onde Alice estuda e nos fins de semana faz faxina na academia de ginástica onde também faz aulas. Sendo funcionária terceirizada, mantém contato com as funcionárias públicas concursadas do município, comenta indignada a diferença salarial entre pessoas que ocupam a mesma função e classifica essa situação:

“Uma imundície! Eu gosto do meu serviço, eu não gosto das condições de trabalho que a gente tem. Comparando a minha profissão com outra funcionária da prefeitura, a gente ganha metade do salário de uma ajudante da prefeitura, que ainda debocham de você.”

Seu casamento aos dezenove anos é atribuído ao destino:

“Eu acho que era pra ser, porque eu o conheci um ano, passou outro ano sem se ver. Depois voltamos a nos ver, sem diálogo sem nada. Eu acho que foi destino, era pra ser, a gente namorou seis meses, começamos construir a casa, e quando chegou na laje...”

A gravidez inesperada a fez desistir do sonhado vestido de noiva e do casamento na igreja:

“Ia casar na igreja tudo certinho, mas acabei casando só no civil, depois de grávida não tem mais graça.”

O casamento durou 14 anos, mas ao contrário de sua mãe, ela não apanhava do marido, *“eu batia, eu socava, até que ele vazou daqui...”*. Diz que melhorou de vida depois da separação:

“Aí eu comecei viver! Porque eu não estava vivendo... eu estava vegetando, eu passei a viver depois que eu me separei, faz quatro anos que a gente se separou!”

O trabalho consome grande parte do seu tempo, além do trabalho fixo como merendeira ela conta:

“De manhã eu fazia faxina, lavava, passava roupa pra fora e aos sábados e domingos eu fazia faxina inteira, das 7 às 4, 5 e meia da tarde... Fiquei três anos nessa vida, trabalhando assim direto. Agora, trabalho durante a semana na escola e de domingo eu faço faxina na academia.”

Com relação ao cotidiano do lar, fala sobre a limpeza, a faxina e pouco fala sobre a assistência aos filhos, afirma que tem pouco contato com eles por causa do ritmo de trabalho e que as filhas mais velhas dão assistência aos menores *“a mais velha sempre dá banho, coloca na perua...”*.

Não apresenta nenhum sonho com relação ao seu futuro e sobre a possibilidade de voltar a estudar diz:

“Eu vou voltar? Fazer o que? Já to no caco mesmo. (sorrindo) Não vou volta, não!”.

Com relação à filha Alice, diz que é estudiosa e que gosta de leitura, mas não influência na sua escolarização:

“Eu não sei como ela vê a escola não!”... “Se sabe que eu não dou palpite mais!”.

Ela manifesta desconfiança quanto à eficiência da escola na transmissão dos conhecimentos necessários aos adolescentes. Argumenta que *“o ensinamento não é como antigamente”*, critica os professores e o fato de haver aprovações apesar das baixas notas e conclui:

“Se ela fala: Mãe eu não vou uma semana... pra mim é indiferente ela ir ou não ir... O ensinamento de primeira a quarta sim, eu não deixo eles faltarem. Agora ginásio? Se ela falar: mãe eu não vou mais ...demorou! Põe em outra, que é pior ainda!” ; “Então pra mim se fala: Mãe eu não vou mais na escola...demorou...Quer ir vem, não quer amém!”

De forma contraditória defende a escolarização, afirma que é necessário o estudo exemplificando com pequenas questões práticas:

“Você vai arrumar um serviço em um escritório, não vai sabe mexer... fazer uma conta de cabeça, não sabe fazer nada! Vai trabalhar no caixa de padaria, de um mercado não vai saber digitar 120 com mais...Não adianta, não adianta... Por isso que eu falo: não falo só para os meus filhos... Estuda! Porque a vida é cruel, não é qualquer um que aceita você errar quanto é um mais um, não é não! Se você não tiver na ponta da língua já está dispensado...porque tempo para estudar tem!”

Demonstra não ter ilusões quanto à ascensão social, alternando o discurso em prol aos estudos e na prática visualizando poucas perspectivas de melhores empregos exceto a possibilidade de fugir do trabalho de doméstica, e encerra: *“Estuda pra não ser capacho dos outros, por que... ninguém merece!”*. É possível notar que o discurso de Alice tem como referência todo esse discurso da mãe.

A escolarização é valorizada como única forma de fugir do trabalho braçal e deseja que no futuro Alice esteja *“encaminhada...com um bom emprego..”* e continua:

“Um bom emprego seria (grande pausa) escritório, mexer com contabilidade, mexer com computador que é o que ela gosta... Estudar pra montar uma coisinha delas mesmo... isso que eu penso pra elas (longa pausa) porque trabalhar para os outros não está com nada não! (balançando a cabeça negativamente, estalando os lábios), Trabalhar de empregada eu trabalhei muito (pausa pensativa) trabalhei muito de empregada e trabalho até hoje, e trabalho até hoje...”

Defende o trabalho do jovem a partir dos 12 anos, com todos os direitos trabalhistas, pois entende que sem tais direitos o empregador explora o jovem, desestimulando-o e levando-o a *“vadiagem”* e as meninas a gravidez:

“Quem quer trabalhar sem registro? Por isso que tem essa vadiagem por aí, as meninas engravidando, se tivessem registro na carteira estava

trabalhando, quem que quer trabalhar sem registro, ganhar o que querem pagar... eu acho que está muito errado... muita marmota.”

Assim, apesar de todo discurso em prol da escolarização, Roberta demonstra valorizar muito mais o trabalho como forma de disciplinar, educar e preparar o jovem para a vida.

“Trabalho ensina, trabalho dá mais disciplina ainda, porque é rígido, ali, horário, tudo você tem horário! Eu acho, já com 12 anos deveria ter um registro, ter uma carteira assinada... Porque quanto mais cedo trabalhar já vai entrar na fase adolescente, de maior já sabendo... Não é bem um sofrimento é um ensino de vida, um aprendizado, pra ser forte mais pra frente...”

Numa trajetória pontuada por desvios de percurso Roberta não tem condições de fazer planos para si e para seus filhos, enfim de fazer projetos de futuro. É no tempo presente que coloca suas energias e preocupações, é no trabalho de cada dia que se concentra e o mesmo parece ocorrer com Alice.

Fábio: “eu podia trabalhar, ganhar meu próprio dinheiro e ajudar em casa”.

Fábio, branco de 13 anos, é um garoto calmo e de poucas palavras, cursava o último ano do ensino fundamental numa escola pública e residia num bairro popular. Seus pais moram no município desde a infância e residem a dez anos numa casa modesta que seu pai mesmo construiu no terreno de sua avó.

No dia 26 de maio de 2007 fui recebida por Fábio, vestia camiseta e bermuda desbotadas, de cabeça baixa e sorriso acanhado me apresentou sua avó que logo veio sorridente a me cumprimentar.

Na casa da avó, numa sala grande e simples com vários sofás bastante desgastados e cobertos por lençóis e cobertores, uma pequena estante com televisão e bibelôs, se deu a entrevista com Fábio. Logo revelando a preocupação com os gastos se diz feliz com a condição de filho único e justifica:

“Se eu pedir alguma coisa para o meu pai com a minha mãe, só eu que ganho! Não precisa gastar muito dinheiro, se tem dois era mais dinheiro, sozinho é só um é menos, se é dois é muito mais dinheiro.”

Aos cinco anos entrou numa escola de educação infantil municipal, na primeira série foi para outra escola pública onde permanece até hoje. Na primeira série contraiu meningite, se afastou da escola e como não conseguiu aprender a ler naquele ano, acabou ficando retido. Mas, depois, toda a seqüência escolar foi cumprida sem abandono ou reprovação e por isso se considera um bom aluno e afirma satisfeito que não tem *“nenhuma nota vermelha”*.

Seu lazer se restringe a assistir filmes, desenho animado e programas de humor na TV aberta, gosta também de jogar futebol num campinho improvisado próximo a sua casa e às vezes sair à noite com os pais ao supermercado e à locadora de vídeos.

Contou-me que trabalhou por um dia auxiliando seu pai no serviço de pintura de paredes e, embora considere o trabalho pesado, se sentiu recompensado com os vinte reais que recebeu. Ao narrar o destino do dinheiro revelou sua preocupação com a mãe e seu desejo de consumo - pequenas guloseimas:

“Ah, eu emprestei dinheiro pra minha mãe trabalhar quando estava chovendo; quando estava em casa comprei coisa pra eu comer: refrigerante, salgadinho e bala, assim... comprei coisas pra eu comer...”

Sente desejo de trabalhar para ter seu próprio dinheiro, poder comprar o que deseja, sem precisar pedir para o pai, mãe ou avó e também poder ajudar a família. Mas ao mesmo tempo revela a importância dos estudos e critica seus pais:

“Eles pararam pra ajudar a família. Eles começaram a trabalhar porque eles pararam de estudar pra ajudar a família. Eu penso que eles deveriam acabar os estudos, eles não acabaram, deveriam ir mais pra frente.”

Para Fábio o estudo se torna importante na medida em que pode livrá-lo do desemprego ou do trabalho pesado como aquele desempenhado pelo pai e ressalta que para ter uma vida melhor há necessidade de estudar mais:

“Quem não tiver estudo é capaz de não trabalhar... aí tem que trabalhar com o pai.”

“Pra eu ser alguém na vida né! Quem não tem estudo, fica na rua, não quero desse jeito, quero me formar, trabalhar num lugar bom e ganhar bastante dinheiro. Não ficar na rua.”

Revelando seus maiores medos: o desemprego e o trabalho pesado conclui que um bom trabalho é:

“Trabalhar em um mercado, em lojas, menos... é melhor do que trabalhar com pai. Fica demais, meu pai é pintor, cansa muito, pedreiro também cansa! É melhor ter essa profissão, trabalhar num mercado, loja, é melhor...”

Mas o trabalho ideal, isto é leve e bem remunerado, seria o trabalho no exército:

“Ah, meu pai falou que é bom, ele fez o exército só que depois ele saiu porque minha mãe tava grávida, aí ele saiu do exército, mas ele falou que era bom, aí eu vou ver também se consigo trabalhar no exército.”

A meta de conquistar um emprego fixo e menos “*pesado*” tem sua origem no discurso dos seus pais, no caso de Fábio, trabalhar “*num mercado, em lojas*” já significaria um sucesso em relação ao trabalho pesado e instável do pai.

Elaine, sua mãe, já não vê perspectiva de mudança na própria vida, nem faz planos para seu futuro, na realidade só demonstra seu desejo, mas sem esperanças de concretização, de que seu marido tivesse um emprego fixo, isto é sem interrupções. Assim, seu sonho é que o filho único, através do estudo, consiga um emprego menos pesado e com a segurança do emprego formal com todos os direitos garantidos, diferentemente de seus pais.

Fui apresentada a Elaine no mesmo dia da entrevista com seu filho, estava fazendo limpeza em sua casa, lavava as louças e as cadeiras estavam colocadas em cima da mesa. Nasceu na fazenda no interior paulista onde os pais trabalhavam numa plantação de café. Ainda criança se mudou para o município onde reside até hoje e assim pôde estudar até a quinta série. Aos dezenove anos começou a trabalhar de doméstica, ficou grávida, se casou e ficou sem trabalho remunerado por algum tempo. Julga o trabalho de doméstica

muito cansativo e está desanimada pelo fato de precisar “vender” suas férias pois o marido não tem emprego fixo e passa por períodos sem trabalho.

Tenta educar o filho único como foi educada por seus pais, exigindo respeito e obediência, mas diz que não está obtendo a conduta esperada e afirma que ele é “rebelde”. Revela sua insatisfação com a atual condição de vida, com seu trabalho e a com a instabilidade do trabalho do marido e justifica que investe nos estudos do filho visando melhores empregos no futuro dele:

“Quero que ele estude bastante e arrume um emprego bom, né. Como eu não estudei, eu queria que ele estudasse.”

Elaine é casada com Roberto, pai de Fábio. Roberto nasceu e sempre morou no mesmo município, começou a trabalhar aos doze anos vendendo frutas para ter dinheiro e liberdade para poder sair à noite. Aos quatorze anos passou a ser ajudante de pintor e foi aprendendo o ofício. Serviu o exército, trabalhou como vigilante em um condomínio e no setor de segurança de uma firma, mas criticou muito o sistema de hierarquias em que era submetido, não se adaptou e conclui:

“Lá você não sabe quem é que manda, todo mundo quer mandar”.

Desta forma voltou ao trabalho autônomo. Hoje trabalha como pintor de paredes juntamente com um grupo de velhos conhecidos. Justifica sua preferência pelo trabalho autônomo, pois segundo ele, não precisa obedecer outras pessoas. Tece grandes críticas a diferença de tratamento no seu ambiente de trabalho, diz que as pessoas mais ricas o tratam com frieza e que trabalhar com arquiteto e engenheiros também o desagrada, pois eles ganham “mais do que o dobro nas suas costas”.

Suas atitudes são claramente voltadas ao tempo presente. Parou de estudar na sétima série, era indisciplinado e os professores “pegavam muito no pé” e o seu desejo era “ter dinheiro para poder sair”. Ao mesmo tempo em que se mostra arrependido e afirma que teria uma “colocação melhor” se tivesse continuado os estudos, diz estar satisfeito com o dinheiro que ganha como pintor e da liberdade do trabalho sem patrão. Lamenta os períodos em que o trabalho é escasso, mas não consegue visualizar possíveis mudanças na

sua forma de trabalho. Quando é questionado sobre aposentadoria admite que seja preciso contribuir para poder receber, mas que no momento não tem condições para isso.

Julga ser vital a participação da esposa na manutenção da casa e sobre filhos diz:

“Não quero ter mais filhos não! Fica caro, você ter um monte de filho fica caro o negócio! Gasta demais!”

Exige que seu filho estude e respeite os outros e por isso o considera um *“moleque bom”*, cumpridor de suas obrigações na escola, pois só recebe elogios dos professores. Pensa que o filho deve continuar os estudos até o ensino médio e depois buscar o exército que lhe abrirá oportunidades para novos cursos e empregos com salários garantidos: *“porque isso é um dinheiro fácil!”*. Lamentando sua própria trajetória e o fato de não ter prosseguido no exército, diz sobre o filho:

“Só se ele for muito bobo! Se ele tiver o colegial quando ele entrar no exército, ele consegue fazer cursos lá também... E não casar, né! Como eu, eu casei quando estava no quartel...”

Os caminhos trilhados e os fatos ocorridos no passado, como sua saída do exército, a gravidez da esposa e o casamento, provocam em Roberto uma visão limitada de futuro sem perspectiva de mudanças. Simplesmente projeta no filho os desejos que não realizou como se lhe dissesse para não cometer os mesmos erros.

Os pais de Fábio desejam ao filho aquilo que perderam e lamentam não poderem reconquistar. Para mãe, a oportunidade de dedicar mais tempo aos estudos: *“Eu arrumaria um serviço pra ele, assim, meio período porque tem que estudar.”*; para o pai um trabalho com *“dinheiro fácil”* no exército. Fábio, sem apresentar sonhos para seu futuro, julga que prolongar a escolarização até o segundo grau parece um investimento possível e necessário para ter um emprego mais leve e seguro no futuro. Como revela a frase que intitula o texto, apresenta um forte desejo em curto prazo: ter um emprego no comércio local, ter dinheiro para ajudar em casa e ampliar sua possibilidade de consumo e se livrar do trabalho pesado como aquele desempenhado pelo pai.

Júlia: “fiquei ao léu”.

Júlia, branca de 14 anos, corpo franzino, cabelos longos cor de mel e olhar triste, cursando o último ano do ensino fundamental de uma escola pública, residente num bairro popular do município, teve toda sua narrativa acompanhada de longas reticências.

No dia 01 de abril de 2006, sentada em sua cama num pequeno quarto, Júlia me concedeu a entrevista. Nasceu e morou na capital paulista até os 12 anos, mudava muito de residência devido à inconstância nos relacionamentos da mãe. Apanhava muito e com cinco anos cuidava da irmã recém nascida. Perdeu o pai quando tinha quatro anos e a mãe aos oito, ambos faleceram com pouco mais de trinta anos vítimas da AIDS. A partir da morte da mãe os cinco irmãos se separaram: dois ficaram com o pai biológico na capital paulista, uma foi para o interior, outro para um estado do nordeste e ela foi viver com uma tia religiosa em um estado do sul. Depois voltou a morar no estado de São Paulo vivendo com o avô materno e finalmente veio para a casa onde reside hoje, com Suzete, prima de sua mãe, no interior do estado. Ao falar sobre sua infância, muitas vezes se mostra confusa quanto ao tempo e espaço onde viveu, onde e quando se mudou ou estudou e assim se justifica a frase de Júlia que intitula o texto.

Com a vida familiar instável, a adolescente afirma que para ela entrar na escola foi encontrar a alegria de brincar, de ter amiguinhos e não precisar se preocupar com a irmã caçula.

Nunca foi reprovada, mas chegou à quinta série sem saber ler e atribui isso ao fato de não ter ninguém que a ajudasse em casa. Contou-me que ao vir passar as férias na casa de uma prima se deu conta de que não conseguia ler e se envergonhou muito. Recebeu auxílio de uma professora que vendo sua dificuldade lhe ofereceu aulas de reforço: a ajudava, insistia e dava-lhe mais tempo. Também recebeu ajuda de uma tia religiosa com quem viveu durante algum tempo numa instituição: *“Ela lia muito e eu ficava junto. Eu lia para ela, ela não entendia e pedia para eu ler de novo...”*. No mesmo período também pode fazer um curso básico de informática.

Em 2004 veio morar com Suzete, reclama dos limites que lhes são impostos e conta os conflitos com a prima. Suzete por sua vez, afirma que faz isso para o bem de

Júlia, pois deseja que a jovem tenha a *“sorte diferente da mãe dela”* fazendo referência clara a vida amorosa agitada da mãe de Júlia.

A casa própria onde moram é simples: sala, cozinha, banheiro e dois pequenos quartos, suficiente para Suzete, seu marido e o filho de 15 anos. Mas, a recente gravidez de Suzete e a chegada das primas (Júlia de 14 anos e a irmã de 10 anos) trouxeram a família muitas preocupações entre elas a necessidade de ampliação da casa de maneira a evitar o constrangimento de ter os primos de sexo oposto dormindo no mesmo quarto. A pequena casa está localizada no fundo do terreno e na parte da frente estão armazenados tijolos, areia e cimento esperando que a limitação econômica se abrande para a tão desejada ampliação.

Júlia conta que foi bem recebida pelos professores na escola atual, mas declara um relacionamento conflituoso com os colegas: *“eles têm uma guerra contra mim”*. Atribui isso ao fato de ter *“ficado”* com o namorado de uma colega logo na primeira semana que chegou à escola e conclui: *“ficar é mais fácil que ter amizade ou namorar”*. A jovem deixa claro que para ela escola é lazer e família é aprender.

Júlia me fala do livro *“Meu Pé de Laranja Lima”*, um dos poucos que leu até o final, fornecido por Suzete (o livro *“Cristiane F, prostituta e drogada aos treze anos”* que Suzete possui ainda não foi dado a Júlia, pois julga que ela ainda não está preparada para esse tipo de leitura). Contou-me a história trágica do menino atrevido que apanha muito e tem uma árvore como melhor amiga. Fala da morte do personagem português, um homem rígido com o menino, mas que o educa, repreende e acolhe. E conclui que no final do livro o personagem central se mostra desanimado, parece que me fala de sua própria história de insegurança, medo e solidão. Assim, conclui: *“aí não teve mais graça”*.

Quando lhe pergunto sobre futuro diz:

“Sei lá o que eu penso... Quero ser alguém... tem que batalhar muito e eu não gosto de batalhar, eu gosto de ganhar...”.

Conta que já trabalhou alguns dias na casa de outra prima, lavou louça e cuidou de crianças:

“... me senti horrível...é horrível cuidar da casa de uma pessoa...ela fica mandando faça isso, faça aquilo...”.

Com o emocional tão instável, Júlia confronta o sonho de ser professora ou advogada para “*ajudar as criançinhas*”, talvez se referindo a ela mesma e aos seus irmãos. Mas logo a seguir demonstra não ter esperanças de seguir tais profissões e fala da realidade que insiste em se apresentar a ela:

“Vou encontrar um trabalho e ... trabalhar... ajudar entendeu... Quero trabalhar, quero ajudar...é isso que eu quero pro ano que vem...”

Para Júlia o valor do estudo está na única possibilidade de fugir do desemprego:

“É pra arrumar trabalho, agora até pra varrer a rua você tem que ter o primeiro grau, então o estudo é a primeira coisa que vem.”

E conclui falando do que tipo de trabalho pretende realizar no próximo ano:

“Atender telefone porque eu falo bastante, eu falo no telefone, atender telefone aqui, escrever também... Assim, o primeiro emprego que tiver assim eu pego, qualquer um, que dê um dinheiro bom assim...”

Júlia tem poucos recursos para ver na escolarização além do diploma, um bilhete de entrada para o mundo do trabalho. Para ela o trabalho em curto prazo se torna a opção mais premente, pois representa a possibilidade de colaborar com a família que a acolheu e ao mesmo tempo a possibilidade de ampliar seu espaço de sociabilidade tão restrito e controlado pela prima.

Denise: “tudo pra ela era difícil porque ela era minúscula”.

Denise, loira, de olhos claros, com 13 anos, evitou me olhar nos olhos, se mostrando bastante tímida e se expressando com frases curtas. Cursa o último ano do ensino fundamental na escola pública e reside na casa dos avós em um bairro popular.

No dia 01 de abril de 2006, enquanto seus primos brincavam na rua de terra em frente a sua casa, sentada num banco rústico de madeira embaixo de uma árvore, Denise me falou a frase do título acima. Contava-me sobre um livro de poesias cujo personagem

central era uma formiga e indicava com sua postura e timidez que se sentia como a personagem do livro.

Nasceu na capital paulista, e após a separação dos pais, com sete meses, veio morar com os avós no interior do estado em um sítio próximo de onde mora agora. Embora sempre estivesse com a mãe, atribui aos avós a sua educação, lembra das brincadeiras nas ruas de terra e de andar de carroça com o avô.

Já morou em outro bairro durante alguns anos com a mãe e o padrasto, mas a segunda união acabou e voltou com a mãe a morar com os avós. Hoje, na pequena casa de quatro cômodos, algumas paredes sem reboco, muro baixo que permite que da rua se veja o tanque de lavar roupas, moram os avós de Denise, sua mãe, seus dois irmãos menores e mais dois primos pequenos de quem a adolescente precisa ajudar a “*tomar conta*”.

Contou-me sobre sua escolarização, se lembrou da satisfação de “*falar pra mãe que eu já sabia ler*” e dos livrinhos da biblioteca, citou um livro que achou marcante “*o livro da formiguinha*”, mas conclui que hoje já não gosta mais de ler. Nunca foi reprovada e julga o ensino da escola atual melhor que a anterior, pois “*os professores exigem mais*”. Para ela um bom professor é aquele “*que passa filme, pesquisa e trabalho fora do livro*”. Mas, quando o assunto são os conteúdos estudados, suas respostas são vagas demonstrando que possui pouco interesse pelas diferentes áreas do conhecimento.

Nunca teve trabalho remunerado, mas ajuda a avó a cuidar dos outros quatro netos, e algumas vezes foi auxiliar a mãe no trabalho de faxineira. Sente vontade de trabalhar e ganhar para poder comprar as coisas que ela quer.

“Eu tenho vontade de trabalhar pra ter o meu próprio dinheiro e também pra ajudar em casa, porque às vezes eu quero uma coisa e minha mãe não tem como me dar. Aí eu tenho vontade de trabalhar porque daí se eu quero, eu tenho dinheiro, eu vou lá e pego e compro! É por isso também que eu tenho vontade de trabalhar.”

Comenta sua limitada opção de lazer:

“Eles não deixam eu ficar na rua...então eu fico aqui no banco mesmo sentada ...”

“Ah, eles querem que eu fique só em casa, eu não gosto de ficar só em casa! Eu quero sair de final de semana com os meus amigos, eles não deixam. E o que eles querem que eu faça é ficar só com eles, brincando com as minhas primas, com os meus irmãos e cuidando deles...”

Reclama da falta de liberdade:

“Ah, não sei por que não me deixam viver minha adolescência! Sabe, o que eu quero fazer eles não deixam e o que eles querem que eu faça eu não quero fazer!”

Reconhece que “*se não tiver estudo, não arruma emprego*” e pretende fazer o segundo grau numa escola noturna de um bairro próximo onde algumas amigas estudam e sua mãe faz o supletivo. Gostaria de cursar veterinária, mas logo completa: “*se não der certo...não sei...*”, quando questionada sobre o tipo de trabalho que desempenharia como veterinária fica pensativa e não responde. Expressa o futuro com termos vagos: “*estar trabalhando, formada, com o diploma na mão... casar e ter uma menina...*”. Assim, revela não possuir elementos suficientes para elaborar um projeto de futuro nem mesmo em curto prazo.

O ambiente escolar representado pelos professores e pelos conteúdos trabalhados parece não ampliar suas opções de futuro, não cita cursos técnicos ou profissionalizantes e mesmo quando fala em ser veterinária tem como referência os animais que tinha contato na infância e nada sabe sobre a profissão.

Sua história de instabilidade, vivendo num ambiente de socialização restrito à família e à escola, talvez se sentindo minúscula como a formiga da poesia que me contou, Denise vê o trabalho como possibilidade de “*viver sua adolescência*” como deseja.

A mãe de Denise, Mariana, casou-se, foi morar na capital do estado e teve a primeira filha aos 17 anos. Classificou seu primeiro marido como “*folgado*”, por isso o deixou quando a filha tinha sete meses e voltou a morar com os pais, no mesmo lugar que moram ainda hoje. Voltou a estudar, fez a quinta e sexta série. Algum tempo depois conheceu e foi morar com um caminhoneiro, interrompeu novamente os estudos, teve dois filhos, mas por traição se separaram. Mariana voltou à casa dos pais, voltou a estudar e atualmente cursa a sétima série no supletivo. Tem contato com o segundo marido, que reside num bairro próximo com outra companheira, e se mostra satisfeita, pois o mesmo paga a pensão pelos dois filhos corretamente. Mariana se mostra bastante grata aos seus pais pelo apoio em recebê-la e acolher seus filhos após as separações.

A inconstância nos relacionamentos e no trabalho de Mariana produz em sua mãe o sentimento de “*dó*”: “*dó*” da neta que não conheceu o pai, “*dó*” da filha que é separada e

precisa trabalhar e estudar. Critica a escola atual dizendo “o avô dela estudou até terceiro ano, mas sabe mais do que a oitava série de hoje”. Mas ressalta que hoje a vida que está “custosa”, e que só através do estudo pode se conquistar um trabalho:

“Sem o estudo você não faz nada, né! Se não tiver um estudinho hoje, você não trabalha em canto nenhum que presta né. Você tem que ter o terceiro ano de escola, depois precisa fazer um curso, fazer alguma coisa pra pegar um serviço mais ou menos. Não é bom, bom, é mais ou menos! Senão você vai ficar aí lavando banheiro o resto da vida... aí então eu esforcei com ela e ela voltou a estudar...” (avó de Denise falando de Mariana)

Mariana trabalha desde os 15 anos desempenhando as funções de doméstica, faxineira e ajudante de limpeza em fábricas da região. Contou-me que começou a sentir a importância de prolongar os estudos quando trabalhou em uma fábrica de cosméticos e teve contato com outros funcionários que trabalhavam com “química”. Nesta época visualizou a possibilidade de outro tipo de trabalho e por isso voltou a estudar, mas ao perder este emprego, voltou ao trabalho doméstico em casa de família e perdeu o estímulo.

Mariana espera que sua filha vá para o caminho certo que para ela significa: estudo em primeiro lugar, não ficar na rua e não ficar com más companhias. Disse que ela acabou não seguindo essas orientações de seus pais e lamenta a vida atual. Assim, não permite que a filha saia para outros lugares além da escola, como garantia de que ela estará no caminho certo. Num primeiro momento diz não querer que a filha trabalhe, mas logo em seguida completa: “só se ela for cuidar de criança” como ela mesma fez aos quinze anos. Fala do valor do trabalho, pois desta forma a filha poderá ajudá-la nas despesas e continuar os estudos à noite e depois num futuro remoto possa até escolher uma faculdade. Mariana tenta proteger sua filha limitando seu espaço de sociabilidade e prolongando sua dedicação total aos estudos até o término do ensino fundamental, mas a partir daí, mãe e filha concordam que estará no momento de buscar outros espaços através da entrada no mercado de trabalho.

Embora o discurso em prol da escolarização apareça justificado pela esperança de fugir do trabalho desqualificado, no caso de Denise é o trabalho que tende a ganhar força na medida em que além de propiciar recursos econômicos imediatos, ampliará seu ambiente de socialização que hoje é tão restrito e tanto a entristece.

Capítulo 2

Investindo na escolarização

“Eles querem que a gente se esforce que a gente procure mais conhecimento. Eles falam que o mercado de trabalho não está fácil hoje. Então, quanto mais a gente se especializar, melhor vai ser a condição financeira nossa no futuro”- Ariana

Fazem parte deste grupo cinco adolescentes com idade entre 13 e 15 anos que na data da entrevista cursavam o último ano do ensino fundamental. Dois deles, Denis e Dirceu são alunos da escola pública e outros três, Ariana, Gustavo e Sara são alunos da escola privada.

Os adolescentes são interpretados como grupo, por apresentarem semelhanças em um projeto em curto prazo, colocando os investimentos na escolarização como ponto chave para a manutenção do nível de vida atual e conquistas de melhores condições no futuro. Enumeram um conjunto de possibilidades que serão definidas mais claramente com o decorrer do tempo, mas que passam obrigatoriamente por uma escola de ensino médio de qualidade. Os caminhos irão sendo construídos na medida em que vão caminhando, o ponto de chegada ainda é incerto, mas cursar a universidade é quase que uma questão de honra.

Ariana deixa claro que deverá escolher uma escola de qualidade para cursar o segundo grau e que deve direcionar todo seu tempo e energia na formação escolar. No futuro mais remoto cursar a universidade é imperativo. Não tanto pela questão profissional, pois a garota se mostra bastante dividida entre a questão profissional e o papel que deverá exercer como mulher dentro da família que pretende constituir, mas principalmente para manter o status familiar.

Denis planeja fazer o ensino técnico, fala em eletrônica e informática e em longo prazo pretende realizar o sonho da mãe em ter um filho na universidade, pois ambos percebem que a família paterna tem melhores condições de vida pelo fato de terem alcançado um maior nível de escolarização. Os sonhos não bastam para construir um

projeto mais definido, faltam-lhe informações e pontos de referência para que ele trace mais claramente seu caminho. Quanto ao futuro mais remoto, encerra a entrevista deixando em aberto à possibilidade de fazer como o irmão, ir para o Japão.

Dirceu apresenta seus planos de forma mais clara, pretende fazer o segundo grau de manhã e trabalhar à tarde para obter recursos para cursar informática e fazer academia de ginástica. No futuro mais remoto deseja cursar a faculdade e cita engenharia eletrônica ou propaganda, mostrando-se dividido entre o desejo do pai e suas atuais impressões sobre a melhor profissão.

Gustavo planeja fazer no último semestre do ano, um curso particular que o prepare para prestar o processo seletivo do colégio técnico público que é reconhecido pelo ensino de qualidade. Demonstra que irá construindo seu futuro à medida que as informações forem surgindo e as escolhas se fizerem necessárias: primeiro fazer o cursinho preparatório, depois optar pela área do colégio técnico e posteriormente fazer a opção pelo curso universitário.

Como Gustavo, Sara também pretende fazer o curso preparatório para prestar o processo seletivo do colégio técnico público, pois este lhe abrirá “*várias janelas*” para o futuro. No futuro mais remoto é certo que cursará a universidade e revela que optará pelas áreas de publicidade, eventos ou moda.

Ariana, Denis, Dirceu, Gustavo e Sara demonstram ter interiorizadas as aspirações familiares quanto ao futuro, apresentando como foco central o prolongamento dos estudos até a conclusão do ensino superior. Desta maneira a educação escolar é o eixo central do projeto de futuro destes jovens.

É possível encontrar bases sociais que justificam a percepção de futuro destes adolescentes e a forma como tentam elaborar um plano de investimentos para manterem ou melhorarem suas atuais condições de vida. A mobilidade geográfica de seus familiares na busca de melhores opções de estudo e trabalho como forma de consolidar a estabilidade econômica já existente e o prolongamento da escolarização como principal investimento na preparação para o mercado de trabalho são as características mais marcantes das trajetórias destas famílias.

Mobilidade geográfica e a consolidação da estabilidade econômica

Os avós dos adolescentes deste grupo já possuíam uma posição estável, eram: militar, fazendeiro, funcionários públicos, proprietários de casas comerciais e prestadora de serviços; permitindo que os pais de hoje atingissem ocupações como: médico, pequeno empresário e professores consolidando a estabilidade familiar. Todos os adolescentes deste grupo nasceram no município onde residem atualmente e com exceção da família de Sara, as outras famílias têm histórico de mobilidade geográfica recente¹⁸.

Algumas famílias têm raízes rurais recentes, deixaram cidades menores do interior paulista e buscaram outras regiões do estado com maiores oportunidades de trabalho e estudo.

Este movimento do rural para urbano, de cidades menores para cidades maiores não é isolado, mas faz parte de um movimento de maior “*rapidez do processo de urbanização*” ocorrido em todo Brasil¹⁹:

“Na década seguinte (70), o ritmo de urbanização é ainda mais acelerado, observando-se um declínio da população rural tanto em termos absolutos – cai para 38,6 milhões- como relativos, representando apenas 32,4% da população total em 1980.” (Hasenbalg, 2003:11)

Para estas famílias este movimento representou melhores oportunidades de estudo e trabalho, resultando numa melhoria significativa nas condições de vida. Os familiares deste grupo desde Clara, mãe de Denis, filha de analfabetos que concluindo o segundo grau alimenta o sonho de um emprego melhor remunerado, passando pelos que trabalham no serviço público estável e seguro, até o médico, pai de Ariana, apresentam em comum uma trajetória de busca incansável para melhoria de vida. Não aceitam os limites impostos pela “vida” e buscam a ascensão social através da dedicação e esforço pessoal tanto no trabalho quanto nos estudos mesmo que isso signifique sair da terra natal e buscar novos horizontes.

¹⁸A família de Sara vive nesta região do interior paulista há mais de três gerações. Tanto seus avós paternos como os maternos são famílias proprietárias de casas comerciais tradicionais no centro da cidade.

¹⁹HASENBALG, Carlos. (2003)

A família de Denis se instalou no atual município quando o processo de urbanização se intensificava. Seus avós paternos vieram do Japão e abriram uma lavanderia onde trabalharam por algum tempo com seus filhos. Os filhos estudaram, cursaram universidade, passaram a desempenhar trabalhos mais qualificados (foram citados economista e médico) e possuem atualmente melhores qualidades de vida. No entanto o pai de Denis, devido a uma deficiência visual, interrompeu os estudos na quarta série do ensino fundamental e não conseguiu a mesma ascensão de seus irmãos. Para o adolescente o sucesso dos tios que cursaram o ensino universitário é um exemplo que pretende seguir. Os avós maternos de Denis saíram do interior paulista onde trabalharam na agricultura e migraram para regiões mais industrializadas do estado. Para sua mãe isso significou a oportunidade de continuar os estudos até a conclusão do segundo grau e o casamento com um dos donos da lavanderia onde trabalhava. Com o diploma de segundo grau ela esperava melhores empregos. Seu objetivo ainda não foi conquistado, mas orgulha-se de ter mantido seus filhos com dedicação total nos estudos.

Taís, mãe de Gustavo também viveu mudanças de cidades menores para cidades maiores e desta forma foi possível cursar a universidade e depois de formada trabalhou em *“projetos de dança para a terceira idade”*.

Aproveitando as oportunidades de estudo e trabalho as famílias deste grupo foram conquistando melhores condições de vida e em suas trajetórias é possível notar uma ascensão a cada geração. Tal ascensão só foi possível graças ao prolongamento dos estudos: conclusão do segundo grau em dois casos, do nível universitário em outros dois e no caso da família de Sara a carreira acadêmica da mãe. Em graus diferentes, mas com a mesma característica de depositar nos estudos grande parte dos investimentos, este grupo de famílias atingiu um nível melhor de emprego e segurança podendo oferecer aos seus filhos total disponibilidade para os estudos.

Prolongamento da escolarização

Ao compararmos o tempo de escolarização dos avós e dos pais dos adolescentes, é possível notar uma ampliação significativa. Assim, para estas famílias a educação escolar foi ganhando peso e adquirindo um papel fundamental no projeto de futuro das gerações mais jovens. É pela escola que se tem a possibilidade de construir a história de seus filhos. É pela escola que se adquire a moeda de troca para manter ou ascender socialmente.

Ao longo das gerações, é possível notar que cada família tenta, de acordo com seus recursos, ampliar a escolarização como forma de atingir melhores condições de vida.

Clara, mãe de Denis conta de forma quase dramática seus esforços para ampliar sua própria escolarização. Durante a infância morava na zona rural distante da escola, a precariedade financeira e a necessidade de colaborar no trabalho desde os oito anos, provocaram o abandono dos estudos por várias vezes. Depois de adulta e com sua mudança para a zona urbana de uma cidade de maior porte pôde usufruir da oportunidade de prosseguir os estudos até a conclusão do ensino médio. O retorno de seus investimentos na escolarização não ocorreu, mas, segundo ela ainda poderá vir a ter a recompensa pelos estudos quando obtiver um emprego melhor. As tensões familiares e seus reduzidos recursos não lhe permitiram a ascensão sonhada e por isso trabalha para que seus filhos curse a universidade e conquistem um futuro melhor a exemplo dos seus tios do lado paterno.

O avô de Gustavo, funcionário público com o cargo de fiscal de renda e a avó professora sempre fizeram “*questão que os filhos fizessem faculdade*”. A herança do bisavô, que era fazendeiro, foi usada para comprar casas de aluguel, obtendo recursos para custear os estudos dos filhos. Assim, todos os oito filhos concluíram o ensino superior (medicina, engenharia, pedagogia, agronomia, veterinária e educação física).

Os recursos disponíveis são aplicados na escolarização dos filhos dentro das possibilidades de cada família, mas representam sempre um grande peso. Na geração dos pais, indo da doméstica Clara, que possui dois empregos, e libera seu filho totalmente para o estudo e chegando ao médico, pai de Ariana, que vivência um acúmulo de trabalho e

plantões para conseguir manter seus três filhos numa escola privada, todos são a imagem do esforço insistente para manter ou melhorar o nível de vida de seus filhos.

Desta forma, há um empenho familiar em prol da educação dos filhos, prolongando seu status de estudante, elevando seu nível cultural, ou seja, acumulando recursos para a disputa futura no mercado de trabalho. Priorizando a dedicação total aos estudos, a entrada no mercado de trabalho é protelada. Os adolescentes deste grupo nunca desempenharam qualquer atividade remunerada e são dispensados das atividades domésticas a fim de se dedicarem inteiramente dos estudos²⁰.

Para atingir seus objetivos, a família adota também uma educação rigorosa, exigindo de seus filhos total dedicação, sacrifícios e renúncias, enfim toda uma postura moral é transmitida aos jovens tentando torná-los agentes de sua própria história e construtores de seu futuro. Além disso, a família busca mais qualidade, analisa e critica as experiências educativas desenvolvidas pela escola e quando necessário oferece aos filhos atividades paralelas para reforçar o ensino escolar.

A família de Ariana busca ajuda com especialistas. Clara mãe de Denis conta da insatisfação do filho com relação a processo de ensino da escola, e planeja buscar uma escola com melhor qualidade de ensino para o segundo grau. Carolina, mãe de Sara, analisa a qualidade do trabalho das escolas por onde as filhas passaram e busca sempre um estudo de qualidade para as meninas como forma de garantir-lhes um futuro melhor.

Com maiores ou menores limitações financeiras, mas sempre com posturas determinadas, as famílias apresentam condutas planejadas em curto e médio prazo na escolarização dos filhos somado a certeza da necessidade de cursar a universidade posteriormente.

²⁰ Esporadicamente Gustavo auxilia a mãe nas aulas de dança de salão.

Movimento interno de cada família:

Ariana: “Eu procuro estar sempre melhorando... Eu posso sempre ir mais além”.

Meu contato com Ariana se deu no dia 27 de junho de 2007 em uma sala reservada na escola privada onde estuda. Aos 14 anos, cursando o último ano do ensino fundamental, Ariana é uma garota delicada, quase frágil, loira de cabelos presos e olhos claros escondidos atrás das grossas lentes de seus óculos.

Sempre residiu no mesmo município em um bairro de classe média com seus pais, sua avó materna e seus dois irmãos. O mais velho, de 18 anos, faz engenharia elétrica numa universidade privada e o mais novo, de 12 anos, cursa o 7º ano na mesma escola de Ariana.

O rigor da educação familiar e religiosa resultou em Ariana um forte respeito pelas instituições familiar, religiosa e escolar. A frase do título acima resume como ela se vê no futuro: uma mulher dedicada e dividida entre as atribuições familiares e profissionais.

Os pais de Ariana vieram da capital do Rio de Janeiro. Seu pai, depois de concluir o curso de medicina, usando-se de indicações de amigos, buscou no estado de São Paulo melhores oportunidades de trabalho em sua área. Hoje acumula dois cargos de chefia, em diferentes hospitais públicos do município onde reside. Sua mãe, carioca de 44 anos, trabalhou desde jovem, se formou em administração de empresa, foi bancária e professora de matemática. Com a mudança, a conquista por parte do marido de um emprego estável e melhor remunerado e após o nascimento do primeiro filho ela se abdicou da vida profissional para se dedicar totalmente à vida familiar. Hoje a família reside em casa própria num bairro de classe média e possui recursos suficientes para manter três filhos em escola privada.

Durante toda a entrevista Ariana deixa claro que seus pais insistem em lhe mostrar o grande esforço necessário para atingir o nível de vida atual. Tentando inculcar na filha a necessidade da dedicação nos estudos, a importância do uso do dinheiro “*com sabedoria*”, insistindo que ela tenha uma postura séria e responsável, enfim uma vida regrada para manter o status atual:

“Eles querem que eu esteja sempre me esforçando...porque foi o que aconteceu com eles, eles sempre se esforçaram e querem o mesmo pra mim. Eles falam que a gente tem que manter a mesma condição financeira que nós temos, eles falam que a gente tem que proporcionar isso pra nossa família depois. Do mesmo jeito que a gente quer ter uma categoria econômica a gente tem querer pra nossa família depois...”

Certos de que a posição atual da família se deve aos méritos e esforços dos pais, principalmente na conquista do status de médico alcançado pelo pai, valorizam a boa vontade e a seriedade nos estudos e concentram todos os esforços na educação escolar dos filhos. Os três filhos do casal cursam escolas privadas, um investimento alto e pesado que justifica a necessidade da grande jornada de trabalho do pai pois, de acordo com os valores da família, cabe à mãe estar “*presente*” na educação dos filhos. Os investimentos na escolarização, a cobrança em atitudes em relação aos estudos como possibilidade de se preparar para o futuro são bastante fortes e demonstram grande grau de preocupação com o futuro dos filhos:

“Que eu estude, que eu faça a lição de casa, isso aí que eles pegam no pé. Eles não gostam que a gente seja desleixado com os estudos...Aí eu passei por quatro fonoaudiólogas, para ver se eu conseguia melhorar porque eu tinha muito problema com gramática.”

O futuro se apresenta para Ariana e sua família com um peso muito grande, um desafio que precisa de altos investimentos e com retorno nem sempre seguro. O peso toma proporções maiores quando a jovem narra suas dificuldades no sistema escolar. Iniciou sua escolarização em outra escola privada, mais rígida:

“Eu era pequena, tinha problemas, uso óculos, a gente não sabia, eles não se importavam com isso, eu tenho problema auditivo, problema de decodificação, eles também não se importavam... Meu irmão sofria pra caramba naquela outra escola... eles também não ligavam, as crianças batiam nele, a diretora não ligava”.

Na quinta série, num “*ato de desespero*” Ariana foi transferida. Embora narrando as dificuldades na antiga escola admite que seu conteúdo atingia melhores patamares que a

escola atual. Conta que na escola atual a qualidade do aprendizado é mais importante que a quantidade. Assume as dificuldades escolares como um limite pessoal que precisa ser trabalhado de forma paralela com especialistas: fonoaudióloga que frequentou por mais de cinco anos, Kumon em matemática para ajudar no cálculo mental e inglês para melhorar a pronúncia, além de ter feito aulas de violino e, atualmente, de piano²¹.

Apresenta uma moral religiosa bastante forte, participa de uma igreja com trabalhos bem delimitados no tempo e no espaço, isto é os jovens participam de grupos divididos por sexo e faixa etária: “*Organização de moças*” e “*Organização de rapazes*”:

“A gente faz o seminário também que é como se fosse uma catequese, a gente faz toda semana, é de terça a sexta feira e tem sempre um adulto supervisionando, um adulto responsável. É uma coisa mais sadia, não é tipo as coisas lá fora, é bem diferente mesmo.”

Ao falar sobre o futuro, a educação familiar e religiosa se confronta com a questão profissional e econômica, desta forma Ariana se mostra confusa, numa “*crise de identidade*” com tantas demandas que lhe apresentam:

“É meio triste por isso. Eu tinha pensado em fazer curso técnico em turismo, mas eu acho que vai ficar cheio pra mim, eu tenho mais o kumon e o piano. O Seminário eu posso passar pra de manhã ... mas é um problema porque eu acho que não vou conseguir dar conta de tudo...”

Valoriza muito a profissão do pai, mas não seria uma boa opção para ela, pois dificultaria a sua dedicação à família de deseja constituir e conclui que pretende manter o modelo de família dos pais:

“Como a da minha mãe mesmo, com meus filhos, com meu marido, do jeito que eu vejo a minha mãe mesmo, a vida dela ...cuidar dela no futuro, visitar ela e meu pai...”

Contrastando o papel da mulher no cuidado da família e a necessidade de crescimento profissional fala sobre a possibilidade de fazer faculdade de Turismo:

²¹ Kumon é um método de estudo individualizado que busca formar alunos autodidatas, ou seja, capazes de aprender por si só, o método promete formar alunos autoconfiantes, disciplinadas, capazes de enfrentar desafios, buscar os próprios sonhos. Fonte: <http://www.kumon.com.br>

“lidar com esse negócio de viagem ... vai me ajudar a exercer outras línguas que talvez possa ajudar os meus filhos a se especializarem melhor no futuro por causa disso.”

Salienta a necessidade do equilíbrio entre o trabalho e o papel da mulher, mas acaba admitindo que o trabalho deva ficar em segundo plano já que: *“não vou ter tempo pros meus filhos, aí é uma coisa triste, não ter a mãe muito presente ...”* Desta forma os estudos tem função mais simbólica na tentativa de garantir o status familiar.

Denis: “Se não der pra ser aqui tem que tentar lá”.

A entrevista com Denis e sua mãe se deu em 25 de março de 2006, no salão ao lado da igreja católica onde Denis realiza o curso de catequese para adolescentes. Denis tem a pele morena e os olhos levemente puxados revelando a descendência indígena por parte de mãe e japonesa por parte do pai. O garoto é tímido, se comunica em poucas palavras e de cabeça baixa, evita me olhar de frente. Aos 13 anos, cursava o último ano do ensino fundamental numa escola pública do bairro onde reside desde que nasceu.

Denis, o segundo e último filho de Clara pode se dedicar inteiramente aos estudos, tem TV, DVD, e vídeo game no quarto, e com a ajuda do irmão mais velho pensa em estudar numa escola privada de melhor nível de ensino visando realizar o sonho da mãe de ver um filho na universidade.

Tímido, me contou sobre sua infância, sem grandes preocupações: assistindo desenhos na TV, freqüentando a escola de educação infantil municipal tendo como lembranças os banhos de piscina, o computador na sala de aula e os aniversários comemorados com a turma na sala de aula. Ao entrar no ensino fundamental o medo dos professores, passado pelos alunos mais velhos, foi dissipado pela professora Ana Maria que *“não brigava”* e o esperava, quando se atrasava na cópia da lousa. Atualmente considera-se um aluno regular, fala das dificuldades em algumas disciplinas que precisa estudar muito para *“decorar”* a matéria. Demonstra preferência pela área de ciências e

afirma que nesta disciplina sempre tirou boas notas e cita os conteúdos que mais o atraem. Mas, de maneira geral se mostrou insatisfeito com o ensino de 5ª a 8ª séries:

“É, para mim português está fácil. Matemática o professor está meio ruim esse ano... Eu estou querendo mudar de escola, ir pra uma que os professores estejam melhores”.

Estuda na escola desde a primeira série e nunca foi reprovado, mas reclama que tem poucos amigos e demonstra a dificuldade de relacionamentos. Além da escola, frequenta poucos lugares: começou agora aulas de aprofundamento na igreja que começou a frequentar, vai esporadicamente com a mãe à um shopping, à casa de uma tia e de um vizinho. Fez um curso de informática utilizando computador e CD room do vizinho.

Para Denis, o estudo é importante pois o livrará do trabalho braçal e o ajudará a conquistar um emprego mais seguro:

“Porque pra prestar um concurso, sempre tem que ter estudo e sem ter estudo só se for pra trabalhar de jardineiro mesmo. Eu preferia qualquer coisa que não fosse ter que trabalhar em pé ou qualquer coisa assim. Eu preferia um escritório por isso eu pensei em fazer informática ou eletrônica”.

Demonstra o desejo de fazer um curso técnico em eletrônica, mas desconhece as escolas públicas que oferecem cursos técnicos e profissionalizantes e vê a possibilidade de cursar uma escola técnica privada da região graças aos recursos que o irmão mais velho pode enviar do Japão.

“Já me falaram de escola aqui perto... o estudo é pago, mas também tem aquela prova pra ganhar a bolsa.”

Na infância falava em ser médico, mas hoje avalia que há maiores oportunidade na área de eletrônica e informática. Sempre que fala sobre o futuro escolar se refere ao ensino médio e ao profissionalizante (informática e eletrônica) ao mesmo tempo. Faz uma avaliação do momento atual e da escola em que estuda e lamenta que a mesma não ofereça o ensino de qualidade necessário para cursar uma boa universidade e por isso pretende buscar uma escola privada para o ensino médio.

Com admiração se refere aos tios e primos que conquistaram profissões de nível universitário, entre eles dentista, médico e advogado, mas não tem muito relacionamento com os mesmos. Mostra admiração pelo irmão que trabalha no Japão e embora mostre muitas dúvidas quanto ao futuro, não descarta a possibilidade de seguir o mesmo destino do irmão na conquista por empregos melhor remunerados.

O sonho de Denis é conquistar melhor posição social como seus parentes paternos, mas revela insegurança que pode ser justificada pela trajetória de dificuldades dos pais e seu irmão mais velho.

O pai de Denis foi criado pela mãe japonesa, já que o pai morreu quando ele ainda era jovem, sempre trabalhou na lavanderia da família, fala um dialeto oriental, mas como não é a língua oficial, é considerado “*um modo caipira*” de se expressar e caiu em desuso. Sua mãe, Clara, de baixa estatura, pele morena, cabelos negros, grossos e longos, magra vestindo calça jeans e blusinha de linha azul, olhar tranqüilo e sorriso tímido me falou sobre o filho mais velho. O jovem ao concluir o segundo grau arrumou um emprego no comércio da região, mas logo se sentiu desestimulado com a informalidade e com o salário baixo. É assim no diminutivo que a mãe se refere ao primeiro trabalho do filho no Brasil:

“Ele arrumou emprego numa lojinha naquele centrinho que tem ali, no lado de baixo do bairro. Não sei como é que chama aquele shoppinzinho que tem ali, mas era assim, era um quebra galho como se diz, não tinha nem carteira assinada nada, ganhava salário...”

Aos vinte anos, inconformado com a situação, o jovem buscou uma agência de empregos, fez o caminho inverso de seus avós paternos e está a dois anos no Japão. Se submetendo a um regime duro de trabalho longe da família, mas com uma boa remuneração, o jovem auxilia a família enviando dinheiro para comprar dos tios herdeiros a ampla casa onde moram seus pais e ainda sugere a transferência do irmão para uma escola privada buscando melhor qualidade de ensino.

Clara teve uma infância difícil, desde os oito anos já auxiliava a família no trabalho rural. O pai, analfabeto e alcoólatra, praticamente não trabalhava. Sua mãe também analfabeta desempenhava os serviços de casa e trabalhava na lavoura. A situação da família, passando dificuldades, inclusive fome, a fez abandonar por várias vezes o ano escolar, para ajudar na plantação e colheita do tomate. Entre idas e vindas demorou muito

para cursar até a quinta série, quando abandonou por longo tempo os estudos. A moradia na zona rural distante da escola, a precariedade financeira e a necessidade de colaborar no trabalho já na infância, provocaram o abandono da escolaridade embora diga que sempre gostou de estudar.

Aos quinze anos se mudou com toda a família para um município de maior porte e por algum tempo permaneceram no trabalho rural. Com a intensificação do processo de urbanização na região Clara começou a trabalhar numa lavanderia:

“vim pra cá com 16 anos... na época tinha uma lavanderia aqui no bairro e eu comecei a trabalhar aí, até eu me casei com um dos donos da lavanderia”.

Mas, a ascensão esperada não aconteceu, com o desentendimento entre os irmãos de seu marido, a lavanderia fechou; o marido, portador de deficiência visual, não conseguiu outro emprego e acabou se aposentando. Clara acumulou as funções de dona de casa com o trabalho e o estudo até a conclusão do segundo grau. Além dos cuidados com o marido deficiente e os dois filhos, Clara carregou ainda a obrigação de ajudar os pais e o faz até hoje, seu pai há anos está acamado e permanece sob seus cuidados. Desta forma apesar de ter concluído o segundo grau, nunca teve possibilidades de procurar um emprego melhor remunerado *“numa firma”*.

Reside na mesma casa desde que se casou, a mais de 22 anos. A casa é ampla de alvenaria, com varanda lateral e no grande terreno, além das árvores permanecem o *“galpão e algumas máquinas ainda, mas não funciona mais há alguns anos...”*. Está situada a 3 ou 4 quarteirões da escola pública onde o filho estudou em um bairro popular e pertence a família do marido desde que seus pais vieram do Japão onde instalaram uma lavanderia. Hoje para poder *“realizar seu sonho de morar na casa própria”* ela paga prestações da casa aos outros herdeiros (família bem grande 10, 11 filhos) com o dinheiro que seu filho mais velho envia do Japão.

Sua rotina continua sendo de muito trabalho, de segunda a sexta no período da manhã trabalha como doméstica, no período da tarde por duas vezes na semana faz hora extra numa lavanderia do bairro e nos outros dias leva o pai ao hospital e cuida de sua casa. Expressa seu desejo de buscar melhores empregos e ter um salário melhor, mas seu pai inválido e o marido deficiente necessitam de seus cuidados. Assim ela se vê

impossibilitada de ter um emprego com carga horária maior e melhor salário. Resignada, se contenta com o salário atual, pois desta forma pode conciliar os deveres familiares com o trabalho.

Seu desejo de prosseguir os estudos estava presente desde a adolescência e pensava:

“Eu quero estudar porque aí eu tendo formado, tendo uma profissão, eu vou ter mais chance de ter um emprego melhor, um ganho melhor” “Eu sempre imaginava que se eu tivesse mais estudo eu ia ter um trabalho mais leve do que aquele da roça, ia ganhar melhor e ia poder ajudar mais em casa”.

Aproximadamente, em 1990, participou, junto com outras pessoas, de um movimento solicitando da prefeitura o ensino noturno na escola pública no bairro onde mora:

“Eu fiquei sabendo, num bar aqui embaixo que tinha uma lista pra quem quisesse voltar a estudar a noite. Se tivesse o mínimo de número de alunos a escola ia começar a funcionar no período noturno. Aí nós fomos, eu assinei a lista e induzi mais gente pra assinar. Nós conseguimos, tinha que ter vinte e cinco alunos pra formar uma sala de quinta série aí a gente conseguiu as assinaturas e começou a funcionar o noturno, aí nós entramos...”

Assim, Clara cursou de 5ª a 8ª série no período noturno na mesma escola que seu filho estuda hoje, em seguida fez o segundo grau em outra escola próxima ao bairro onde reside. Ela aponta que só o estudo não garante o bom emprego, mas isso não a faz desanimar e conclui:

“Mesmo quem já fez faculdade, já estudou, tem dificuldade de arrumar emprego atualmente. Mas eu ainda acho que quem consegue estudar mais tem mais chance”.

Com a voz trêmula ela me conta que sempre dizia ao filho mais velho: “a faculdade que eu não pude eu quero que você e seu irmão façam” e que hoje, com o filho trabalhando no Japão ele retorna a mãe:

“Põe o Denis numa escola particular, para você realizar o seu sonho de ter seu filho na faculdade. Faz o Denis estudar e você realiza seu sonho com o Denis”.

Entristece-se ao falar das dificuldades de socialização de Denis e tece críticas quanto ao nível da escola. Comenta que, embora o filho se dedique aos estudos, cumpra seus deveres escolares e só receba elogios, não está satisfeito com processo de ensino da escola:

“Ele reclama muito, tem um professor que não explica a matéria, quando pergunta, fala “eu não entendi”, eles dão bronca... O ano passado pro pessoal passar pra oitava série, a turma dele em matemática passaram pelo conselho, porque não tinha matéria, o professor pouco veio...”
“Ele está muito desmotivado, eu percebo”.

Tanto a mãe quanto o filho demonstram que o grande investimento sonhado é a conquista do curso universitário. Para tanto, Clara espera contar com o auxílio financeiro do filho mais velho para manter o mais novo em um curso médio com maior qualidade de ensino.

Dirceu: “Gostaria de terminar o colégio técnico e prestar uma faculdade de engenharia eletrônica”

No dia 18 de janeiro de 2006, fui recebida por Dirceu e seu pai em sua residência em um bairro popular. As ruas são asfaltadas e nas proximidades pude ver uma igreja, campo de futebol e alguns pequenos bares. A casa foi construída em terreno próprio ao longo dos anos, é muito bem acabada, muro bem pintado, cerca elétrica e câmera de vídeo no sistema de segurança. Fui recebida num escritório localizado na lateral da casa, equipado com TV que monitora a entrada da casa, com estantes de livros, revistas, computador, impressora e notebook delatando as condições econômicas confortáveis da família atualmente.

Dirceu é um garoto tranqüilo e de sorriso tímido; aos 14 anos cursa o último ano do ensino fundamental de uma escola pública próxima ao bairro onde mora. Vive com os pais e uma irmã mais velha que cursa a universidade. Seu pai é formado técnico em

eletrônica e atua como pequeno empresário na mesma área, sua mãe cursou até a oitava série do ensino fundamental e desempenha as funções de dona de casa.

Dirceu é o quarto e último filho do casal, nasceu e morou sempre na mesma residência e estudou desde a pré-escola até hoje na mesma escola.

Contou-me da retenção que sofreu na 3ª série, pois tinha dificuldades na leitura, escrita e interpretação de textos, avalia que esse fato, apesar de deixá-lo “*chateado*”, foi positivo, pois fortaleceu seus conhecimentos para prosseguir os estudos. Classifica seu desempenho escolar como regular, gosta das aulas de ciências onde aprende reações químicas e a professora “*explica de um jeito que não é difícil você entender*” e tem dificuldades em matemática. Falou sobre sua turma na escola, “*tudo molecada, não pensa*”, não conseguiram nem se organizar para a festa de formatura e que somente quatro ou cinco meninas realmente se dedicam aos estudos. Sua escola possui laboratório de informática, mas atualmente é pouco usado por falta de professor especializado.

Nas horas livres anda de bicicleta, toca violão ou fica no computador; tem poucos amigos e esporadicamente se encontram pra conversar ou jogar vídeo game e até o ano passado fazia natação em clube particular. Diz ter bom relacionamento com os pais e professores e que “*respeita todo mundo*”.

Quanto aos estudos já pensou em fazer o colégio técnico “*mas a situação não está tão boa pra pagar*” e desconhece algum colégio técnico público. Assim, conclui que pretende, no futuro próximo, cursar o ensino médio no período da manhã, trabalhar a tarde e nos dias de folga fazer um curso de informática e academia de ginástica. Até hoje nunca trabalhou, mas afirmou que para o próximo ano já tem “*quase garantida*” uma vaga como embalador em um supermercado e pretende trabalhar para “*ir se acostumando*” ao mundo do trabalho e não ficar “*muito dependente*” de seu pai, enfim para poder gozar de maior liberdade.

Em questionário no início do ano, apresentou o desejo semelhante ao de seu pai afirmando que:

“Gostaria de terminar o colégio técnico e prestar uma faculdade de engenharia eletrônica”.

Hoje já apresenta outro interesse, cursar a faculdade de propaganda, pois julga ser um trabalho “*interessante e com gente importante*”.

É possível compreender a postura séria e dedicada do adolescente em relação aos estudos e sua disposição em buscar empregos mais valorizados quando se conhece a trajetória do pai que conquistou acessão social através da dedicação aos estudos e ao trabalho e a iniciativa ao buscar contatos para ampliar seus horizontes profissionais.

A entrevista com Armando aconteceu no mesmo dia. Com 55 anos, quatro filhos (31, 29, 22, 14 anos), formado num curso técnico em eletrônica, hoje é um pequeno empresário neste ramo. Com suas próprias economias comprou o terreno e construiu a casa onde reside há aproximadamente 20 anos.

Armando nasceu e morou numa fazenda no interior paulista onde trabalhou como ferrador de cavalos e administrador até aproximadamente os 25 anos. Paralelamente fez cursos profissionalizantes de rádio e TV em escolas privadas e posteriormente o curso de “*comandos elétricos e automação*” em escola mantida por um grupo de indústrias. Trabalhou numa construtora em outro município e com os bons resultados de seu trabalho e os contatos que adquiriu pode abrir em 1997 “*uma micro empresa pra atuar no ramo de instalação e montagem elétrica*”. Hoje sua empresa conta com três funcionários eletricitas formados em nível técnico e presta serviços para grandes e médias indústrias. Sua trajetória pode ser considerada um exemplo de ascensão social:

“Até hoje o que manda na minha profissão é o que eu consegui no curso técnico... demorou um pouco de tempo, mas em 97 eu montei uma micro empresa... gostaram do serviço e você vê, já faz uns sete anos que eu estou trabalhando com eles, eu presto serviço pra eles, dentro das indústrias químicas, farmacêuticas, alimentícias ...”

Ao comparar as condições de vida em sua infância e juventude, afirma que Dirceu tem mais conforto e “*acesso a uma porção de coisas*” e que “*hoje se você quiser estudar só depende de boa vontade*”. Termina assinalando que o filho terá um futuro promissor se realmente estudar e optar pela mesma área de atuação do pai aproveitando seus contatos:

“Agora pro ano que vem a gente estava pensando num colégio técnico pra ele também, pra ele tomar gosto.”
“Eu acho que se ele seguir (que a gente vê no dia a dia dele ele gosta de mexer com eletrônica essas coisas), se ele realmente estudar tem futuro porque a partir de hoje quem não estuda num (balançando a cabeça) em qualquer lado, em qualquer setor...” (fazendo relação do papel que pode

ter o estudo na sua área de atuação dentro da carreira que visualiza para o filho)

Diz que Dirceu é um bom menino e não quer que ele trabalhe, só estude. Não aceita uma ocupação só pelo dinheiro, discorda da idéia do filho em trabalhar no supermercado e avalia que o bom trabalho é aquele que lhe dará condições de:

“...sempre subir. Sempre um trabalho que futuramente vai te dar uma experiência e você vai seguir aquilo lá.”

Armando expressa com clareza que o trabalho só fará sentido na vida atual do filho na medida em que puder oferecer contatos e abrir novas possibilidades como ocorreu na própria trajetória, mas de qualquer maneira o estudo é a principal chave para o sucesso.

Gustavo: “Vou resolver melhor depois. Lá no cursinho que eu vou ter uma idéia do que eu vou fazer...”

No dia 27 de junho de 2007, em uma sala reservada na escola privada onde Gustavo cursa o último ano do ensino fundamental, foi realizada a entrevista. O garoto, loiro de olhos azuis estava bastante descontraído e falante, me contou que mora com a mãe e o irmão mais novo. Sua mãe é formada em educação física e trabalha como funcionária pública ministrando aulas de dança e condicionamento físico para idosos, à noite dá aulas de dança de salão. Seu pai é formado em engenharia elétrica, está separado há aproximadamente quatro anos, mora e trabalha na região sul do Brasil.

O jovem costuma sair com os amigos pelo bairro, de ônibus ou de carona, pois a mãe tem pouco tempo para levá-lo ou buscá-lo. Recebe uma pequena mesada para *“guardar ou pra comprar alguma coisa que a gente sente vontade”*. Não tem o hábito de freqüentar shopping e durante as tardes assiste a programação da TV aberta em geral.

Ajuda sua mãe nas aulas de dança de salão e diz que: *“ela não é muito rigorosa com nota, escola essas coisas”* e afirma que seu desempenho escolar é bom. Estuda na mesma instituição desde a primeira série e comenta que:

“Gosto dos professores... às vezes pode parecer que o jeito deles ensinarem é um pouco fraco. Não é fraco, o jeito deles ensinarem é melhor. Eles demonstram, se tem uma fórmula lá eles mostram como funciona pra você entender, mas ao mesmo tempo retarda o conteúdo...”

O garoto tem uma rotina de estudo bastante intensa, faz o último ano do ensino fundamental pela manhã e cursinho preparatório para o colégio técnico à tarde. A opção pelo colégio técnico é uma tentativa de aliviar as despesas com educação para poder aplicar o dinheiro em cursos alternativos como web desing, por exemplo. Espera neste período de preparação receber maiores informações antes de decidir ao certo a área técnica a ser optada.

A profissão que chama sua atenção é *“tipo repórter, não porque ele vai entrevistar, mas porque ele sai em lugares diferentes”*, mas não se arrisca em dizer o que pretende fazer no futuro: *“Não, ainda não. Prefiro ver isso depois do colégio técnico ou durante o técnico.”*

Sabe dizer aquilo que não quer:

“... não quero ser professor porque, sei lá eu queria uma coisa mais diferente. Trabalhar em empresa acho que não me atrai muito também, meus pais acho que nunca trabalharam em empresa e não me atrai.”

Para ele o bom trabalho é:

“...em lugar bastante ativo. Que não seja muito parado, na frente de computador. Na verdade eu queria fazer desing gráfico, mas aí eu pensei que seria muito monótono, ficar ali junto com computador.”

O título do texto demonstra não ter um projeto claro de futuro. O adolescente mostra o gosto pelo trabalho artístico, em ambientes de trabalho e horários flexíveis, mas ao mesmo tempo percebe o ônus a ser pago, isto é o reconhecimento e retorno financeiro limitado caso faça tal opção. Assim prefere buscar um colégio técnico e tentar conciliar o gosto por atividades artísticas com o estudo em profissões com maiores possibilidades de retorno financeiro. É possível compreender o dilema de Gustavo ao analisar a trajetória de sua mãe Taís.

No dia 09 de novembro de 2007, entrevistei Taís em um salão onde ministra aulas de ginástica para a terceira idade. Aos 41 anos, de baixa estatura, corpo esguio e

profundos olhos azuis me falou da conquista da casa própria numa região bastante arborizada, onde pôde construir um salão para suas aulas de dança, enfim, como sempre foi seu desejo. A casa foi adquirida com auxílio da herança do pai, mas também com os recursos adquiridos com a pesada carga de trabalho que exerce.

Nascida no interior paulista, é filha de funcionário público com o cargo de fiscal de renda e madrastra professora. Seu pai sempre “*fez questão que os filhos fizessem faculdade*” assim, todos os oito filhos concluíram o ensino superior. Apenas um dos irmãos permanece morando no município natal, os outros residem na capital do estado e em outros municípios no interior. A herança do avô, que era fazendeiro, foi usada para comprar casas de aluguel, obtendo recursos para custear os estudos dos filhos.

Taís formou-se em educação física, fez especialização em “Aspectos Sociais e Culturais na Educação Física” e em “Educação Física Escolar”. Sua formação e atuação profissional foi sendo direcionada para a “*dança de salão como atividade física para a terceira idade*”. Na busca por um emprego estável, prestou concurso na área da educação escolar, onde está até hoje. Desta forma Taís tenta conciliar o gosto pela dança e a segurança do retorno financeiro limitado, mas certo, que pode encontrar no serviço público.

O pai de Gustavo é formado em engenharia eletrotécnica numa universidade pública e trabalhou por algum tempo em empresas privadas. Após um acidente de moto decidiu mudar: aos poucos deixou o emprego fixo, passou a trabalhar com arte em cerâmica e buscou aprimoramento na área. Fez vários cursos, inclusive mestrado e doutorado na área de artes e hoje é professor na mesma área numa universidade pública da região sul do Brasil. Toda a carreira acadêmica do pai só foi possível com o apoio de sua esposa, que graças ao seu emprego estável lhe permitiu manter a família.

Taís afirma que o filho, como os pais, possui um lado artístico forte, ajuda-a nas aulas de dança e assim “*entra na rotina do mercado de trabalho e aprende...*”. E revela seu desejo de que o filho consiga aliar o gosto artístico com a opção profissional:

“Consiga fazer o que ele gosta, o pai dele tinha uma profissão que rendia bem financeiramente, mas nada disso o satisfazia... foi difícil ter largado tudo, eu tive que bancar trabalhando na prefeitura, mas hoje ele está fazendo o que ele quer. Eu espero que o Gustavo encontre aquilo que ele goste que o agrada e que lhe faça bem...”

Na trajetória dos pais de Gustavo e no discurso de sua mãe há demonstração da mesma questão exposta pelo filho: a dúvida entre o prazer pela arte e a realidade de profissões com retorno financeiro mais seguro. Desta forma o plano em curto prazo de buscar um colégio técnico de qualidade representa a ampliação das possibilidades futuras e ao mesmo tempo poder fazer cursos paralelos voltados a atividades artísticas.

Sara: “é muito bom, prepara bastante, abre várias janelas”.

Sara aos quinze anos, é uma garota de pele clara, longos cabelos cacheados e bastante extrovertida. Cursa o último ano do ensino fundamental numa escola privada e reside desde que nasceu numa ampla casa em um bairro de alto padrão.

A entrevista se deu no dia 27 de junho de 2007, numa sala reservada no colégio onde estuda. Contou-me que mora com a mãe, engenheira de alimentos aposentada e uma irmã mais velha que cursa o ensino médio em outra escola privada. Seu pai era corretor de imóveis e faleceu há alguns anos.

Estudou anteriormente num colégio mais rígido e de conteúdo mais denso: *“Muito puxado, muito apostilado”* e acabou sendo transferida para a escola atual, de menor exigência: *“não tem muita coisa pra gente estudar porque a gente estuda em sala de aula. A professora revisa já em sala de aula”*.

Considera-se uma boa aluna, reclama da cobrança da mãe em relação aos estudos *“ela cobra bastante que eu estude em casa”*, mas acaba admitindo que *“podia ter mais força de vontade...”*.

No futuro próximo pretende fazer curso preparatório para conquistar uma vaga em colégio técnico público. Cita o curso de enfermagem pela admiração que adquiriu pela profissional que cuidou de seu pai quando estava acamado. Mas, o real motivo pela opção pelo colégio técnico é o alto nível de qualidade de ensino e o fato de ampliar suas possibilidades futuras como revela a frase que intitula este texto.

Possui socialização ampliada se comparada aos jovens citados anteriormente. Com amigos do bairro, frequenta semanalmente shoppings da região e casas de música jovem. Assiste filmes na rede privada de TV, gosta de ouvir música e conversar através da rede de computadores. Sua mãe controla o dinheiro nos dias em que ela sai e admite que esse controle se faça necessário já que não teria domínio sobre os gastos e gastaria: “*Muuuito! Muuuito!*”.

Quando o assunto é trabalho, esquece a admiração pela enfermagem e revela que não se adaptaria com profissões “*muito paradas, tipo informática*” e pretende ser empresária no ramo de publicidade, eventos ou empresa de modas e quer: “*construir muitos patrimônios ...*”

Seu projeto se resume em curto prazo cursar um colégio de segundo grau com bom nível de ensino e o curso superior será decidido posteriormente, mas é indispensável.

Carolina, mãe de Sara, tem 57 anos, é viúva e sua família reside no mesmo município a mais de três gerações. Seus avós paternos eram proprietários de casas comerciais no centro da cidade. Seu pai era engenheiro agrícola e pesquisador em órgão público, sua mãe foi professora de educação física e diretora em escola pública de educação infantil, enfim a família já detinha capital cultural e econômico significativo. O estudo sempre foi muito importante para a família de seus pais e seus seis filhos cursaram a universidade. Carolina pretendia seguir os passos do pai e de um dos seus irmãos cursando Engenharia Agrônoma, mas foi orientada pelo pai que a área já era bastante disputada e que seria interessante um campo novo: Engenharia de Alimentos, cujo primeiro processo de seleção estava aberto numa universidade pública de prestígio. Foi assim que se deu início a carreira de Carolina. Foi aluna destacada da turma, fez mestrado, doutorado, pós-doutorado e trabalhou como professora e pesquisadora pela mesma universidade até se aposentar, há dois anos atrás. Lamenta o fato de precisar se aposentar no auge de sua carreira, mas foi pressionada pelas alterações que estavam sendo realizadas nas regras de aposentadoria no funcionalismo público. Acredita que todo o investimento na sua formação foi descartado pela própria estrutura que o financiou.

Toda sua carreira acadêmica foi construída sem interrupções. Depois de sua consolidação profissional se casou com um corretor de imóveis de família tradicional do município e adotou as duas filhas que hoje têm 18 e 15 anos.

Com o falecimento do marido, Carolina se dedica à orientação das filhas e sente falta do trabalho. Hoje ela e suas filhas residem em uma região de alto padrão, a casa foi construída com recursos próprios, possui um amplo jardim na entrada, sala em L compondo três ambientes, os móveis de madeira maciça e quadros pintados à mão decoram o ambiente e comprovam a situação econômica confortável da família.

Faz uma análise da escolaridade das filhas criticando a estrutura do ensino médio por impor um currículo geral quando para ela seria mais interessante o sistema anterior, com a divisão entre o “científico” e o “clássico”. Criticou também a escola anterior com elevado número de alunos em sala de aula, com uma grande carga de conteúdos e sem respeitar as aptidões. Exemplifica falando que suas filhas se destacam na área de humanas e se vêem obrigadas ao conteúdo intenso na área de exatas. Assim, justifica a procura do ensino técnico para a segunda filha pela qualidade de ensino e pela oportunidade de ir trabalhando com os conceitos na mesma área que pretende no ensino superior.

Carolina dá liberdade para que as filhas façam suas opções profissionais no futuro, mas procura orientá-las na busca de um trabalho prazeroso e mais promissor. Para a filha mais velha, que prestou vestibular para jornalismo, propõe que ela busque a área de publicidade e propaganda que acredita ter um mercado mais promissor. Para a mais nova que pretende fazer enfermagem orienta que busque a área de fisioterapia para fugir do ambiente sofrido de hospital e doentes. Mas para ambas fazer o curso universitário é imperativo.

Capítulo 3

Conquistas econômicas em curto prazo

“Se eu entrar no colégio público eu vou economizar. Aí quando tiver dezoito anos já tenho dinheiro pra comprar um carro. Diminuindo os gastos, daria pra gastar mais comigo, boto metade na poupança, vou ter meu lucro, vou ter dinheiro futuramente para comprar minha casa.”
Francisco

Este grupo de adolescentes apresenta disposições quanto ao futuro semelhantes focalizando a aquisição e acumulação de bens materiais a curto e longo prazo.

São três garotos, Carlos, Francisco e Lucas com idades de 13, 14 anos cursando o último ou penúltimo ano do ensino fundamental de uma escola privada. Fazem planos visando retorno financeiro em curto prazo e no futuro mais remoto pretendem seguir profissões que acreditam proporcionar maiores retornos econômicos como fotógrafo, jogador de futebol e dono de academia de ginástica.

As famílias destes jovens, como todas as outras, discursam sobre a importância do prolongamento da escolarização até o nível universitário. No entanto dois fatores provocam dúvidas quanto a real disposição do investimento em longo prazo nos estudos. O primeiro fator se refere às trajetórias familiares que demonstram que a escolarização foi deixada em segundo plano e as ações foram direcionadas de maneira a haver maior dedicação ao trabalho visando retorno financeiro mais rápido e a possibilidade de consumo com maior liberdade. O segundo fator diz respeito ao baixo desempenho escolar deste grupo de adolescentes que acaba provocando, tanto nos seus familiares quanto neles próprios, a idéia de que prolongar a dedicação exclusiva aos estudos pode ser um investimento alto com retorno demorado e duvidoso.

História da situação econômica não atrelada a investimentos escolares

Semelhante ao grupo anterior, as famílias destes adolescentes apresentam um histórico de ascensão lenta a cada geração. A condição econômica alcançada nos tempos atuais representa para a família a possibilidade de uma vida mais confortável e aos adolescentes o acesso a bens de consumo com maior liberdade.

As gerações dos avós são pequenos proprietários rurais ou de casas de comércio no interior de estados da região sul ou sudeste. Na geração dos pais se dá o êxodo rural, a ampliação dos estudos e a conquista de melhores condições de vida²².

A atual posição econômica das famílias destes garotos não é justificada pelos investimentos escolares, mas por uma cartada que deu certo.

O pai de Carlos concluiu o ensino médio profissionalizante, começou a trabalhar em indústrias, mas acabou investindo no serviço autônomo numa área de prestação de serviços bastante diferente dos estudos realizados. A conquista das boas condições econômicas da vida atual se deu através da solidez de sua empresa e desta forma pôde adquirir a primeira casa própria, construir a segunda, maior, decorada com pompa e com três carros na garagem. Hoje a família tem condições de manter seus dois filhos estudando em escolas privadas e usufruindo de bens de consumo com maior liberdade.

Para a família de Lucas a estabilidade foi alcançada pela conquista do emprego estável no serviço público em cargo de nível médio. Desta forma conquistou a casa própria e a possibilidade de manter os filhos em escola privada desde o ensino infantil até hoje. A mãe de Lucas iniciou o serviço público logo após a conclusão do ensino médio, por duas vezes começou o curso universitário e, apesar do discurso sobre a importância dos estudos, desistiu do curso, pois preferiu aplicar seus recursos econômicos em bens de consumo.

O pai de Francisco trabalhou desde a conclusão do ensino médio, fez o curso de engenharia química no período noturno e chegou a iniciar o mestrado, mas não prosseguiu os estudos, pois julgou que o retorno financeiro era incerto e tardaria a chegar. A estabilidade se deu através da carreira sólida na área administrativa de uma empresa

²²A geração dos avós possui o ensino fundamental incompleto, a geração dos pais chegou a concluir o segundo grau e alguns atingiram o nível universitário.

multinacional. As decisões sobre o rumo familiar estão vinculadas às demandas da empresa, a submissão tanto do marido quanto da família é recompensada pelo retorno econômico que dá possibilidade de conforto e tranquilidade.

Trabalho para maior liberdade de consumo

Os familiares deste grupo apresentam atitudes voltadas ao consumo. Ao entrevistar a mãe de Carlos pude conhecer sua residência decorada num estilo vistoso e chamativo. A sala de visitas, com pé direito alto permite ver a sacada do andar superior onde estão as dependências privativas. Ela abriga uma grande mesa de jantar de vidro com detalhes em madeira com verniz brilhante, um espelho na parede em frente à porta de entrada e um canto reservado a um mini bar. A mãe diz garantir aos seus filhos maior liberdade de relacionamentos e de freqüentar shows de música jovem. Justifica necessidades de consumo dos filhos pelo estímulo da propaganda e influência do círculo de amigos, confirma que a família coloca limites, mas dentro do possível tenta entender e atender os desejos de consumo dos filhos.

A mãe de Francisco, apesar de declarar os impulsos consumistas tanto dela quanto do marido, reclama das atitudes de consumo dos filhos. Ressalta a dificuldade em impor limites econômicos aos filhos quando todo o ambiente real e virtual que participam os impulsiona ao consumo exagerado. A mãe de Lucas deixou de cursar a universidade para poder investir em bens de consumo imediato e também comentou os desejos de maior liberdade de consumo tanto para si quanto para o filho.

Os adolescentes deste grupo nunca desempenharam algum tipo de atividade remunerada, tampouco auxiliam nas tarefas domésticas e, portanto, estão totalmente liberados para os estudos. No entanto empregam grande parte de seu tempo em atividades de lazer e admitem a falta de dedicação aos trabalhos escolares. Possuem espaço de sociabilidade mais amplo que os adolescentes dos outros grupos. Frequentam shopping e shows de música jovem acompanhados pelos amigos e apresentam maiores desejos de consumo imediato. Reclamam das limitações econômicas impostas pelos pais e apresentam resistência em ter que adiar os prazeres dos passeios e compras. Nota-se a

preferência por investimentos que resultem em retorno financeiro em prazo mais curto. Assim, o prolongamento da escolarização até a universidade passa a ter mais uma função simbólica de manter o status de classe média e não é encarada como foco central dos seus investimentos.

Desempenho escolar abaixo da média

Quando se trata da escolarização dos filhos, o ambiente escolar adquire a função de preservar seus relacionamentos com pessoas do mesmo “*nível*”. Nas palavras da mãe de Lucas a escola funciona como “*filtro*” e desta forma justifica a opção pela escola privada.

Para as mães entrevistadas o desempenho escolar de seus filhos está abaixo do esperado. As dificuldades dos adolescentes nos estudos são justificadas tanto pela postura do filho quanto por fatores externos. Aos adolescentes são utilizados adjetivos como: “*imaturo*”, “*inseguro*”, “*dependente*” e “*light*” por não assumirem as responsabilidades necessárias para melhorar o desempenho. Quanto aos fatores externos há críticas da metodologia tradicional e acúmulo de conteúdos que sobrecarregavam os jovens em escolas anteriores. A escola atual é criticada pela falta de compreensão com a “*fase da adolescência*”. A influência da internet, da TV e dos amigos também foram citadas por dificultarem ao jovem a abdicação necessária para o bom aproveitamento escolar.

Apesar das mães demonstrarem o desejo da continuidade dos estudos do filho até a universidade, diante das dificuldades por eles apresentadas e da realidade familiar com conquista de situação econômica confortável sem grandes investimentos escolares, vão moderando o discurso até admitirem que talvez o estudo não seja tão importante para a “*felicidade*”. Não revelam expectativas com relação a possíveis trajetórias profissionais de maiores exigências acadêmicas e aquelas que dispõem de capital econômico mais modesto acabam admitindo o trabalho em curto prazo. A mãe de Francisco admite que, talvez o trabalho fosse bastante positivo para o filho adolescente, como foi para seu marido que conciliou o trabalho com o curso universitário noturno. A mãe de Carlos

conclui que o filho deva cursar o ensino médio para adquirir mais “*cultura*” e se dedicar a um trabalho que lhe proporcionasse “*prazer*”, talvez na empresa do pai. A mãe de Lucas deseja poupar seus filhos de profissões mais trabalhosas e conclui afirmando que deseja que aos filhos o conforto material sem sacrifícios, mas não esclarece como isso se tornará realidade.

Com dificuldades no desempenho escolar, desfrutando de situação econômica estável e sociabilidade ampla com maiores desejos de consumo, o trabalho pode ser uma boa alternativa para este grupo de adolescentes. Assim, diferentemente dos jovens do capítulo anterior e embora suas famílias estejam gozando de situação econômica estável, este grupo de adolescentes não descarta a possibilidade de buscar trabalho para realizar desejos imediatos: “*ir ao shopping*” e “*sair mais e comprar mais*”. O prosseguimento dos estudos se daria paralelamente.

Aos adolescentes deste grupo a acumulação de credenciais escolares está em segundo plano, o futuro é planejado para conquistas econômicas em curto prazo.

Movimento interno de cada família:

Carlos:

“Uma coisa que eu gosto de fazer é arte, pintura, essas coisas. Mas para ganhar dinheiro assim, não sei... acho melhor seguir o meu pai, ou ser (grande pausa) ser um executivo, essas coisas.”

Carlos é um adolescente de 14 anos, com pirce na sobrancelha esquerda, alto, de pele morena e grossos cabelos cacheados está cursando o último ano do ensino fundamental numa escola privada.

Nasceu e sempre residiu em um bairro de classe média. Moram na mesma residência o pai, pequeno empresário, isto é, dono de uma “*firma de limpar piso*” com aproximadamente seis funcionários, sua mãe, professora de ensino fundamental numa escola pública e sua irmã de dezoito anos que atualmente frequenta universidade na capital paulista.

Sentado de forma relaxada na cadeira e tentando parecer calmo, me contou da cobrança dos pais quanto ao estudo e às tarefas, do grande volume de conteúdo e das dificuldades que passou a apresentar a partir da quinta série de um colégio privado e da mudança para a atual escola:

“Eles davam muita matéria, tipo assim, nas férias eles mandavam um bolo assim de trabalho e se não desse conta... entendeu qual era a deles? Aí minha mãe ficou sabendo como essa escola (atual) trabalhava com os alunos, achou interessante e me transferiu!”

Diz gostar da atual escola e completa:

“não prende muito ... A gente pode brincar mais no recreio ... eles compreendem mais o aluno ...”

Julga-se um aluno razoável, mas afirma ter preguiça e falta de interesse. Não gosta de ler e durante as tardes assiste TV, fica no computador em sites de “bate papo” e ouve música. Para sanar suas dificuldades na escola, tem sido levado pela mãe ao atendimento com psicopedagoga nas segundas feiras e nas terças com uma psicóloga.

Sai com os amigos do bairro aonde mora, frequenta shopping e feira “hippie”, participa de shows e eventos de música jovem. Afirma que:

“Antes minha mãe ia dando dinheiro conforme eu saía, ela ia dando... Agora ela limita o valor a sessenta reais por mês.”

A partir do limite imposto pela mãe, o adolescente passa a revelar seu desejo de trabalhar logo para “ter o meu dinheiro”, mas sabe que seus pais não descartam a necessidade do estudo e encerra afirmando que no futuro:

“Eu faria faculdade e procuraria, tipo, arrumar emprego no meio que eu fiz faculdade... Aí se eu não conseguisse tal eu iria trabalhar no lugar de meu pai.”

A posição econômica confortável conquistada pelo pai sem maiores investimentos nos estudos, a necessidade de consumo imediato somado aos veredictos escolares negativos acabam resultando em Carlos o desejo de seguir os passos do pai no trabalho autônomo sem pretensões de basear essa trajetória em diplomas ou na profissionalização.

Margarida, 43 anos, mãe de Carlos narrou a trajetória familiar na busca de melhoria de vida. Seus avós eram pequenos proprietários rurais no interior do estado. Seu pai foi motorista de ônibus e sua mãe costureira, ambos não ultrapassaram a quarta série do ensino fundamental. Na busca por melhores condições de vida, foram incentivados a se mudarem para cidades maiores onde haveria maior oferta de empregos de acordo com as experiências de parentes que já haviam feito o mesmo percurso.

Como a família tinha condições financeiras limitadas, Margarida entrou para o mercado de trabalho aos 13 anos, trabalhou no comércio como auxiliar de crédito e como escrituraria em instituição bancária privada e em instituição pública: *“Trabalhava durante o dia e estudava à noite.”* e assim fez até concluir o ensino médio. Seu irmão estudou até a oitava série do ensino fundamental e hoje é motorista de ônibus.

A trajetória do marido foi semelhante nasceu no interior do estado e sua família vivia na zona rural onde cultivavam café. Depois de um acidente, que fez o pai perder a visão, sua família como tantas outras, seguiu o processo de mudança para cidades maiores. Desta forma o jovem teve acesso a um curso profissionalizante que permitiu que aos 18 já trabalhasse em uma indústria como inspetor de qualidade. Mas, não foi o prolongamento dos estudos até o nível médio nem o trabalho na indústria que fez a família atingir o nível econômico atual. Num determinado momento de sua vida, o jovem rapaz, vendo-se desempregado decidiu buscar o trabalho autônomo no ramo de vendas: *“abriu uma firma, uma limpadora e tratamento de pisos e deu certo!”* Seu irmão teve o mesmo rumo, buscou um trabalho autônomo e também obteve sucesso e hoje é empresário no ramo de cosméticos e *“está muito bem, melhor que a gente”*.

Margarida fala com orgulho da ascensão financeira do marido e que depois de casada, com a situação econômica mais tranqüila, se dedicou inteiramente ao lar. Dois anos depois voltou aos estudos, pois sentia necessidade de ampliar seu espaço de sociabilidade, isto é, de preencher seu tempo com outra atividade além das atividades domésticas esclarecendo que os motivos que a levaram a buscar novamente os estudos e voltar a ter um emprego não foram econômicos:

“Eu era jovem, tinha 22 anos, ficava em casa o dia todo. Comecei a ficar meio assim, sem muita conversa com as outras pessoas, meio com medo de ficar sozinha.”

Sua opção pelo magistério é justificada pela menor carga horária para não afetar o andamento normal do lar:

“O meu marido falava: Ah, vai trabalhar o dia todo, daí depois vem criança! É difícil né! Aí eu falei: “Ah, vou fazer magistério então!” pensando que era meio período, fui e fiz.”

Margarida avalia que a geração de seus filhos tem melhores oportunidades que a sua geração. Enquanto ela e o marido tiveram necessidade de conciliar o estudo com o trabalho os filhos não valorizam a oportunidade que têm de se dedicarem exclusivamente aos estudos. Sobre o filho caçula afirma:

“Na verdade ele quer fazer algo que o deixe feliz... ele não atrela isso ao estudo, porque ele não gosta de estudar”.

Devido ao baixo aproveitamento escolar de Carlos, Margarida o transferiu para outra escola com uma proposta de ensino mais individualizada e com volume menor de conteúdo, mas se mostrou decepcionada. Declarou que, apesar do discurso “*sócio-construtivista*” da escola, os limites do filho na “*fase da adolescência*” não foram compreendidos.

A mãe pretende prolongar a dedicação do filho inteiramente aos estudos até o término do ensino médio, mas admite que talvez o estudo não seja tão importante para seu sucesso. E conclui desejando que seu filho estude para ampliar sua “*cultura*” e busque um trabalho que lhe dê prazer:

“Eu espero que ele faça duas coisas: que tenha cultura, mais interesse pelo estudo e ... que consiga ganhar dinheiro com alguma coisa que ele goste mesmo, que dê prazer.”

A conquista econômica do marido sem maiores investimentos escolar acaba sendo o principal motivo que os fazem pensar que o estudo não seja decisivo para o sucesso:

“Foi o que aconteceu aqui! Porque meu marido tem ensino médio, meu cunhado também tem ensino médio e estão e situação muito melhor que muita gente... A gente não tem nada, mas temos o suficiente.”

Francisco:

“Ter trabalho fixo. Aí vou juntando meu dinheiro, comprando minhas coisas...”

Aos 13 anos, Francisco, de pele clara e fartos cabelos negros cursa o último ano do ensino fundamental de uma escola privada e reside numa região de alto padrão.

Nasceu no mesmo município onde reside hoje e chegou a morar durante dois anos no exterior por conta do emprego do pai. Seu pai é formado engenheiro químico e trabalha como gerente numa empresa multinacional. Sua mãe cuida da casa e dos três filhos: Francisco e seus dois irmãos todos cursando escolas da rede privada de ensino.

De acordo com Francisco, seus pais nunca foram ricos, precisaram trabalhar desde muito jovens. Fala que seu pai deixou sua cidade natal no sul do país e se mudou para o estado de São Paulo para conquistar melhores empregos, enfim precisou *“se esforçar muito pra chegar onde ele está, no auge dele.”* Reconhece o esforço de sua mãe no cuidado com os filhos e com a casa, mas ao mesmo tempo julga que ela deveria também trabalhar fora.

Diz que seus pais se preocupam muito com o futuro dos filhos e tentam mostrar-lhes a necessidade do esforço pessoal para conquistarem boas posições no mercado de trabalho:

“Ele falou das dificuldades, essas coisas, de fato isso ia pesar na consciência deles: não ter colocado ordem em cima dos filhos, para que eu crescesse numa carreira ruim, não exatamente lixeiro, um tipo que ganhe menos, entendeu?”

A cobrança dos pais vai desde a maneira de falar ao telefone, a arrumação da casa até *“as tarefas (da escola) que eles implicam bastante, quando eu não faço, eles ficam pegando em cima.”*

Francisco já passou por três escolas, da primeira ele reclama que não entendia a matéria e da segunda reclama que era período integral, mas era *“avançada nos conteúdos, meus amigos que estudam lá estão dois conteúdos à frente.”* Quanto à escola atual, elogia a maneira como os alunos são tratados, embora seu desempenho seja abaixo da média e

quase todas as férias precise passar pelo processo de recuperação. Atribui o baixo desempenho escolar ao fato de não fazer as tarefas e não prestar atenção às aulas.

Durante as tardes dorme, assiste canal de esportes, filmes e desenhos na rede privada de TV, brinca com jogos no computador, participa de sites de “bate papo” das sete as dez, onze da noite e nem sempre faz as tarefas escolares. Nos fins de semana encontra com os amigos no shopping e vai a “baladas” e grandes eventos de música jovem. Para frequentar tais eventos é necessária certa insistência com os pais: “*é só ficar puxando o saco: a vai mãe, deixa, meus amigos vão...*” que no final acabam cedendo aos seus desejos.

Explicou-me que o pai tem muitos gastos e acabou cortando sua mesada, pois sempre pedia dinheiro além do valor estipulado. Desta forma o adolescente acaba admitindo que ficaria feliz em poder trabalhar para ter maior liberdade de consumo sem necessitar do dinheiro dos pais.

Em longo prazo, faz planos de cursar o ensino médio em colégio técnico público de reconhecida qualidade de ensino, mas não é só a qualidade de ensino que o atrai, mas também o fato de poder economizar, acumular dinheiro para poder comprar carro, casa e futuramente ter seu próprio negócio. Seu plano final é ser professor de educação física, trabalhar “*tipo personal*” e depois montar sua própria academia de ginástica.

A entrevista com Lúcia, sua mãe foi realizada em sua ampla casa no dia 22 de novembro de 2007 quando me contou sua trajetória de muito trabalho e esforço para chegar à posição confortável que ocupa hoje.

O pai de Lúcia era um sitiante morador da pequena cidade no interior paulista, vendeu o sítio que possuía, dividiu o dinheiro com os cinco filhos mais velhos e buscou uma cidade de maior porte para recomeçar sua vida com sua nova esposa com metade de sua idade. Conseguiu comprar sua casa, mas não teve sucesso na conquista de melhores trabalhos e permaneceu na ocupação de guarda noturno até sua aposentadoria. Desta segunda união nasceram Lúcia e mais cinco filhos.

Lúcia, como a maioria de seus irmãos, começou a trabalhar cedo, com 13, 14 anos, fazendo serviços de escritório numa pequena empresa. Trabalhou em departamento de pessoal, foi recepcionista e auxiliar contábil e à noite fez o segundo grau e depois cursos profissionalizantes de curta duração. Desistiu de fazer a faculdade: “*dinheiro pra pagar*

faculdade não tinha, precisava ajudar em casa...” e tudo ficou ainda mais difícil após a morte de seu pai. Hoje ela se sente desvalorizada por ser “*dona de casa*” e já pensou em cursar a universidade, pois sente o forte valor simbólico que o curso superior exerce sobre as pessoas com quem convive inclusive seu marido e filhos.

Seu marido tem história semelhante, nascido no interior do sul do Brasil, de família grande e com os pais separados também precisou trabalhar desde jovem: “*Os filhos mais velhos trabalhavam para dar conta da família...*” Fez o curso técnico e trabalhou durante dez anos como professor de “*eletricidade residencial e industrial e comandos elétricos*”. Durante esse período cursou no período noturno a faculdade de engenharia química, pois na cidade não havia curso de engenharia elétrica que era do seu desejo. Mudou-se para outro estado com o objetivo de cursar o mestrado, mas seis meses depois desistiu dos estudos e fez a opção pelo trabalho que lhe daria retorno financeiro imediato.

Durante os dezoito anos trabalhando na mesma indústria multinacional pode fazer viagens e cursos no exterior chegando a trabalhar e residir com toda a família por dois anos em um país da Ásia. Lúcia comenta a necessidade de o marido estar sempre disposto a superar os desafios propostos pela empresa e o dever da família em apoiar suas decisões, pois o retorno econômico é garantido para todos:

“Se você não vai, você queima seu arquivo, tem que superar as dificuldades. Se vai ser bom pra ele profissionalmente vai ser bom pra mim e pros meus filhos. A gente tem as nossas recompensas...”

O dinheiro ganho e economizado durante o período que a família morou no exterior permitiu que hoje a família residisse em casa própria localizada numa região privilegiada. A casa tem um amplo jardim com piscina, é grande, confortável com decoração um tanto excessiva, exibindo inúmeros objetos trazidos das viagens.

Durante a entrevista e mais fortemente com a chegada de uma amiga da família, os impulsos consumistas de Lúcia e seu marido são revelados. Com grande entusiasmo faz comentários sobre a inauguração de um grande shopping na região do qual a família pretendia se associar para se tornarem clientes preferenciais.

Lúcia tem a casa sempre aberta aos amigos dos filhos. Sempre leva e vai buscá-los na escola e passeios para observar melhor onde estão e suas companhias. Comenta que os jovens de hoje, diferentemente do seu tempo quando trabalhavam para auxiliar a família,

querem trabalhar para atender suas próprias necessidades. O consumo exagerado dos filhos é comentado por Lúcia, diz que por mais que a família ofereça aos filhos em termos de conforto e bens materiais, eles nunca parecem estar satisfeitos e conclui que a influência para o consumo vem não só dos amigos, mas também do meio escolar, do meio virtual e das “*comunidades*” das quais participam.

Com relação ao futuro afirma que gostaria que seus filhos cursassem universidades públicas de alta qualidade de ensino. Logo em seguida, revelando a preocupação de ver os dois filhos adolescentes não correspondendo aos seus investimentos escolares, admite que não gostaria de vê-los “*encostado*”. Desta maneira vê o trabalho como uma boa alternativa para prepará-los para o mercado e cita grandes empresas franqueadas com pequena exigência em termos de qualificação profissional como interessantes para iniciar o jovem no mercado de trabalho.

Lucas:

“Ah, eu gostaria de ter o meu dinheiro aí eu podia ir ao Shopping”.

Lucas cursa o penúltimo ano do ensino fundamental numa escola privada, é branco e tem 13 anos, se expressa com frases curtas, ri bastante e se mostrou desatento durante a entrevista.

O pai de Lucas está separado da família há dois anos, “*estudou pouco*”, trabalhava como motorista particular, mas está desempregado atualmente. A mãe, aos quinze anos veio com seus irmãos de uma cidade do interior de Minas Gerais para estudar e trabalhar no estado de São Paulo e está a mais de vinte anos trabalhando no serviço público em cargo de nível médio.

Enquanto o filho diz que a escola anterior era “*ruim*”, pois funcionava em período integral; que a atual escola é também “*ruim*”; que suas notas estão “*péssimas*”; que está com dificuldade porque está “*brincando muito*” e tem “*memória curta*”; sua mãe tenta em vão buscar a melhor adaptação do filho transferiu-o por diversas vezes.

O adolescente tem socialização ampliada, frequenta a casa de amigos, shoppings, shows de música jovem e é “apaixonado” por música eletrônica. Participa de jogos pela rede internacional de computadores e segundo ele: “*Isso está me atrapalhando na escola, mas eu estou viciado, não consigo parar.*” Como os outros adolescentes deste grupo, reclama dos limites econômicos impostos pela mãe e revela o desejo de buscar um trabalho após o ensino fundamental visando maior liberdade de participação nos ambientes onde frequenta.

Em longo prazo Lucas busca um trabalho onde não seja “controlado” e por isso fala que não gostaria de ser médico ou engenheiro civil. E conclui que gostaria de ser web desing ou fotógrafo e “fotografar mulher”. Fala também em cursar a faculdade de jornalismo para “melhorar o currículo” e “ter bastante dinheiro”.

Roberta, mãe de Lucas participou da entrevista no dia 22 de novembro de 2007 em seu horário de almoço. Estava descontraída e me contou sua trajetória desde a infância numa família de dez irmãos numa cidade no interior de Minas Gerais até os dias de hoje. Seu pai, comerciante e dono de casas de aluguel, apesar das dificuldades, tinha condição de bancar seus filhos em casa alugada no estado de São Paulo visando que os mesmos prosseguissem os estudos e conquistassem melhores empregos.

Segundo Roberta, o pai tinha pouca escolaridade, mas “era muito inteligente, lia muito, de tudo, era sábio mesmo, podia botar no meio de doutor...”. Tinha o sonho de ver todos os filhos com melhores condições de vida. Assim, fazia questão de que seus filhos saíssem da cidade natal e buscassem uma região com maiores oportunidades de estudo e trabalho: “era ritual, terminava o ginásio e seguia o futuro aqui”. Apesar das dificuldades, cada irmão foi se estruturando e hoje, segundo Roberta, todos conquistaram sucesso: “médico, economista, engenheiro, PHD em pedagogia e outras faculdades mais simples”.

Roberta cursou técnico em contabilidade e logo depois prestou concurso público, entrou como auxiliar administrativa, fez carreira e hoje assume um cargo de chefia. Diz ter se realizado no trabalho:

“Era o que eu queria passar num concurso, ter um salário certo. Estabilizei e fiquei.”.

Nestes vinte e dois anos de serviço público, cursou durante seis meses a faculdade de psicologia e por dois anos e meio faculdade de administração, mas acabou desistindo, pois:

“era moça, não queria dificuldade, gastar com faculdade, queria me vestir bem, namorar, fazer passeios...”

Aos 32 anos passou a viver com o pai de Lucas. Um jovem motorista particular do interior do estado que era *“o oposto... para ele o estudo não era importante, não tinha nem o segundo grau...”* e o casal *“batia de frente por causa disso”*. Hoje estão separados.

Acredita que as facilidades atuais como internet, TV e colegas da escola particular dificultam ao Lucas a abdicação necessária para o bom aproveitamento escolar. Cuida para que as amizades dos filhos sejam *“do nível deles pra cima, nível de intelectualidade, é mental, emocional e psicológico”* e por isso optou pela escola particular que funciona como filtro: *“quem está lá tem condição, está pensando o melhor para os filhos”*.

Com relação à educação dos filhos se contradiz inúmeras vezes, ora fala que precisa de dedicação e esforço para ter um bom futuro:

“Para aproveitar lá na frente precisa sofrer um pouquinho agora, se enclausurando, abdicando...Porque meus irmãos foram assim, eles estudaram com dificuldade mas hoje são rei, hoje tem o céu, mas sofreram muito, se mataram, se sacrificaram...”

Outras vezes fala que não deve haver sacrifícios e deseja uma vida mais leve para seus filhos.

“Não quero que eles se sacrifiquem como eu. Quero que sejam felizes, tenham bastante conforto material, que aproveitem a vida com conforto, poder vestir de marca como gostam.”

Para o filho mais velho sonha que curse universidade de educação física, ou fisioterapia e ao mais novo que seja maestro trabalhando fora do Brasil, *“longe, bem longe”*.

Capítulo 4

Projeto linear de longo prazo

Os dois jovens deste grupo, Vicente e Paulo, aos treze anos e cursando o penúltimo ano do ensino fundamental, demonstram a capacidade de adiar as recompensas para investir num projeto em longo prazo, tomando para si e correspondendo às aspirações familiares de prolongar a escolarização até a universidade pública em cursos de grande exigência.

O que chama atenção nestes garotos é a segurança, determinação e clareza com que apresentam seus projetos.

As condições concretas da vida das famílias destes adolescentes somadas aos vereditos escolares positivos não só dos entrevistados como também de seus pais e irmãos mais velhos são os elementos fundamentais que possibilitam aos adolescentes elaborar um projeto detalhado de investimento em longo prazo.

Ampliação de recursos econômicos e culturais ao longo das gerações

As famílias destes jovens apresentam mobilidade social ascendente. Na geração dos avós as ocupações desempenhadas eram: funcionários públicos de nível superior (Estatística e Contabilidade), funcionários públicos de nível médio (escriturários), motorista de caminhão, dona de casa e representante comercial.

A mobilidade geográfica das famílias se deu na geração dos pais que buscaram a região onde residem atualmente por questões profissionais. Hoje residem em casa própria no mesmo bairro de classe média alta com condições econômicas bastante confortáveis e tanto os pais quanto as mães atuam em empregos estáveis, qualificados e de exigência de nível universitário: engenheiro elétrico atuando como consultor em um grande centro de pesquisas, psicóloga em consultório próprio, engenheiro químico professor numa

universidade privada e nutricionista em uma instituição pública, enfim possuem maiores recursos econômicos, sociais e culturais.

A mobilidade social ascendente destas famílias deve-se às credenciais escolares o que justifica que os investimentos na educação dos filhos priorizem essa dimensão.

Vereditos escolares positivos em várias gerações

O sucesso dos pais e irmãos na parte acadêmica, cursando universidades de prestígio permitiu aos adolescentes deste grupo um contato maior a informações relativas aos estudos e segurança para elaborarem um projeto linear que passa pelo ensino médio, universidade e culmina num trabalho altamente qualificado.

Com relação à escolarização dos filhos, a mãe de Paulo deixa claro que seus filhos sempre foram “*acima da média*” e que “*eles amavam a escola, eles têm internalizado que escola é um lugar muito bom*”. Embora dizendo que os filhos estudam sozinhos, demonstra um acompanhamento bastante próximo dos estudos, cita exemplos de atividades que julga interessante e do tipo de prova exigida na atual escola. A mãe de Vicente também escolhe o colégio dos filhos a dedo, compara as formas de trabalho de diferentes escolas e fundamenta sua escolha pelo colégio atual. Além de freqüentar escolas privadas visando melhor qualidade de ensino e do estudo sistemático realizado em casa diariamente, existe ainda a preocupação de ampliar as atividades relacionadas à formação escolar através de cursos extras. As famílias ressaltam ainda a importância de “*bons livros*” e “*bons filmes*” e a freqüência a cinemas, exposições e museus.

Os adolescentes apresentam um histórico de continuidade numa mesma instituição escolar privada, bom desempenho e aceitação das regras e vereditos escolares. **Reconhecem** de forma incondicional os valores da instituição escolar e os vereditos positivos que ambos recebem da instituição garantem o sucesso do trabalho de convencimento dos jovens de que eles mesmos escolheram, conquistaram e merecem o sucesso que têm obtido. Desta forma parece a esses jovens que é “*natural*” que obtenham sucesso em seus projetos.

Movimento interno de cada família:

Vicente

“Quero me formar em engenharia civil numa grande universidade pública e futuramente ter minha própria construtora”

Entrevistei Vicente, no dia 20 de junho de 2006 numa sala reservada especialmente para isto na escola privada onde cursa o penúltimo ano do ensino fundamental. Garoto branco de treze anos, olhos vivos e alegres se mostra bastante desinibido e muito falante durante toda a entrevista. Sempre residiu no mesmo condomínio de classe média junto com seus pais e seu irmão mais velho, de 19 anos, que faz cursinho preparatório para o vestibular e pretende cursar engenharia elétrica na grande universidade pública onde seu pai cursou física e química.

Sua vida escolar foi integralmente na mesma escola privada e sempre apresentou bom desempenho. Seus pais são exigentes quanto ao estudo, mas diz: *“eles não ficam falando tanto porque eu já vou e faço”*, se referindo a sua cobrança consigo mesmo. Para complementar sua formação, além da escola regular, faz aulas de judô e inglês.

Durante as tardes livres assiste na rede privada de TV a filmes, programas de música e humor e sempre reserva de 45 minutos à uma hora para estudar. Possui amigos na escola e no condomínio onde mora: andam de bicicleta, jogam futebol, freqüentam a casa uns dos outros, vai ao shopping e já chegou a freqüentar eventos de música jovem. Recebe mesada de quarenta reais mensais e tem que *“economizar ao máximo”*, embora a mãe fixe tal limite, com sua insistência acaba *“liberando mais um pouco”*.

Sua vida estável, com recursos econômicos e culturais satisfatórios e o veredicto escolar positivo deram a ele possibilidade de analisar o presente e planejar o futuro de forma racional projetando as próximas etapas a serem seguidas para atingir seu objetivo. Não demonstra dúvidas sobre os passos a trilhar. Planeja fazer o segundo grau numa escola privada de qualidade que o prepare para passar no vestibular, descarta a possibilidade de cursar o ensino técnico e logo justifica: *“tem que ser uma coisa de cada vez, não outro curso paralelo”*. Esclarece ainda que pretende se dedicar inteiramente ao ensino médio de qualidade já que pretende cursar a faculdade de engenharia civil na

mesma grande universidade pública cursada pelo pai e pretendida pelo irmão, ou seja precisa estar preparado para enfrentar a forte concorrência no processo seletivo. Futuramente planeja ter sua própria empresa no ramo da construção.

Letícia, mãe de Vicente, branca, 49 anos, é funcionária efetiva de nível superior de uma grande instituição pública onde trabalha como nutricionista há mais de 20 anos. Narrou com desenvoltura e alegria sua trajetória ascendente, a conquista do diploma universitário, do emprego seguro na área para qual foi formada, a conquista da casa própria numa região de alto padrão e viagens ao exterior. Nosso contato aconteceu no dia 09 de novembro de 2007 em seu local de trabalho, após me mostrar um pouco de seu ambiente de trabalho me levou até a “*sua*” sala onde se deu a entrevista.

Morou toda sua infância numa pequena cidade do interior do paulista, foi criada pelo pai, que entre outras ocupações foi motorista de caminhão. Sua mãe faleceu, mas ela pode contar com uma madrastra, que se ocupava com a função de dona de casa e no cuidado com os nove filhos.

Letícia diz ter crescido ouvindo seu pai dizer a todos os filhos, indistintamente do sexo, que “*tem que estudar*”. Todos os nove filhos fizeram o ensino superior: engenharia civil, farmácia, dois fizeram medicina, história, engenharia química, letras e matemática.

Cursou a faculdade de nutrição numa universidade privada em um município de maior porte que sua cidade natal. Como havia uma grande limitação de recursos financeiros, os irmãos mais velhos ao se formarem e tão logo começavam a trabalhar financiavam os estudos dos irmãos mais novos.

A região onde morava não oferecia oportunidades de emprego compatíveis com sua formação, assim decidiu buscar a região onde reside atualmente com mercado de trabalho mais promissor comprovado por duas de suas irmãs mais velhas que já residiam e trabalhavam na região: “*eu achava que a oportunidade melhor era aqui*”. Tentou fazer curso de pós-graduação, não conseguiu, mas encontrou oportunidade de trabalho na área da nutrição na mesma instituição. Fez concurso, se estabilizou e é onde trabalha até hoje.

A trajetória de clara ascensão de Letícia lhe proporcionou segurança suficiente para apostar no prolongamento da escolaridade dos filhos até o nível universitário e planejar um futuro de sucesso.

Os sogros de Letícia também moravam no interior do estado, mas possuíam condições financeiras mais confortáveis. O sogro era representante comercial e a sogra dona de casa. De acordo com Letícia, a família do marido não valoriza muito a parte cultural e são mais “*voltados ao dinheiro*”. Diferente do pai de Letícia, seu sogro julgava que as filhas não precisavam ter compromisso com o estudo e com o trabalho, mas com o filho era rígido e só admitia que fosse estudar na melhor universidade pública da região. Assim, o marido de Letícia estudou física e química na mesma universidade onde fez também mestrado, doutorado e pós-doutorado. A longa carreira acadêmica do marido só foi possível devido ao emprego seguro da esposa. Assim ele pode exercer hoje a função de professor numa universidade privada.

No início de casados moraram na casa do sogro em outra região do mesmo município, pois segundo ela “*era muito alto o custo de vida*” na região onde vivem atualmente. Hoje residem em casa própria, localizada em um condomínio fechado de alto padrão. Seus dois filhos sempre cursaram a mesma escola privada, a mãe acompanha o trabalho da escola há vários anos por meio de seus sobrinhos que lá estudaram, comenta com clareza as propostas de ensino e participa ativamente da escolarização dos filhos.

Letícia se mostra “*super agradecida*” ao pai pela educação recebida, mas sente que na sua infância e juventude, devido a região onde morava, foi privada da parte “*cultural, que lá era muito pobre*”: não permitindo que frequentasse cinemas, museus e exposições. Faz questão de garantir aos filhos a “*cultura*” que não teve:

“Ultimamente tive oportunidade de ir para Paris, voltei alucinada, babando, imaginando que meus filhos têm que ver tudo isso...”

Acha interessante a área de gastronomia e cinema, mas quando se trata de opção para o futuro, seus filhos não aderem a esta idéia. Segundo a mãe, eles sabem que “*não terão dinheiro para abrir um negócio próprio*” e por isso optam por áreas de estudos mais tradicionais: “*engenharia elétrica*” para o filho mais velho e “*engenharia civil*” para o mais novo. Letícia fala bastante da valorização da “*cultura*”, mas admite que na hora da escolha da profissão tanto ela como o marido indicam aos filhos profissões mais tradicionais.

Com relação às amizades dos filhos diz que “*para isso a escola atual é dez, eles aprendem a conviver com tudo*” e conclui que seus filhos conseguem “*se dar com várias*

tribos” embora cite apenas amigos da escola e do condomínio comprovando que o círculo de amizades dos filhos é bastante restrito quanto à classe social.

Criticou a escola privada onde o filho mais velho cursou o ensino médio: as turmas são muito grandes, “*não indicam um bom livro, uma boa exposição, não discutem um bom filme, é muita decoreba*” e repete o conceito do filho mais velho em relação à escola: “*é uma escola emburrecedora*”. Não pretende colocar Vicente na mesma escola e nem em uma escola técnica, pois acredita que sempre irá “*perder alguma coisa*”, referindo-se ao conteúdo, pois tanto para a mãe quanto para o filho a escola deverá focar o vestibular.

Na realidade tanto o filho mais velho quanto Vicente planejam o futuro semelhante ao do pai mantendo a “*rigidez*” atribuída ao avô paterno de ser impositivo na escolha da universidade pública de qualidade.

Paulo

“Eu tenho planos de me formar em engenharia mecatrônica. Como a minha irmã: ela fez colégio técnico, fez estágio e depois continuou trabalhando na área.. Então, eu tenho vontade de enquanto estiver na faculdade juntar dinheiro, quero ter minha independência financeira e quero aplicar na bolsa de valores.”

No dia 20 de junho de 2007, numa sala reservada pela escola privada onde cursa o penúltimo ano do ensino fundamental, pude entrevistar Paulo. O garoto, loiro de olhos azuis, tem treze anos e reside em um condomínio de alto padrão com seus pais e três irmãos.

Alegre, se expressava de forma segura, clara e sem inibição. Contou-me que sua educação é rígida desde a regra de colaborar nos trabalhos domésticos nos fins de semana quando a empregada não vem, aos passeios vigiados de bicicleta pelo bairro, nos lugares e horários permitidos, até o desempenho escolar, mas para ele “*isso não é problema*”, pois: “*todo mundo vai bem, tipo, lá em casa nunca teve problema com a escola*”. Seus dois irmãos mais velhos cursam a universidade pública de prestígio nas áreas de engenharia

elétrica e biologia e a terceira irmã acaba de concluir o colégio técnico em informática igualmente público e reconhecido pela qualidade.

Frequenta aulas de inglês duas vezes por semana, às vezes vai ao shopping com os amigos e participa de um programa transnacional que promove o intercâmbio de jovens com fins educacionais tanto no próprio país quanto no exterior, portanto se trata de um grupo seletivo. Recebe dinheiro mensalmente do pai e no final do mês, juntos fazem um balanço dos gastos, narra em detalhes como juntos fazem a planilha de entrada e saída de dinheiro e sintetiza: *“Eu acho, que a gente aprende tipo, contabilidade.”*

Nas tardes livres vê TV, fica no computador em sites de “bate papo”, à noite o jantar é realizado com toda a família e depois tem horário reservado para o estudo.

Seguindo os passos das irmãs, planeja já no último ano do ensino fundamental intensificar seus estudos em um curso preparatório para o processo seletivo do colégio técnico onde pretende uma vaga na área da informática. Posteriormente pretende fazer o curso de engenharia mecatrônica na mesma universidade pública onde seus irmãos mais velhos estudam atualmente.

O trabalho concomitante com a universidade é estimulado pelos pais e cumprido pelos três filhos mais velhos. Ana, mãe de Paulo, deixa claro que o trabalho já faz parte da carreira profissional de cada filho.

“A gente precisa aprender a caminhar com as próprias pernas. Os nossos filhos não ganharam carro porque passaram no vestibular. Não, nada disso! Isso é uma conquista, isso o sujeito traça na sua própria história! Tanto que nossos filhos já trabalham. Ganham pouco? Ganham pouco. Mas o meu garoto já trabalha, está numa empresa de estatística junto com a faculdade de engenharia elétrica...A minha filha ganha pouco? Ganha, mas trabalha no laboratório de genética e genoma da universidade onde cursa biologia. A minha outra garota ela imagina sobreviver fazendo medicina dando aula de inglês...e também estuda alemão...ela vai fazer um free lance em São Paulo pra ganhar trezentos reais. Ela vai trabalhar, sexta, sábado e domingo”

“Acredito que a gente não estimularia um trabalho que não tivesse nenhum ligação... ganhar quatrocentos reais pra fazer uma coisa que não tivesse desenvolvendo? Não!”

Paulo completa seus planos dizendo que pretende se casar e ter dois filhos, sua esposa pode trabalhar e mesmo “*se eu for rico, eu quero continuar trabalhando porque eu acho muito chato ficar sem fazer nada.*” Referendando o valor do trabalho demonstrado pela família.

A entrevista com a mãe de Paulo se deu no dia 5 de dezembro de 2007 em seu consultório de psicologia localizado numa região bastante valorizada do município, numa sala com ar condicionado, luz indireta, pequena mesa e duas cadeiras situadas frente a frente, tapete e almofadas.

Ana, branca de 53 anos, nascida em outro estado da região sudeste e residente no atual município há sete anos me contou de forma tranqüila e segura toda sua trajetória. Fez o curso normal, se formou professora e começou a dar aulas aos dezoito anos. Seu pai fez o ensino fundamental completo e foi escriturário em órgão público. Sua mãe tem o ensino fundamental completo e trabalhou como funcionária pública até o nascimento de seu primeiro filho, depois passou a desempenhar a função de dona de casa e teve mais três filhos. Os quatro filhos do casal foram trabalhar logo após o ensino médio. Ana e o irmão mais velho optaram por fazer o curso de magistério para terem emprego em um curto espaço de tempo e assim adquirirem recursos para o curso superior: psicologia e administração.

A família do marido tinha melhores condições, o pai era militar de nível superior e trabalhava na parte de estatística e cartografia e a mãe fez contabilidade, na época era um curso diferenciado e “*chegou a ser assessora no Ministério da Indústria e Comércio*”. Tiveram três filhos que também fizeram o ensino superior, uma é psicóloga e outra é arquiteta. O marido de Amélia, com quem está casada há quase 30 anos, é formado em engenharia elétrica e já antes de se formar dava aulas em cursinho pré-vestibular. Depois de formado passou em “três concursos” e fez a opção por trabalhar numa empresa estatal no setor de telecomunicações: “*a gente veio de uma época que era muito fácil ter emprego, não faltava emprego...*”.

Segundo Ana tanto sua família quanto a família do esposo priorizavam o estudo:

“Naquela época não tinha carro, não tinha computador e você investia em que? Na educação dos filhos!”

A vida do casal começou quando ambos já estavam formados, trabalhando e com o apartamento próprio. *“Nunca fomos ajudados, na verdade nós ajudávamos os nossos pais... nós ajudamos a comprar o apartamento dos meus pais.”* Com bom nível de formação o marido ocupou cargo de gerência logo no início da carreira e Ana foi ampliando sua clientela no seu consultório de psicologia. Desta forma a família viveu uma *“condição econômica muito boa, eu tinha motorista, eu tinha duas empregadas”*. Mas, a privatização da companhia estatal provocando uma queda de 40% nos vencimentos do marido e condições de trabalho adversas o deixaram sem perspectiva no trabalho.

Em 2001 a família veio para o município atual onde pode visualizar novos campos de trabalho com melhores condições salariais na área de consultoria. Os primeiros anos no município foram *“caóticos”*, embora o marido tenha retomado o patamar salarial que tinha deixado. Amélia, como profissional autônoma, precisou recomeçar e só conseguiu retomar seu ritmo de trabalho um ano e meio depois:

“Você pode imaginar que eu passei um ano e meio sem nenhuma empregada...as escolas eram muito mais caras do que em Brasília...”

Sua postura segura diante do período de mudança provavelmente é resultado dos sucessos alcançados anteriormente. A segurança de um trabalho bem desenvolvido na cidade anterior e seu consultório bastante freqüentado permitiu a ela manter o consultório até ser novamente reconhecida no novo município:

“Eu acredito na vida e no universo... eu sempre acredito que vai dar certo...era só as pessoas começarem a conhecer o meu trabalho, que precisava vir o primeiro, o segundo e o terceiro para depois eu ter o consultório realmente cheio.”

Assim, a família voltou a ter a estabilidade econômica anterior e ela voltou *“a ter empregada naturalmente”*.

A família enfrentou problemas também com a escolarização dos filhos em escolas com propostas diferentes daquelas pretendidas pela família. Desta forma os filhos foram transferidos. Os três mais velhos foram para um colégio claramente tradicional e Paulo foi para o primeiro ano na escola onde está até hoje. Ana se mostra satisfeita com a proposta da atual escola:

“O que o Paulo ganhou da escola que tem até hoje? Ensinou ele a pensar, ensinou ele a se virar, ensinou ele a perceber que para uma questão existem várias soluções, que não tem só uma forma de ver, ensinou literalmente a se defender sozinho também!”

Tem uma boa relação com a atual escola de Paulo, diz ser “*uma escola privilegiada*” em termos de amizades e relacionamentos. Conhece os amigos e os pais dos amigos do filho com quem tem bom relacionamento mantendo contatos e combinando os lugares e a frequência da saída dos adolescentes. Acredita que a “*linha dos pais e da escola são bem próximas*” facilitando a educação dos filhos.

Considera Paulo um ótimo aluno, “*brilhante em matemática, tem um ótimo raciocínio lógico*” e nunca teve problemas com o desempenho escolar do filho. Paulo deverá seguir o mesmo caminho dos irmãos mais velhos:

“Para o Paulo a gente pretende traçar a mesma história. Ele está indo pra oitava série, já está matriculado pra fazer o pré-técnico porque no vestibulinho do colégio técnico exige um conteúdo além daquele da oitava série”.

“Eu acho ótimo que ele comece a se virar, a pegar ônibus, saia dessa coisa que a classe média está botando os adolescentes com tudo na mão...”.

Afirma ainda que as regras na família são bastante claras, “*não há nada dúbio, pode, pode, não pode, não pode*” em termos de convivência e proibições Ana completa:

“Outra coisa que é bastante claro lá em casa é que todos farão universidade pública! Isso daí não tem outra opção, a gente não teria dinheiro, seria em detrimento a outras coisas numa família grande e o mercado de trabalho na verdade está muito complicado, não adianta fazer qualquer universidade.”

A trajetória ascendente dos pais e o sucesso escolar dos irmãos deixam definido o caminho que Paulo deve trilhar. Isto aparece claramente tanto no discurso do filho quanto no discurso da mãe e produz em ambos uma segurança que não aparece em nenhuma outra família.

O que poderia ser encarado como fracasso: o fato da segunda e terceira filha não entrarem no colégio pretendido logo no primeiro processo seletivo ou o fato da terceira filha não ter entrado na Unicamp logo após ter se formado no ensino médio, no discurso

de Ana aparecem como “*natural*” e são encarados como questões de currículo: o processo seletivo do colégio técnico cobra determinados conteúdos que não são trabalhados no ensino fundamental e portanto justifica a necessidade do complemento com o colégio preparatório; o colégio técnico não tem um currículo voltado ao vestibular justificando a necessidade do curso preparatório para o vestibular. Não vendo tais situações como fracasso individual dos filhos, mas interpretando-as numa conjuntura maior, a família investe na educação dos jovens com segurança de alcançar o sucesso “*natural*” para a família.

Considerações finais

Ao final do ensino fundamental obrigatório, fase em que os filhos atingem 13,14 anos, as famílias se confrontam com diferentes dilemas. Para alguns, trata-se de um momento em que os jovens devem iniciar ou intensificar os esforços para alcançar o ensino superior enquanto que, para outros, tem-se aí o momento em que as pressões para entrada no mercado de trabalho ganham forças, provocando o questionamento dos investimentos escolares.

Essa pesquisa teve como objetivo recensear essas diferenças e procurar por princípios que as explicam. Procurou-se examinar as disposições dos jovens e suas famílias quanto ao futuro, recenseando as opções escolares e profissionais que consideram e aquelas que descartam nesse momento de suas vidas. Em seguida, a pesquisa procurou identificar os processos que permitem a construção de tais disposições.

As transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil nas últimas décadas e em especial a intensificação da industrialização e urbanização e a expansão da escolarização resultaram numa certa melhoria das condições de vida das famílias pesquisadas e provocaram mudanças na forma de ver e viver a realidade.

Isso teve efeitos sobre a maneira como seus filhos pensam e discutem seu próprio futuro com relação à escola. Foi possível verificar, por exemplo, a existência de um discurso homogêneo por parte dos familiares e seus filhos adolescentes quanto a necessidade e interesse no prolongamento dos estudos de maneira a um dia chegarem ao ensino superior.

No entanto, foi possível perceber diferentes formas de expressar tal disposição, revelando que elas estão adaptadas às chances reais da mesma se tornar realidade. Enquanto alguns adolescentes expressam claramente não só o curso que pretendem realizar como também todos os investimentos e estratégias necessárias para atingirem seus objetivos, outros falam vagamente em “*fazer faculdade*”, não nomeando o curso pretendido, mostrando possuírem poucas informações sobre os caminhos a serem trilhados e grande incerteza sobre a possibilidade de atingirem este nível de ensino.

As disposições quanto ao trabalho, por sua vez, diferem principalmente com relação ao momento de entrada no mercado de trabalho, oscilando entre dois extremos: aqueles que pretendem buscar trabalho logo após o término do ensino fundamental, desejando auxiliar financeiramente família e conquistar maior liberdade no seu espaço de socialização bastante restrito até então; enquanto outros afirmam que o trabalho se tornará interessante após a conclusão do ensino superior ou durante os anos de universidade, como forma de crescer na área escolhida.

Outra clivagem verificada foi com relação ao tipo de atividade pretendida. Baseando-se nas experiências de trabalho dos adultos com quem convivem, um grupo de adolescente apresentou como principal preocupação a fuga do trabalho manual; enquanto no outro extremo foi verificado outro grupo com maiores ambições, aspirando desempenhar trabalhos em posições de comando e autonomia.

Foi possível verificar ainda que a instalação de tais disposições não se dá automaticamente, mas é resultado da operação de mecanismos de socialização específicos e, portanto devem ser compreendidos com referência à relação que os jovens estabelecem com o mundo num momento dado. A pesquisa mostrou que o ambiente familiar é um espaço fundamental para a conformação dessas relações. As disposições apresentadas pelos adolescentes estão fortemente relacionadas às condições objetivas da família: trajetória social e em especial a composição do seu patrimônio material e simbólico. Assim, a relação com o futuro e mesmo a capacidade de projetar ou não o futuro é o resultado da incorporação das possibilidades e das impossibilidades objetivas de cada adolescente e acaba sendo o futuro objetivo da classe à qual pertence.

Se a construção das disposições em relação ao futuro se dá com a exposição consistente e significativa a condições concretas de existência há um espaço significativo para indeterminações que possam manter ou alterar o destino da classe.

Na pesquisa foi possível notar que o veredito escolar pode ocupar esse espaço, reforçando ou alterando as disposições pré-determinadas pela posição social do adolescente. Resta examinar que condições são necessárias para que o espaço de indeterminação possa ser politicamente trabalhado, isto é, preenchido com algo que permita desafiar as fronteiras que parecem conter os destinos de tantos jovens.

BIBLIOGRAFIA:

- ÁRIES, Philippe.** (1981), *História Social da Criança e da Família*, Editora LTC.
- ATLAS DA REGIÃO METROPOLITANA:** endereço eletrônico-
<http://cendoc.nepo.unicamp.br/vulnerabilidade>
- BARROS, Ricardo Paes; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane.** (2000) *Desigualdade e Pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável*, Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.15, nº. 42.
- BARROS, Ricardo Paes; FOGUEL, Miguel N.; ULYSSEA, Gustavo** (2007) *Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente*. Disponível em: www.ipea.gov.br
- BOURDIEU, Pierre.** (1974) O mercado dos bens simbólicos. *In: Economia das trocas simbólicas*. Tradução Sérgio Niceli, São Paulo: Perspectiva, 1974, p.99-181.
- _____ (1975) *A Reprodução – elementos para um teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- _____ (1979), *O Desencantamento do Mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1983), “A juventude é apenas uma palavra” *In: Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro:Marco Zero Limitada.
- _____ (1989) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- _____ (2004) *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BOURDIEU, P.** com contribuições de A. Accardo... et. al. (2003) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CARDOSO, Irene.** (2005) *A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.
- CUNHA, José M. P. ; JACOB, Alberto A. ; JIMÉNEZ, Maren A.** (2007) *A Expansão Metropolitana, Mobilidade Espacial e Segregação nos anos 90: o caso de RM de Campinas*. Disponível em <http://cendoc.nepo.unicamp.br/vulnerabilidade>
- DUBAR, CLAUDE** (1990), *A socialização na antropologia e o funcionalismo*. *In: A socialização – construção das identidades sociais e profissionais*. Portugal: Porto Editora.

- DURKHEIM, Émile.** (1978) As definições da educação – exame crítico. In: *Educação e Sociologia*. São Paulo :Melhoramentos.
- ELIAS, Norbert.** () *Introdução a Sociologia*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- ELIAS, Norbert.** (1986), *Saggio sul tempo*. Bologna, Il Mulino (1 ed. 1984). [Trad. port. Sobre o tempo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1998
- ELIAS, Norbert.** (1994) *O Processo Civilizador – uma história dos costumes*, Vol. 1, Rio de Janeiro: Zahar editor.
- ENGUITA, Mariano F.**(1988) Tecnologia e Sociedade – a ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a Educação. Educação e Realidade, Porto Alegre: Artes Médicas, vol.13 n.1, p. 39-52.
- ENGUITA, Mariano F.** (1989) *A face oculta da escola – educação e trabalho no capitalismo* (tradução de Tomaz Tadeu da Silva) Porto Alegre: Artes Médicas.
- GEERTZ, Clifford.** (1978), *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GIDDENS, Anthony.** (1993), *Sociology*, Cambridge: Polity Press.
- GONÇALVES, Hebe Signorini.** (2005) *Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.
- GUY, Vincent** (2001) A forma escolar. In: *Sobre a história e a teoria da forma escolar*
- HASENBALG, Carlos.** (2003) *Introdução* In: *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- HASENBALG, Carlos.** (2003a) *A distribuição de recursos familiares* In: *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- HASENBALG, Carlos.** (2003b) *A transição da escola ao mercado de trabalho*. In: *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- LAHIRE, Bernard.** (1997) *Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável*. São Paulo: Ática.
- LARAIA, Roque de Barros.** (1993), *Cultura, um conceito antropológico*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LECCARDI, Carmem.** (2005) *Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo*. Tradução de Norberto Luiz Guarinello Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.

- MARIZ, Cecília Loreto.** (2005) *Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião.* Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza; AUGUSTO, Maria Helena Oliva** (2005) *Juventude(s) e transições.* Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.
- MATHEUS, T. C.**(2003) *O discurso adolescente numa sociedade na virada do século.* In: Psicologia USP, vol.14, nº 1, p. 85 a 94 scielo
- MILLS, C. Wright.** (1982) *A imaginação Sociológica.* Trad. Waltensir Dutra, 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MONTANDON, C.** *Sociologia da Infância: Balanço dos Trabalhos em Língua Inglesa* In: Cadernos de Pesquisa, nº 112, março/2001
- NEVES, Clarissa E.B.** (2002) Estudos Sociológicos sobre educação no Brasil. In: Miceli, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira, 1970 – 2002.* ANPOCS, São Paulo: ed. Sumaré, 2002, p. 351-437
- NOGUEIRA, Cláudio M. M. e NOGUEIRA, Maria Alice** (2002), *A Sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições* In: Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, abril/2002
- NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N.** (orgs.). (2000). *Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia.** (2005) *Jovens europeus: retrato da diversidade.* Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.
- RODRIGUES, Iram Jácome; MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza** (2005) *Perfil socioeconômico de jovens metalúrgicos.* Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.17, n.2.
- SETTON, M. G. J.** (2005) *Um novo capital cultural: pré disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade.* Educ. Soc., Campinas, vol.26, n.90, p.77-105, Jan./Abr. 2005 - Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- SILVA, Nelson do Valle.** (2003) *O esquema analítico e a classificação ocupacional* In: *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida.* Rio de Janeiro: Topbooks.

SILVA, Nelson do Valle. (2003b) *Expansão escolar e estratificação educacional no Brasil.* In: *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida.* Rio de Janeiro: Topbooks.

SIROTA, R. (2001)*Emergência d uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar.*In: *Cadernos de Pesquisa*, nº 112, março/2001Trad. Neide Luzia de Rezende

SPOSITO, Marília Pontes (coord). (2000)*Estado do conhecimento juventude e escolarização.*In: www.acaoeducativa.org

WILLIS, Paul. (1991) *Aprendendo a ser trabalhador: Escola, resistência e reprodução social.* Porto Alegre RS: Artes Médicas.

ANEXOS

Anexo 1

QUESTIONÁRIO

1- Na sua vida escolar, você estudou:
(A) integralmente, em escola pública federal, estadual ou municipal;
(B) maior parte em escola pública
(C) maior parte em escola particular

2- Em que período você trabalha?
(A) não trabalho no momento
(B) nunca trabalhei
(C) trabalho meio período

3- O que você pretende fazer depois que terminar a oitava série?
(A) fazer o ensino médio
(B) fazer o ensino técnico
(C) trabalhar e estudar à noite
(D) só trabalhar

4- Em qual categoria abaixo, definida pelo IBGE, você pertence?
(A) branca
(B) preta
(C) parda
(D) amarela
(E) indígena
(F) raça / cor não declarada

5- Qual a sua relação com a leitura?
(A) não gosto de ler
(B) leio só quando a escola pede
(C) leio às vezes por prazer
(D) leio às vezes jornal ou revista
(E) leio sempre

6- Quantas pessoas compõem a sua família, incluindo você?
(A) 1 a 3 pessoas
(B) de 4 a 6 pessoas
(C) mais de 6 pessoas

7- O que você gostaria de estar fazendo daqui a cinco anos?
.....
.....

8- Quantas pessoas de sua família exercem atividade remunerada?
(A) nenhuma
(B) 1 pessoa
(C) 2 pessoas
(D) 3 pessoas
(E) 4 pessoas
(F) de 5 a 7 pessoas
(G) mais de 7 pessoas

9- Qual é aproximadamente a renda familiar em salários mínimos (s.m.)?
(A) zero
(B) de 1 a 2 s.m.
(C) de 3 a 5 s.m.
(D) de 6 a 10 s.m.
(E) de 11 a 20 s.m.
(F) mais de 20 s. m.

10- Escolaridade do responsável:
(A) não frequentou escola
(B) frequentou o ensino de 1ª a 4ª série
(C) frequentou o ensino de 1ª a 7ª série
(D) concluiu a 8ª série
(E) frequentou o ensino médio
(F) concluiu o ensino médio
(G) frequentou o ensino superior
(H) concluiu o ensino superior

11- Você gostaria de participar de uma entrevista?
() Sim () Não

12- Se você respondeu **sim** na questão acima complete:
nome:.....
idade:.....
telefone e endereço para contato
.....
.....
.....
.....
.....

Anexo 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE

1. Onde e quando nasceu?
2. Onde mora? Já morou em outros lugares?
3. Com quem mora? Idade e escolarização dos pais e irmãos?
4. Onde seus pais trabalham?
5. O que os pais exigem? O que os pais permitem?
6. Em que vocês concordam e em que discordam?
7. Como foi a entrada na escola, que lembranças tem do início da escolarização?
8. Visão sobre o período escolar mais recente – qual o seu desempenho?
9. Significado dos professores e dos conteúdos?
10. O que você faz quando não está na escola?
11. Relação de amizade na escola e outros espaços de socialização;
12. Quem são os seus amigos? Da escola? Do bairro?
13. Lugares que frequenta? Onde? Tem horário? Como e com quem vai?
14. Que atividades extra-escolares realiza com frequência?
15. Namora ou já namorou?
16. Como lida com o dinheiro?
17. Quais espaços de lazer têm disponíveis?
18. Quanto tempo assiste TV e quais os programas mais assistidos;
19. Que tipo de trabalho gostaria de ter? Que ambiente de trabalho te cativa?
20. Já trabalhou? Se houve ou não e o porquê ?
21. O que acha dos trabalhos desempenhados pelos familiares?
22. Significação dos estudos em sua vida;
23. O que fará o ano que vem?
24. O que pretende estar fazendo daqui a cinco anos?
25. Visão sobre o futuro pessoal e profissional. Que tipo de profissão te atrai, que tipo você não se adaptaria?

Anexo 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O RESPONSÁVEL PELO ADOLESCENTE

Nome – idade – escolaridade – profissão atual

- 1- Lembranças sobre a infância e juventude (onde e com quem vivia);
- 2- O espaço familiar, a escolaridade e trajetória da família;
- 3- A educação recebida, na rede familiar, amigos, vizinhos, igreja, trabalho;
- 4- Chegada ao bairro pesquisado, época e condições;
- 5- Percurso escolar e ocupacional (sucessos e fracassos)
- 5- Relato da infância dos filhos, em especial, do pesquisado;
- 6- Rotina da família, responsabilidades de cada um;
- 7- Representação da Escola em suas vidas;
- 8 - Acompanhamento da escolarização dos filhos;
- 9 - Comparação da educação recebida à educação dada (valores e aspirações);
- 10- Aspirações em relação ao futuro dos filhos.

ANEXO 4

EXEMPLO DE ENTREVISTA COM UM ADULTO

ENTREVISTA 01: Roberta – mãe de Alice

Data: 28/02/2006 – terça feira de carnaval 09h00min

Local: residência da entrevistada

Anotações do caderno de campo:

Quando marcamos a entrevista, por telefone, perguntei se o horário não seria muito cedo, já que era um feriado. Ela respondeu: *“Não, pode vir, eu não sou de dormir muito não!”*.

A casa é *“em frente ao centro comercial”* do bairro popular como ela mesma havia dito. Um lugar bonito e arborizado, da rua se vê somente um portão de metal recém instalado e o número 22 pintado à mão.

Roberta veio me atender, sorriso aberto como se me conhecesse há muito tempo dizendo: *“Ih! Menina sabe que eu já tinha esquecido de você... estou fazendo unha e ia sair pra ver pedra pra por aqui no corredor, mas pode entrar...”*.

Expliquei que estava realizando uma pesquisa, precisava entrevistar famílias sobre a educação dos filhos, precisava de sua ajuda e perguntei-lhe se poderia gravar a entrevista, ela sorrindo disse: *“Pode!”*.

As duas filhas adolescentes estavam dormindo, pois foram ao carnaval, os dois mais novos (um casal) ficaram um pouco ouvindo a entrevista, mas logo se desinteressaram e foram brincar correndo pela casa. A entrevista não foi interrompida em nenhum momento. A sobrinha que está morando com ela fez a unha da cliente e logo saiu.

Ao ligar o gravador ela pediu ao filho: *“Desliga o rádio lá pra mãe, se sabe desligar, terceiro botão, primeiro, segundo, terceiro botão...”*.

Entrevista gravada:

PESQUISADORA: Antes de conversarmos sobre a Alice, gostaria de saber um pouco sobre sua infância, onde vivia e como era sua família.

Roberta abaixa a cabeça, balança a cabeça, seu sorriso se transforma, olha para a sobrinha, ri...

ROBERTA: È. foi num bairro pobre... foi problemático...foi muita briga...pai e mãe...família grande...cinco irmãos...é...bom...foi...foi...atropelada...como é de muitos...muita briga...todo dia briga...pai e mãe...

Suas longas reticências me revelaram que não queria falar sobre isso, precisei mudar de assunto:

PESQUISADORA: E a escola como ficava?

ROBERTA: Mexia com a cabeça... mexia muito...mexia muito...a gente às vezes tirava até nota baixa por causa disso aí...era muito difícil...era muito diferente...eu achava que não tinha nada a ver...fica num ambiente com briga e depois i pra escola...eu achava que não tinha nada a ver...parei cedo...parei fazendo a quinta série...terminei a quinta não quis mais estudar fui trabalhar...

PESQUISADORA: Porque você foi trabalhar?

ROBERTA: Primeiro que não foi querer... foi...é...mais....mais...te que parar...porque foi no tempo que minha mãe separou e precisava ajudar em casa.

PESQUISADORA: Você era mais velha?

ROBERTA: Não, o mais velho tem, tinha... naquele tempo tinha...20 anos...e eu parei de estudar eu tinha 12...12 anos...todos tinham parado...todos a partir do mais velho de 20 até a de 11...

PESQUISADORA: O motivo era...

ROBERTA: Tive que parar para ajudar minha mãe em casa.

PESQUISADORA: A sua mãe estudou?

ROBERTA: Estudou, ela fez até a quarta e depois de casada ela fez ainda o supletivo...

PESQUISADORA: Sua mãe gostava de estudar, tinha habito de leitura?

ROBERTA: Não, ela tinha..., primeiro porque não tinha muito tempo, ela era enfermeira, ela foi enfermeira trinta e quatro anos, ela foi enfermeira 15/17 anos em hospitais públicos até se aposentar.

PESQUISADORA: Então na sua infância ela já trabalhava?

ROBERTA: Já, a vida inteira ela trabalhou...

PESQUISADORA: E o seu pai...

ROBERTA: O meu pai que dava problema... que nem aqui em casa, o que ta dando, o que dava problema era o pai deles...aí separou...

PESQUISADORA: E aí a mãe... acaba segurando a barra?

ROBERTA: É! O que aconteceu com ela é o que está acontecendo comigo agora...

PESQUISADORA: Então você começou trabalhar cedo?

ROBERTA: Comecei, com doze anos...

PESQUISADORA: O que você foi fazer?

ROBERTA: O primeiro emprego meu foi babá, fui babá durante quatro anos, aí depois comecei, trabalhei em firma...

PESQUISADORA: E hoje?

ROBERTA: Hoje eu sou cozinheira na escola aqui do bairro.

PESQUISADORA: E você não está estudando agora?

ROBERTA: Não.

PESQUISADORA: Não pensa em voltar?

ROBERTA: Penso e não penso, ao mesmo tempo em que eu penso, eu estou tão... Eu já saí da escola, eu queria voltar esse ano né, porque o horário que eu estou fazendo dá pra mim volta... mas eu to tão cansada que não quero mais não...também não quero, ah!...Sai do serviço cansada e já entra pra sala de aula, ah!...Não vou volta não...

PESQUISADORA: Então o que você acha: compensa ou não compensa estudar? Como você vê o que as pessoas dizem?

ROBERTA: Quem não fala pra volta?...Eu vou volta? Fazer o que? Já estou no caco mesmo. (sorrindo) Não vou voltar não!

PESQUISADORA: E do seu trabalho, o que você acha?

ROBERTA: Uma imundície... eu gosto do meu serviço...eu não gosto das condições de trabalho que a gente tem né...comparação a minha profissão com uma outra do serviço público...a gente ganha metade do salário de uma ajudante...uma ajudante de cozinha do setor público ganha duas vezes o que a gente ganha ...eu sou terceirizada...num mesmo lugar às vezes tem cozinheira do setor público e terceirizada, trabalha igual...até mais..., eu já trabalhei num lugar que tem assim...tem muito e ainda debocha do você...

PESQUISADORA: E pra entrar no setor público?

ROBERTA: Ah! Não tem mais... não tem concurso mais...se viu esses daí que teve...foi tudo marmelada... Não tem não.... tem pra ajudante...mas mesmo assim eles estão tirando todas cozinheiras...tão terceirizando...estão tirando todas...

PESQUISADORA: Tirando a família quais outras pessoas influenciaram na sua vida?

ROBERTA: Na parte ruim?

PESQUISADORA: Não, em qualquer sentido.

ROBERTA: Minha mãe foi batalhadora... ela que fez o casamento dos quatro filhos...sozinha...só uma que não caso...não desistiu... É moça ainda é minha mãe, se vê a minha mãe ela é ainda moçona, se não dá a idade que ela tem... uma guerreira...ela é...ela foi...ela é...minha mãe não desistiu em hipótese nenhuma...apanhando, apanhando direto e não desistiu...ao contrário de mim...que não apanhava...eu batia...eu socava...até que ele vazo daqui...

PESQUISADORA: Você foi casada quanto tempo?

ROBERTA: 17... 14 anos

PESQUISADORA: Então... tirando sua mãe quais outras pessoas foram importantes na sua vida? Amigo, alguém de uma igreja, algum professor... patrão...

ROBERTA: Ninguém! (balançando negativamente a cabeça de forma bem decidida)

PESQUISADORA: A grande pessoa foi sua mãe?

ROBERTA: Só! (acenando positivamente com a cabeça) Ninguém!

PESQUISADORA: Na escola você não teve nenhuma pessoa mais significativa?

ROBERTA: (*Balançando a cabeça negativamente e estalando os lábios*) Não tinha... não tinha nem amigos...tinha colegas, mas é diferente...amigo não...amigo mesmo é só minha mãe...não tinha nada...nada...nada!

PESQUISADORA: E aí como você veio pra cá. Para esse bairro?

ROBERTA: Rindo alto: Então... é o tar negócio...conheci assim...eu acho que era pra ser...porque conheci um ano...passou um ano sem se ver... Depois voltamos se vê... sem diálogo sem nada...eu acho que foi destino...era pra ser...

PESQUISADORA: Que idade você tinha?

ROBERTA: Tinha 19... ele tinha 29... era pra ser, era pra gente casa mesmo... A gente tava terminando a casa eu engravidei... a gente namoro seis meses, começamos construir a casa, a hora que chego na laje ... comecei senti uma coisa que nunca senti fui ver... estava grávida. Ia casa na igreja tudo...casei só no civil...depois de grávida não tem mais graça ... eu achei que... o vestido já tava fazendo...quando vi, pode pára, não quero mais não, pára, vende pára...

PESQUISADORA: Você é decidida?

ROBERTA: Sou quando eu falo, falo e pronto acabou, é uma vez só... não gosto de muita conversa...sou resolvida, já entrei em muita confusão por causa disso, eu sou, não sou de correr atrás depois...eu sou daquelas falou o que quer vai ouvir o que não quer.

PESQUISADORA: E a profissão? Desde que você começou você acha que houve um crescimento? Foi melhorando?

ROBERTA: 25 anos que eu trabalho. Eu sempre me achei bem... boa... em tudo o que eu faço... mas melhora de vida eu comecei depois que me separei, aí eu comecei viver porque eu não tava vivendo...eu tava vegetando, eu passei a viver depois que eu me separei, faz quatro anos que a gente se separou!

PESQUISADORA: Nesse tempo todo não teve outras pessoas que te ajudaram, as decisões que você tomou foi sempre...

ROBERTA: Minha, só minha, (batendo no peito), se eu fosse pela cabeça de minha mãe eu tava casada ainda mas sofrendo...não a decisão é minha, minha pronto e acabou! Nunca deixei ninguém por palpite no meu casamento... porque ninguém me ajudou

escolher o marido, não é separar ou continuar ficar com ele que vão querer me ajudar, eu sempre tomei as minhas decisões.

PESQUISADORA: E agora, como é a sua rotina, você trabalha, seus horários, a casa, as crianças. Como funciona o seu dia-a-dia?

ROBERTA: Bom tem os pequenos né... eu saio, eu saio muito, eu trabalho...agora que eu dei uma parada né...que eu trabalhava, tinha dia que eu ... que nem de segunda a sexta dá 6 da manhã às 10h30min da manhã chega correndo tomava banho e ia pra escola trabalha ... voltava à noite... tinha pouco contato...de manhã eu fazia faxina, lavava passava roupa pra fora e de sábado e domingo eu fazia faxina inteira...dás 7 às 4, 5 e meia da tarde, agora que eu dei uma parada...fiquei três anos nessa vida, trabalhando assim direto, agora que eu to na escola de manhã que eu dei uma parada, só vou de domingo, trabalho durante a semana na escola e de domingo eu faço faxina na academia.

PESQUISADORA: E as crianças, como funciona? Cada um tem uma tarefa... como funciona?

ROBERTA: Não, aqui é assim, eu faço sempre a faxina pesada, o grosso eu faço... lavar azulejos...eles ajuda é claro...as meninas ajuda...os dois pequeno ajuda estorvando também...tem essa sobrinha minha que ta morando comigo também ajuda...mas o grosso, lavar piso, banheiro, sempre é eu que tenho a decisão de vou fazer e pronto, começo fazer depois uma puxa a água a outra seca a outra...e assim a gente vai fazendo...

PESQUISADORA: E o pessoal já sabe o horário de ir pra escola...

ROBERTA: Não, a faxina assim geralmente eu faço de domingo. Agora o horário de ir para a escola sabe. Se eu não to em casa e chego meio dia e meio, quinze pra uma, essa aqui (apontando para a filha mais nova, seis anos) a mais velha sempre da banho, coloca na perua...

PESQUISADORA: Então as meninas mais velhas dão uma....

ROBERTA: É elas dão uma assistência pros menores...

PESQUISADORA: Vamos falar da Alice... o que a escola representa na vida da Alice?

ROBERTA: Eu não sei como ela vê a escola não...

PESQUISADORA: E o que você fala pra ela em relação à escola?

ROBERTA: Ah!...Você sabe que eu não do palpite mais... porque eu acho que não sei...o ensinamento não é como antigamente mais...os professores se vê que eles não se preocupa tanto em ensinar seu filho...eles quer que as crianças...eles num que nem que as crianças vá...porque eu to lá dentro eu to vendo ...se puder ir um...meio aluno e não ir nada é preferível pra eles...eles não tão preocupado em ensinar o seu filho, eles estão preocupados em receber o dinheiro deles...eu to lá dentro, to lá cinco anos eu vejo...eu vejo como funciona, pra eles tanto faz, ter aluno ou não ter...não é filho deles. Então vendo essas coisas eu falo pra Alice, Alice vá pra escola... Se ela fala: Mãe eu não vou uma semana...pra mim é indiferente ela ir ou não ir...é poucos ali...o ensinamento de primeira a quarta sim...eu não deixo eles falta...agora ginásio ...se ela falar mãe eu não vou mais ...demorou põe em outra...que é pior ainda...

PESQUISADORA: A filha mais velha está no primeiro?

ROBERTA: Está no primeiro, eu não sei, a gente nunca... mas ela diz que é bom...as professora pega no pé...a diretora pega no pé...mas eu num to lá pra ver, aqui eu to te falando porque eu vejo, eu sei como funciona de manhã, eu sei como funciona a tarde, sei como funciona a noite...eu to vendo...por isso que eu falo: Vai pra escola? Vai porque vai aprende alguma coisa? Vai porque você não vai aprende... Ali se você ficar fraca no meio do ano você passa no final do ano....se sai daí pra ir pra uma outra escola você se ferra...o que você aprendeu no primeiro ano você vai te que fazer no segundo num ta sabendo fazer o do primeiro...não pego no pé não...Não pelo fato delas...porque Alice é muito estudiosa, Alice gosta de ler, gosta de leitura, Alice se ela ta entocada ela ta lendo, num ta lendo, ta escrevendo, Alice gosta de estuda...Então mas o que ela sabe...em matéria de estudo não é tanto o que o professor ensino, é porque lê, lê muito eu to achando que elas ensina professor lá, porque tem professor que não era pra ta lecionando, escreve tudo errado, problema com R, já viu, não, eu chamei a diretora pra ver escrito na lousa porque eu não acreditei...tem professor que conversa até

errado...então pra mim se falar: Mãe eu não vou mais na escola...demoro...Que ir vem, não que amém!

PESQUISADORA: O que você gostaria que a Alice estivesse fazendo com a sua idade?

ROBERTA: Eu queria que ela tivesse encaminhada... com um bom emprego...um bom emprego...que nem eu falo estuda, estuda pra num te que lavar banheiro de ninguém porque é o que eu fiz mais na minha vida...

PESQUISADORA: E o que seria, pra você um bom emprego hoje?

ROBERTA: Um bom emprego seria (grande pausa) escritório, mexer com contabilidade, mexer com computador que é o que ela gosta... estuda pra montar uma coisinha delas mesmo...isso que eu penso pra elas (longa pausa) porque trabalhar pros outros não está com nada não (balançando a cabeça negativamente, estalando os lábios), trabalhar de empregada eu trabalhei muito (pausa pensativa) trabalhei muito de empregada e trabalho até hoje, e trabalho até hoje... (pausa)

PESQUISADORA: Você acha que não é um emprego...

ROBERTA: Não, eu acho que não... se não que isso pro seu filho (pausa) se não que isso pro seu filho....se vai preenche um currículo: Qual é sua profissão? Empregada doméstica, se cuida se é casada, dona do lar, **escrava do lar**, porque dona do lar ninguém é, é **escrava** (rindo, gesticulando, batendo as mãos nos joelhos), escrava do lar, aí, se trabalha fora? Trabalho, empregada, escrava dos outros, porque quanto mais você faz mais se toma... eu nunca vi uma empregada se sentindo bem...e olha que eu conheço...eu conheço a maioria da cidade universitária, eu conheço a maioria daqui do Guará, eu conheço a maioria da cidade universitária 2, não vejo nenhuma falar bem...sempre faz, sempre a patroa quer mais...Se vai incentiva uma coisa dessa, se vai querer uma coisa dessa pro seu filho? Eu não quero... falo Estuda pra num se capacho dos outros, porque...ninguém merece.

PESQUISADORA: Então quer dizer... se você tivesse que deixar uma mensagem para uma adolescente seria...

ROBERTA: Estude... é o que eu falo sempre, principalmente pros marmanjo que estuda a tarde (onde estuda sua filha)...estuda porque...vem pra patifaria, pra brincadeira, vai

fazer supletivo a noite porque não vai poder ficar perto dos pequenininhos a tarde e estudando a noite vocês pensam que vão aprender o que? Muita coisa? Você pode tirar I I I , você vai passar do mesmo jeito. Você vai arrumar um serviço num escritório, num vai sabe mexer... fazer uma conta de cabeça num sabe fazer um nada.. vai trabalhar num caixa de padaria, dum mercado num vai saber digitar 120 com mais...num adianta, num adianta...por isso que eu falo num falo sófalo pros meu também...estuda ... Porque a vida é cruel, não é qualquer um que aceita você errar quanto é um mais um, não é não? ...se você não tiver na ponta da língua já está dispensado... porque tempo para estudar tem!

PESQUISADORA: No caso da Alice, 13/14 anos, deveria poder ter um trabalho fixo?

ROBERTA: Deveria, eu acho já com 12 anos já deveria, ter um registro, ter uma carteira assinada, seria muito bom pra eles, eu acho que deveria.

PESQUISADORA: Por quê?

ROBERTA: Porque quanto mais cedo trabalhar já vai entrar na fase adolescente, de maior já sabendo né , já sabendo o que eu posso gastar, o que não posso gastar, o que eu ganho, qual a diferença de um registro ou de tempo de carteira, porque hoje em dia se vai arruma um serviço você tem que te três anos de carteira, você tem que ter dois anos de carteira, você tem que te um ano de carteira, tem que te experiência, como que é ter experiência? Então eu acho que é bom já com 12 anos, porque com 18 anos se exige tanto de registro, de experiência, já tem. Eu acho que deveria com 12. Hoje se vai entrar numa firma com 18 com registro, com 17... não tem nada a vê eu acho que deveria ter registro com doze anos já.

PESQUISADORA: É que por lei seria um período pra estudar... só estudar...

ROBERTA: Eles deveriam ver isso lá no Nordeste... aqui não, aqui tem muito emprego deveria ter registro sim!

PESQUISADORA: Você acha que daria para o adolescente fazer as duas coisas?

ROBERTA: Ué dá pra mim... dá pro você...porque o mais velho da pra fazer e ainda cuida de casa, tem mães ali que vai com nenezinho de colo lá, amamenta lá (na escola). Trabalha fora, cuida de casa, cuida de filho, vai estuda. Porque que um adolescente não

pode... Um pouquinho de sofrimento, não é bem um sofrimento é um ensino de vida, um aprendizado, pra ser forte mais pra frente... agora eles prefere deixar... Quem que trabalhar sem registro? Por isso que tem essa vadiagem por aí, as meninas engravidando, se tivessem registro na carteira tava trabalhando, quem que quer trabalha sem registro, ganha o que querem pagar... eu acho que ta muito errado...muita marmota.

PESQUISADORA: Se você pudesse você mudaria isso? Não é só escola que ensina?

ROBERTA: Mudaria registro na carteira com 12! Escola não ensina, você já vai... sabendo, escola só da uma forcinha...

PESQUISADORA: E o trabalho...

ROBERTA: Trabalho ensina, trabalho dá mais disciplina ainda, porque é rígido, ali, horário, tudo se tem horário. Escola não, vê escola aí, não tem horário pra nada, não tem horário pra entrar, não tem horário pra sair, não tem horário pra merenda, não tem horário pra ficarem quieto... ali você entra meio dia, você sai a cinco e fica com aquela falação...não tem, não tem que disciplina tem ali...

PESQUISADORA: Então, você acha que no trabalho se ensinaria melhor... a questão da disciplina...

ROBERTA: Ensinaria, ensinou a mim, ensinou a mim... Porque em cada emprego é um aprendizado diferente, aqui na escola eu aprendi a me controla, os nervo meu (rindo) porque eu entrei eu era muito esquentada...e não pode né que eu to lidando com aluno.

PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que você quer falar?

ROBERTA: Eu só quero que todos adolescentes pense mais no estudo sério porque não é brincadeira, depois quando vê já é tarde... está fazendo supletivo...já ta sabendo que vai passar mesmo...passa sem saber nada...que nem eu (rindo) fiz a quinta e hoje tenho que trabalhar num lugar...eu queria presta pra ser guarda municipal e não posso precisa te a oitava e eu não tenho.

ANEXO 5

EXEMPLO DE ENTREVISTA COM UMA ADOLESCENTE:

ENTREVISTA 02: Alice

Data: 02/03/2006 – 12h40min

Local: residência da entrevistada

Anotações do caderno de campo:

Depois do carnaval, 02/03, quinta feira liguei para Alice às 12h00min perguntando se a entrevista poderia ser logo mais a tarde e ela concordou.

Cheguei a sua casa às 12h40min, apertei a campainha e depois de alguns minutos de espera ela atendeu a porta... aparentava ter acordado a pouco, de banho tomado, vestindo bermuda jeans e blusinha de linha simples, tinha os cabelos presos, estava sorridente mas nervosa com a minha presença...tentei descontraí-la falando do carnaval, mas não tive muito sucesso, assim , depois de falar sobre a pesquisa, agradecer a atenção de sua mãe realizei a entrevista.

Entrevista gravada:

PESQUISADORA: Vamos começar falando da sua infância, antes de entrar para escola quais as suas lembranças?

ALICE: Foi ...meus pais me deram a melhor educação possível faziam tudo o que eu queria, deram tudo o que eu quis, eu sempre morei nessa casa e minha infância foi bem...sempre me deram o que puderam e o que eu queria, é...(Alice não estava tranqüila...parecia falar o “politicamente correto” não querendo se expor, resolvi mudar de assunto)

PESQUISADORA: E na escola como foi?

ALICE: Foi tudo bem, estudo aqui na escola desde o pré e fui até a oitava série aqui e vou terminar o ano aqui.

PESQUISADORA: Você não repetiu, nunca?

ALICE: Nunca, minha mãe sempre tava ali no meu pé pra eu sempre ta passando, foi minha mãe que sempre deu força pra mim passar e com treze anos tirar a oitava...vou sair da escola depois de nove anos...da saudade

PESQUISADORA: Que lembrança você terá da escola?

ALICE: Ah! Dos amigos...os professores sempre foram legais comigo, os melhores possíveis...os amigos são o que mais vai entristecer no final do ano..alguns não vão fazer nem aqui nem na outra...eu vou fazer aqui no bairro mesmo.

PESQUISADORA: Então você já tem seu caminho certo?

ALICE: Já é uma escola aqui perto, eu já conheço umas pessoas e eu vou sair desta e ir para aquela... tenho bastante amigos do bairro que eu conheço que já estudam lá...

PESQUISADORA: Isso ajuda a decidir!

ALICE: Ajuda! Até mesmo porque algumas pessoas dessa escola saíram daqui no meio do ano e foi pra lá e a gente já combinou... quando eu acabar a oitava série aqui eu vou encontrar você lá.

PESQUISADORA: Lá também tem 5ª a 8ª?

ALICE: Tem de 5ª a 8ª de tarde, de manhã tem uma oitava e do 1º até 3º colegial e de noite supletivo é do 1º, 2º e o 3º colegial.

PESQUISADORA: Você seria de manhã então?

ALICE: Talvez ou minha mãe vai me matricular a noite..., eu prefiro mais de manhã, ou de noite.

PESQUISADORA: À noite não tem idade mínima?

ALICE: Não, se não me engano não tem não. Minha irmã estuda de noite lá no ensino médio, normal... é pra pessoa que trabalha geralmente...começam arrumar emprego, trabalhar.

PESQUISADORA: Você já vai estar com 14?

ALICE: É vou fazer 14 esse ano, dia 06 de junho.

PESQUISADORA: Isso já está claro pra você?

ALICE: Está.

PESQUISADORA: E na escola, tem uma disciplina que você gosta mais? O professor que marcou mais?

ALICE: O professor que até hoje eu gosto, mas eu não to tendo aula com ela é a Lucia. Eu gosto muito dela.

PESQUISADORA: Professora de que?

ALICE: Ela é de arte, agora eu estou tendo aula com o Cloves, mudaram um pouquinho os professores. A Lu (esse nome está inaudível) também eu gosto muito dela...são legais com a gente?

PESQUISADORA: E o que eles têm que deixa marca, que faz diferença?

ALICE: Eles eram divertidos, eles chegavam à escola, às vezes estavam com problemas e não jogavam em cima da gente... por que muitos professores fazem isso, então eles eram super legais, assim, eles davam aula diferente, não ficava sempre na mesma aula...conversavam com a gente, sempre assim que a gente tinha alguma coisa pra contar a gente podia contar com eles, era assim, uma família pra gente então foi...tem a Ivone também ela ta dando multimídia pra gente ela sempre foi legal pra gente (inaudível)

PESQUISADORA: Que disciplina que é muito ruim, você tem mais dificuldade?

ALICE: Mais dificuldade? Quando eu preciso pegar bastante na matéria, sempre estar prestando muito atenção, a mais dificuldade que eu tenho é em física e química. Agora começou e eu tenho dificuldade.

PESQUISADORA: É na 8ª que começa?

ALICE: É na oitava, o ano passado, atrasado não tinha, começou esse ano, ano passado, aliás, aí minha irmã como ela já estudou, ela manda bem, algumas coisas eu peço pra ela, tenho uma prima que ta fazendo curso já, faculdade, então eu posso pedir ajuda pra ela...agora a gente ta aprendendo um pouco mais ... pega um pouco no pé nessa matéria mais...

PESQUISADORA: Qual é o seu segredo de ir do pré a oitava série sem repetir... Então você pode considerar que teve sucesso na escola... você não repetiu... Se alguém te

perguntasse: Alice, qual é o segredo? Porque você acha que tanta gente repete, sai, desiste, você não?

ALICE: Tipo assim, às vezes o mecanismo é o pai que ta ali, a mãe que ta ali presente pra pegar no pé, pra falar assim estuda e eu também acho que se eu continuar estudando eu vou ter um futuro... um futuro melhor, porque aí, tipo assim, quando eu sai da escola eu vou arrumar um emprego melhor, tudo bem que hoje em dia está difícil mas ...é o que eu pretendo...mostra o melhor, fazer um curso, uma faculdade completa...é o que eu pretendo

PESQUISADORA: Então você acha que é a família...

ALICE: A família que tem que ta pegando no pé e força de vontade... Vontade de estudar pra ta ali e ter consciência de que você um dia vai ser melhor se você estudar, se você continuar estudando eu acho que é isso...

PESQUISADORA: E pra aqueles que fracassam, que repetem... você teria alguma coisa pra dizer...

ALICE: Muitas vezes não é força de vontade de estudar ou às vezes não tem uma pessoa ali presente pra se coloca assim pra saber o que tem que fazer...o certo e o errado ou às vezes é sei lá, a pessoa não sente mesmo vontade de estar ali estudando ou perdeu a vontade porque alguma coisa aconteceu...é de cada um mesmo...

PESQUISADORA: E a escola poderia colaborar pra que esses alunos tivessem mais sucesso, alguma coisa assim? O que poderia mudar?

ALICE: Ajudar alguns alunos que encontram dificuldades em algumas matérias, porque muitas vezes os professores eles ficam de brincadeira, tipo assim, leva pra sala de informática acha que faz o que quer. Os professores têm que pegar no pé do aluno pra ele se dar bem.

PESQUISADORA: Exigência?

ALICE: Isso, mas também não exigente a ponto de deixar o aluno assim... só naquela aula, fazer só aquilo que ele manda...assim uma aula diferente, uma semana assim...uma coisa diferente...

PESQUISADORA: Você tem alguma lembrança de quando começou na escola no pré, na primeira série...

ALICE: Os amigos né... alguns mudaram foram embora...alguns continuam nessa escola, estão terminando a oitava série comigo...

PESQUISADORA: Tinha alguma atividade que você gostava... que você lembra: nossa isso eu fazia na primeira série...

ALICE: Tinha o parquinho na escola... mas eles tiraram...os professores também eram bacanas...acho que é só isso... colaboraram...

PESQUISADORA: E hoje na escola, você tem um relacionamento legal?

ALICE: Tenho... assim, tem algumas pessoas que entraram esse ano que não foram muito com a minha cara, mas eu não faço nada ... assim pra não irem com a minha cara...eu tenho que fazer o melhor possível pra ter amigo...tanto é que quando entram eu já começo a fazer brincadeira pra descontrair um pouco pra aceita o amigo...tenho amigos que já foram embora, então eu tenho que sempre fazer novos amigos pra não ficar sozinha...mas eu não posso fazer nada com as pessoas que não vão com minha cara desde a quinta série, quarta.

PESQUISADORA: E porque você acha que isso acontece?

ALICE: Não sei vai ver que é porque a pessoa nunca conversou comigo assim...e acha que ...pelo jeito que eu vou...geralmente vou bem vestida, toda de preto as vezes, que eu gosto bastante mesmo do meu estilo, não gostam do meu estilo, o tipo de música que eu curto...me vê conversando...tenho vários amigos e a pessoa pode não ter muitos porque sempre assim eu to rodeada de amigos, eu nunca to sozinha mesmo que seja só de meninos to sempre com algum amigo ou amiga.

PESQUISADORA: Tem escola que tem a turma do Rock, a turma do Funk, a turma dos pagodeiros...

ALICE: Isso!

PESQUISADORA: Aqui também tem?

ALICE: Olha geralmente não, eu curto um pouco de tudo, mas tem algumas pessoas que preferem se distancia...tem algumas meninas que são assim de nível mais

alto...patricinha elas preferem não se enturma com a turma de roqueiro, que gosta de pagode, de funk essas coisas. Elas preferem não se misturar, elas ficam no canto delas...mas assim, eu converso numa boa...tenho amigas patricinha por todos os lados, não vejo nada de diferente...acho que todo mundo é igual...

PESQUISADORA: Dá pra ter uma convivência...

ALICE: Dá...legal!

PESQUISADORA: Você se encaixaria em que grupo?

ALICE: Olha no do pagodeiro, funkeiro, de todos, agora no de patricinha já não sou muito chegada não!

PESQUISADORA: E que música que é de patricinha?

ALICE: Ah, elas curtem mais pop, essas coisas...não curtem ...algumas curtem funk assim...que agora é a moda...mas não curtem rock assim como eu curto...

PESQUISADORA: Que usa roupa preta é... que grupo que usa?

ALICE: Rock, é roqueiro, geralmente sim.

PESQUISADORA: Além da escola... a gente sabe que...a gente não aprende só na escola... a gente aprende fora dela, fica 4, 5 horas na escola, o restante fora dela, que outro espaço de curtir amizade que você aprende coisas que você conversa...

ALICE: Olha, eu converso bastante assim, quando não to na escola, na hora vaga eu fico geralmente em casa de fim de semana... quando ta um feriado, um fim de semana eu vou na Lion mexer no computador porque o computador é a minha cara eu gosto muito, tanto é que eu tenho amigos lá de Minas Gerais, da Bahia que eu nunca vi, só por foto mesmo...eu converso geralmente, toda vez eu converso em internet...eu nunca cheguei a conhecer alguém lá de Minas que veio pra cá pra me conhecer isso nunca mas tipo assim já rolou alguma vez da gente marca pra ficar...mas eu falei não, não ... uma pessoa tava querendo que eu fosse pra Angra eu falei não, não vou sozinha, eu sou de menor e ele era de maior, não não vou não, não conheço a pessoa, vai que ela mentiu tudo sobre ela, falei não,prefiro não ir

PESQUISADORA: Como é que chama esse lugar?

ALICE: One house ... o nome é Lion One...mas tem que pagar também a hora... Meu pai falou que esse ano...mas pro meio quase na data do meu aniversário ele vai me dar um computador...se ele esquecer pode cobrar ele que ele dá.

PESQUISADORA: É o sonho? Presente de 14 anos?

ALICE: O sonho... Computador já ta programado. É, tudo o que eu queria já tinha ganhado, agora falta um computador mesmo pra completar.

PESQUISADORA: Sua irmã também gosta?

ALICE: Minha irmã, nossa! Ela ama computador! Tanto é que minha tia ...deu de aniversário pra ela o curso então ela fez muito tempo na Projeto...aí minha tia perguntou se eu queria fazer eu falei não, só de ver a minha irmã mexendo eu aprendi algumas coisa e agora eu to mais no meio comecei mais fazendo esse tipo esse negócio de ficar falando Orkut e MSN no comecinho do ano e agora já to interada no mundo da Internet, no mundo virtual. Tudo com o incentivo da minha irmã, do meu primo, das minhas primas que eles também mexem bastante e com o incentivo deles eu falei assim agora também eu gosto não saio mais da internet... até é prejuízo ir na Lion e pagar o que eu gasto ... quase a minha mesada inteira mexendo no computador...Tem outro lugar que também eu vou...agora não to indo tanto mas geralmente todo domingo ia eu a minha irmã mais algumas amigas a gente vai lá no D Pedro, no Shopping, a gente não saia de lá, mas agora não ta tendo tanto movimento porque fecharam a patinação onde a gente sempre ficava, agora como elas tão trabalhando vai eu e minha irmã, vai da uma voltinha quando a gente vê que ta ficando chato a gente vem embora ... é pertinho ... a gente só vai mesmo pra encontrar os amigos a gente combina com pessoal de lá de Paulínia...de outros lugares.

PESQUISADORA: Na escola tem informática?

ALICE: Tem professores, eles levam, a gente combina assim, quando é uma aula no computador, eles deixam fazer a pesquisa e quem termina eles deixam entrar onde quiser na Internet...deixa navegar

PESQUISADORA: Ah!Então eles dão uma tarefa...

ALICE: Aí quem terminar pode mexer, mas geralmente nem todos os alunos fazem... eu sempre falo assim: primeiro a lição, depois a diversão .. Primeiro eu prefiro fazer tudo assim, mesmo que não de tempo de mexer, prefiro ganhar nota a ficar mexendo num negócio que eu sei que não vai...muitas vezes pode não trazer futuro...

PESQUISADORA: Tem poucas aulas?

ALICE: É geralmente tem de 2 a uma, nunca passa de 2 ou 1 aula por semana, mas não são todos os professores que gostam de levar... são só alguns.

PESQUISADORA: Como é sua relação com os seus pais e professores?

ALICE: E me dou bem com minha família, converso ... me dou bastante bem com meu pai, com algumas tias não muito...normal... com a família de minha mãe inteira me dou bem ...

PESQUISADORA: O que eles passam pra você?

ALICE: Alguns, eles completaram ... a minha avó é aposentada, ela foi enfermeira, a minha tia também é enfermeira elas fizeram faculdade e agora elas estão aí enfermeira então eu também quero alcançar meu objetivo ...pode ser que eu não queira ser enfermeira também, mas alguma coisa assim tipo...agora não tenho em mente o que eu quero fazer antes eu queria ser professora mas não...é muito pesado ser professora, aí eu desisti um pouco, sou professora assim só do meu irmão que ele pergunta alguma coisa eu vou lá e ajudo...algumas coisas que a minha irmã não aprendeu na escola aí ela pede pra mim eu ajudo também....pesquisa assim com os amigos geralmente assim eu sou uma das escolhidas pra ajudar fazer trabalho na sala...

PESQUISADORA: Tipo líder?

ALICE: É geralmente assim quando ...uma vez eu caí num grupo que só tinha menino eles não fizeram nada fiz o trabalho inteira sozinha...tiraram nota por causa de mim. Sempre que eu vejo que uma pessoa não vai procurar eu sempre faço alguma coisa pra tentar procurar geralmente a maioria dos alunos da minha sala tem computador eu falo assim tenta procurar isso na Internet eu fico com a parte dos livros ... eu ajudo em bastante coisa assim...

PESQUISADORA: Você já falou um pouquinho sobre lazer, você acha que você tem bastante espaço de lazer, gostaria de ter outros, como funciona?

ALICE: Tenho, só algumas coisas que eu ainda não posso fazer por causa da minha idade, freqüentar balada essas coisas ... mas eu até nem sinto muita vontade de ir... minha irmã vai, uma vai, me chama, eu não quero ir não...aquele dia eu tava até desistindo de ir e acabei indo, porque eu falei não, minha mãe até mesmo falou , vai se diverte um pouco ...a semana inteira...desde o mês passado estava sem sair só to indo aqui na Liom mesmo aí fiz novos amigos, acabei encontrando pessoas que não via desde o meio do ano passado acabei encontrando, conversei bastante...

PESQUISADORA: No carnaval?

ALICE: Isso, eu conversei bastante...teve pessoas que eu não conhecia, fiz amizade agora a gente vai marcar de se encontrar, sair, conversa...

PESQUISADORA: Então tem espaço de lazer?

ALICE: Tem aqui é bem fácil de divertir, até mesmo porque geralmente tem uma festinha aqui, uma quermesse ali, agora vai começar as quermesses, eu vou, que eu gosto de dança, não fico parada.

PESQUISADORA: Quem faz, quem patrocina essas quermesses?

ALICE: É um cara chamado Renato lá do loteamento, aí tem o Donizete que fica na parte do som e o Bruno também, eu conheço essas pessoas...

PESQUISADORA: Tem m salão?

ALICE: Não, geralmente eles fazem assim, tipo alguns salões de igreja, aí eles fazem e a gente fica sabendo por pessoas que convivem geralmente com eles, ficam sabendo por grupos que dançam também, eles sempre tão avisando a gente, fica sabendo a data, avisa a gente e a gente vai.

PESQUISADORA: E igreja você freqüenta alguma, tem alguma relação com alguma?

ALICE: Não, minha avó freqüenta, ele me levava, aí eu deixei de ir, no meio do ano passado, agora não to freqüentando, mas eu continuo acreditando em Deus.

PESQUISADORA: Sobre trabalho? Já trabalhou alguma vez?

ALICE: Trabalhar não, nunca precisei.

PESQUISADORA: Sua irmã também não?

ALICE: Não, ela tá procurando, procurando emprego, mas trabalhou assim só de babá, ela já cuidou de criança...mas trabalhar assim eu nunca trabalhei.

PESQUISADORA: E aqui, você tem alguma tarefa...assim: a Alice tem que fazer tal coisa?

ALICE: Tenho, arrumar a cozinha, eu sempre tô arrumando cozinha, dar comida pros cachorros, só isso...

PESQUISADORA: A sua mãe divide?

ALICE: Divide pra não sair briga, um não fazer o outro ficar quieto, um ficar sentado, outro tá dormindo... só essa semana que eu tô acordando meio tarde e a minha prima tá fazendo a minha parte...

PESQUISADORA: Ah! Então você está abusando da sua prima!

ALICE: Não é que essa semana eu voltei cinco horas e tô acordando meio dia, então o sono tá vindo a toda, só a outra semana eu vou ter que começar acordar mais cedo por causa das aulas ... acabou a folga.

PESQUISADORA: Você já falou um pouco também...qual o significado dos estudos na sua vida. Qual o papel do estudo na sua vida?

ALICE: Eu acho importante porque uma pessoa que não sabe ler, escrever, fazer contas essas coisas, não vai ter um futuro bom, porque hoje em dia até pra ser faxineira você precisa ter estudo. Eu acho que o estudo é importante na vida dos outros ... tanto é que tem amigos meus que param de estudar, eu encontrei aqui, encontrei ali, falei, que tem volta a estudar, tem pessoas que eu conversei e fiquei sabendo que voltou a estudar, falei assim, que bom que influenciei um pouco a estudar, alguns alunos da minha sala que tipo assim, não gostam de estudar vai na escola e não estuda, não faz nada o dia inteiro...tem um menino na minha sala, às vezes eu sento perto dele faço ele, por menor que seja, uma linha eu faço ele copiar, ajudo umas pessoas que tem dificuldade assim que eu tenha entendido a matéria, peço ajuda quando eu preciso coisas que eu não entendo... se eu não entendi uma matéria com um professor eu vou lá, aí pergunto de novo pra ele, aí ele vai e explica até, assim, eu saber o que é pra fazer, como é pra fazer,

sempre to procurando dar o melhor de mim na escola, tanto na escola como fora da escola.

PESQUISADORA: Você acha que só o diploma é suficiente?

ALICE: Eu acho que não ... eu posso ta estudando, não aprende nada e ganha o diploma ... então eu tenho que ta estudando assim como consegui o diploma eu tenho que saí da escola sabendo alguma coisa ... eu acho que só o diploma não é o suficiente.

PESQUISADORA: Você está conseguindo?

ALICE: To, só o ano passado eu tive um pouco de dificuldade... no meio do ano eu tive um pouco de dificuldade porque um professor foi mandado embora, aí no finalzinho do ano entrou uma professora, a professora explicou a matéria toda de novo, aí ela começou dar um reforço, aí ela falou que mesmo que eu não precisasse eu freqüentei pra saber se eu tava mesmo craque pra entrar na oitava série sabendo as coisas da sétima, aí eu fui, agora eu estou, aprendi mais a matéria.

PESQUISADORA: E sobre o futuro, o que você pensa sobre o futuro?

ALICE: Olha, eu espero que seja melhor que algumas pessoas que eu conheço que hoje estão trabalhando de faxineira, essas coisas. Eu pretendo ter uma faculdade, me formar ... ah!!! ... ter um futuro assim...

PESQUISADORA: O que você sonha estar trabalhando?

ALICE: Olha, eu não pensei nisso, às vezes eu fico pensando, não sei se eu quero ser professora, tem muitas coisas com a qual eu gostaria de fazer, depois eu não tenho certeza mesmo do que eu quero, só isso...

PESQUISADORA: Quando você vê, por exemplo, um filme, uma televisão, uma novela, esse tipo de coisa, que tipo de pessoa você vê e pensa: puxa eu queria estar assim, eu queria fazer isso...

ALICE: Ah! Professora de dança, quando eu vejo assim alguma coisa de dança, sempre eu to... nunca fico quieta... quando começa toca uma música, mesmo que eu to deitada eu começo a balançar o pé, a mão, eu nunca fico quieta, eu gosto de dança mesmo... até mesmo porque minha mãe também gostava, então, quando eu nasci eu acho que já nasci

com música porque eu sempre to ouvindo música, to dançando, mesmo que eu esteja triste eu coloco uma música, eu danço, eu alegre, to sempre trazendo alegria...

PESQUISADORA: Se tivesse uma profissão ligada à dança você gostaria?

ALICE: Gostaria...

PESQUISADORA: Você acha que dá certo?

ALICE: Ah! Pra algumas pessoas sim, pra algumas não, só mais com o tempo mesmo pra saber ... mas eu prefiro ter certeza do que eu quero mesmo antes de arriscar uma profissão, eu vou ta procurando ver faculdade, essas coisas, tá me formando em algum curso, quem sabe eu melhora um pouco minha informática, posso ta ... fazendo alguma coisa com computador que eu gosto mesmo de mexer...

Anexo 6

Tabela - Relação entre as disposições dos jovens quanto ao futuro escolar e à entrada no mercado de trabalho e a ocupação e escolarização dos pais.

Entrevistado	Projeto de futuro profissional/escolar	Trajetória escolar da família	Profissão/escolaridade mãe	Profissão/escolaridade Pai	Idade que os pais começaram a trabalhar
1- Alice	Não ser faxineira. Ensino médio noturno em colégio público.	Ascensão: avó supletivo, mãe 5ª série, filha terminando o 1º grau	Merendeira de escola/cursou até 5ª série.	Serviços gerais/ ensino fundamental incompleto	Mãe aos doze anos como babá.
2- Fábio	Trabalhar em mercado, lojas. Cursar o ensino médio para depois ir para o exército.	Ascensão: pai 7ª série, mãe 5ª série e filho terminando o 1º grau.	Doméstica/cursou até 5ª série.	Pintor de parede/cursou até a 7ª série.	Pai aos doze anos como vendedor de frutas. Mãe aos dezanove anos como doméstica.
3- Júlia	Trabalho "o primeiro que tiver eu pego...qualquer um que me dê um dinheiro bom" e estudar a noite.	Ignorada	Falecida A tia, atual responsável, cursou até a sétima série.	Falecido	Ignorada
4- Denise	Não sabe o tipo de trabalho, já "ajuda" a avó como babá. Ensino médio a noite.	Ascensão: avó 5ª série, mãe cursando a sétima, filha terminando o 1º grau.	Doméstica/cursando o supletivo- 7ª série.	Caminhoneiro	Mãe aos doze anos como babá.

Entrevistado	Projeto de futuro profissional/escolar	Trajatória escolar da família	Profissão/escolaridade mãe	Profissão/escolaridade Pai	Idade que os pais começaram a trabalhar
5- Ariana	Não sabe o que fazer, talvez curso técnico e faculdade de Turismo. Gosta de medicina mas julga não ser boa profissão para uma mulher.	Pais com nível universitário	Dona de casa/ fez Administração de empresa no Rio e trabalhou de bancária e professora de matemática.	Médico exercendo a profissão em dois hospitais públicos.	Mãe após o ensino médio, pai após a conclusão do ensino universitário.
6- Denis	Curso técnico em eletrônica e depois faculdade.	Ascensão: avós analfabetos, mãe com ensino médio, tios e primos paternos com nível universitário.	Doméstica/ concluiu o ensino médio.	Aposentado por invalidez, ensino fundamental incompleto.	Mãe aos oito anos na agricultura.
7- Dirceu	Ensino médio ou técnico, tentar trabalhar à tarde embora o pai não goste da idéia. Faculdade de propaganda.	Ascensão: avós com pouca escolaridade. Pai: curso profissionalizante em eletro técnica Mãe: ensino médio.	Dona de casa/ concluiu o primeiro grau.	Técnico em eletrônica. possui uma pequena empresa de prestação de serviços em eletro técnica.	Pai aos dezessete anos na fazenda onde morava.
8- Gustavo	Fará o pré-colégio técnico para entrar em colégio técnico público de bom nível de ensino. Tentará conciliar atividades artísticas com a formação universitária.	Ascensão: avós com ensino médio. Mãe com nível universitário e pai com doutorado.	Fez educação física, é funcionária pública como professora na secretaria de esportes.	Fez engenharia elétrica, mestrado e doutorado na área de artes e hoje trabalha como professor numa universidade pública.	Ambos entraram no mercado de trabalho após a formação no curso superior.

Entrevistado	Projeto de futuro profissional/escolar	Trajetória escolar da família	Profissão/escolaridade mãe	Profissão/escolaridade Pai	Idade que os pais começaram a trabalhar
9- Sara	Fará o pré-colégio técnico para entrar em colégio técnico público de bom nível de ensino. Faculdade de Publicidade e trabalhar com eventos.	Avô materno com doutorado, avó materna com nível universitário e mãe com doutorado.	Professora universitária aposentada.	Falecido	Mãe só entrou no mercado de trabalho após a conclusão do ensino superior.
10- Vicente	Ensino médio em colégio privado. Engenharia Civil e ter uma construtora.	Ascensão: Avós com pouca escolarização, pai com doutorado e mãe com nível universitário.	Nutricionista em instituição pública.	Professor de química em universidade privada.	Ambos entraram no mercado de trabalho após a formação no curso superior.
11- Paulo	Informática em colégio técnico público de bom nível de ensino. Mecatrônica em universidade pública de qualidade. Operar na bolsa de valores.	Ascensão: Avós com ensino médio, pais com nível universitário.	Psicóloga em consultório particular.	Engenheiro elétrico em setor privado.	Mãe após o ensino médio. Pai após a conclusão do ensino superior.
12- Francisco	Fará o pré-colégio técnico para entrar em colégio técnico público de bom nível de ensino. Economizar dinheiro. Cursar Educação Física e montar sua própria academia.	Ascensão: avós com pouca escolaridade, pai com nível universitário e mãe ensino médio.	Revendedora de catálogo, ensino médio.	Engenheiro Químico em cargo de chefia em empresa multinacional.	Mãe aos quatorze anos em escritório. Pai após o término do ensino técnico.

Entrevistado	Projeto de futuro profissional/escolar	Trajetória escolar da família	Profissão/escolaridade mãe	Profissão/escolaridade Pai	Idade que os pais começaram a trabalhar
13- Carlos	Não sabe onde fará o ensino médio, gostaria de trabalhar com pintura, tatuagem, mas para ganhar mais dinheiro continuaria o trabalho de seu pai, independente disto faria universidade (que para os pais é importante).	Pai ensino técnico, mãe formação universitária.	Professora de ensino fundamental da rede pública de ensino.	Autônomo, possui uma firma de limpeza de piso com seis funcionários.	Mãe aos treze anos no comércio. Pai aos quatorze anos como aprendiz na indústria.
14- Lucas	Pensar em "fazer" ensino técnico. Também manifesta o desejo de trabalhar para "gastar mais no shopping". Fala em fazer faculdade de jornalismo e ser fotógrafo "de mulher"	Avô pouco escolarizado, mãe com ensino médio.	Funcionária Pública de nível médio.	Desempregado.	Mãe depois de concluir o ensino médio.